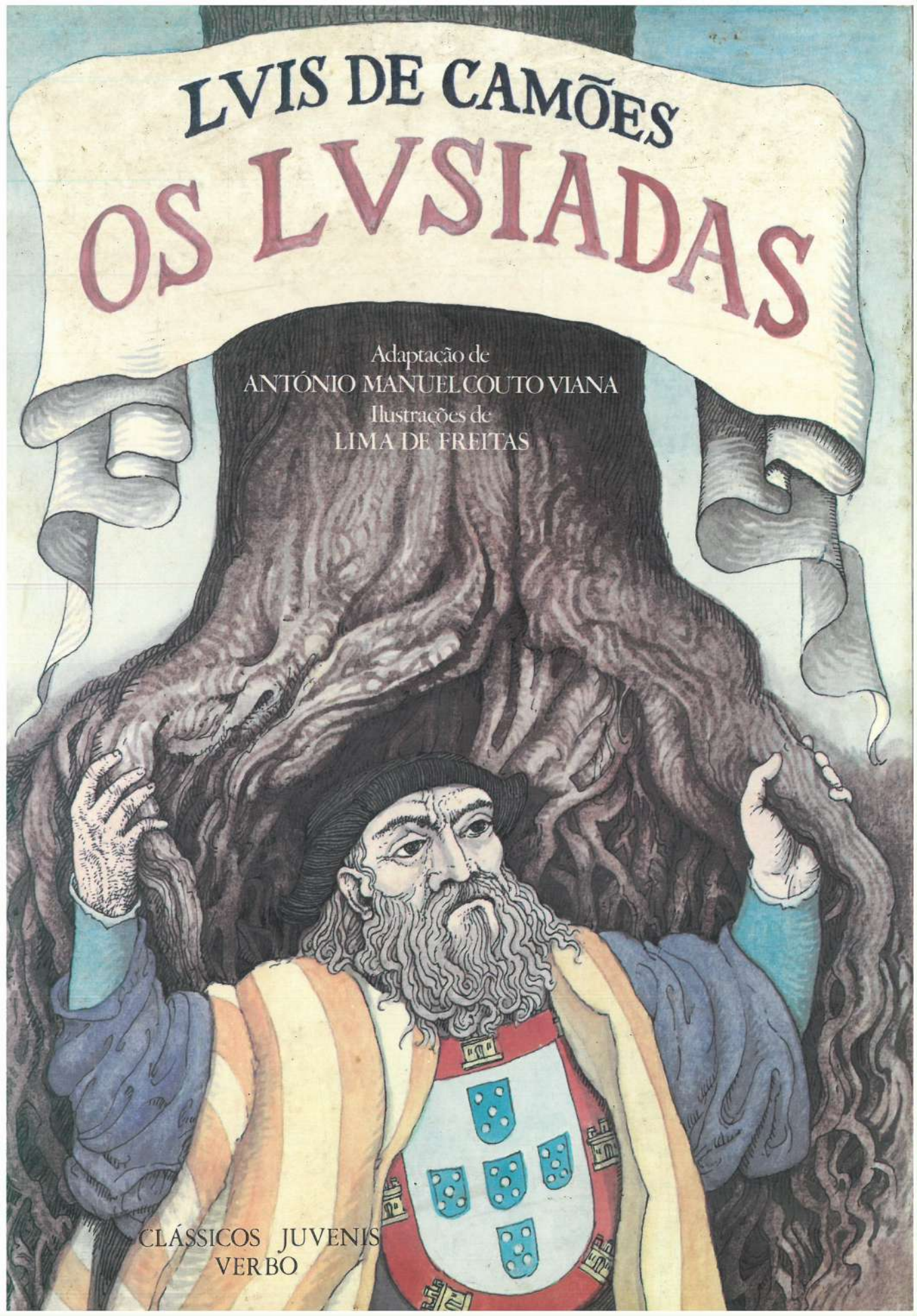
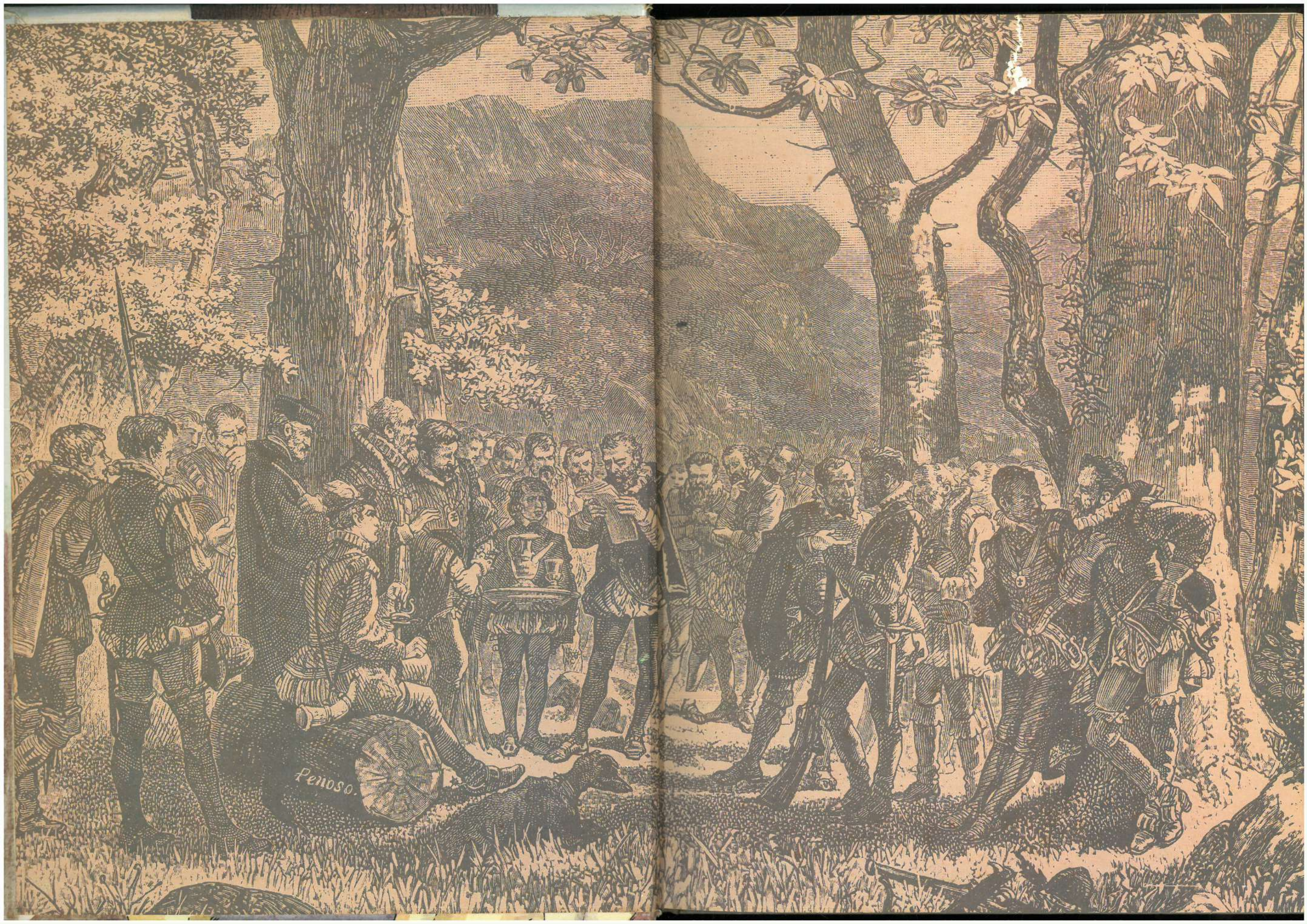
LVIS DE CAMÕES
OS LVSIADAS
Adaptação de
ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA
Ilustrações de
LIMA DE FREITAS
CLÁSSICOS JUVENIS
VERBO

Penoso.

OS LUSÍADAS

Composto e impresso por Gris Impressores, em Abril de 1980

Nas guardas: Camões lendo Os Lusíadas *ao rei D. Sebastião na Penha Verde, em Sintra. Desenho de Manuel Macedo, executado por ocasião do III Centenário da morte do Poeta.*

LUÍS DE CAMÕES

OS LUSÍADAS

Adaptação de
ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA
Ilustrações de
LIMA DE FREITAS

Editorial VERBO

NOTA DOS EDITORES

Esta adaptação de *Os Lusíadas,* inserida na Colecção Clássicos Juvenis, não é totalmente contada em prosa. Porquê esta originalidade?

Tudo se adapta – ao cinema, à rádio, à televisão ... Mas há limites. Assim como nunca se fez a adaptação de uma ópera ao cinema mudo (pois qual a vantagem?) não se pode também fazer calar as sonoridades da epopeia sem a destruir.

Estamos perante um processo de iniciação. Os textos de ligação entre as estâncias são a substituição dos percursos mais espinhosos, ou mais áridos, ou mais profundos, ou de todo inacessíveis ao não iniciado – substituição por outro percurso mais fácil, que o ajudará a subir, até pela cadência por vezes intencionalmente decassilábica da prosa, aos mais altos cumes da poesia antologiada. Antologia que insere e excede a escolarmente obrigatória.

A primeira leitura de *Os Lusíadas* foi feita pelo próprio autor, crê-se que numa clareira da mata de Sintra, perante El-rei D. Sebastião.

Aí, sob as sombras rumorosas, pela primeira vez se ouviu no mundo essa epopeia grande como as maiores que foram escritas antes, de Homero, de Virgílio, de Dante; maior do que todas as que se escreveram depois.

Rei e cortesãos só tinham ouvidos para o Poeta. Calaram-se para eles as aves do céu que enchiam de coloridos chilreios os arvoredos de Sintra, calaram-se as águas sussurrantes, os ventos velozes suspenderam o desordenado voo ...

Também para ti, leitor, se vão calar neste momento os ruídos mais agudos e trepidantes deste século XX.

Atenção, pois ... Alguma coisa de novo se vai passar à tua volta. Não vais ler ... Vais ouvir ...

Ouve, ó leitor, se o não ouviste ainda, o Poeta cantar as primeiras estrofes ...

CANTO PRIMEIRO

As armas e os barões assinalados
Que, da ocidental praia lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando:
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio grego e do troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloquo e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham enveja às de Hipocrene.

Dai-me uma fúria grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no Universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

E vós, ó bem nascida segurança
Da lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande;

Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma árvore, de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos mostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele para si na Cruz tomou);

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro;
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando desce o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que inda bebe o licor do Santo Rio:

Inclinai por um pouco a majestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

Vereis amor da pátria, não movido
De prémio vil, mas alto e quase eterno;
Que não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

Ouvi, ó rei Sebastião: neste meu livro não me vereis honrar os vossos vassalos com vãs façanhas fantásticas, fingidas, mentirosas, tal como fizeram outros poetas que, desejosos de celebridade, inventaram heróis e batalhas e glórias. Porque os heróis portugueses são reais e as suas glórias excedem quanto possa imaginar-se.

Em vez dos cavaleiros Rodamonte e Rugeiro, criação de Boiardo e de Ariosto, ou mesmo de Rolando, embora verdadeiro, exaltarei, aqui, Nuno Álvares Pereira, que serviu o seu rei e o seu reino com a maior bravura; e ainda Egas Moniz e D. Fuas Roupinho, bem dignos da inspiração de Homero. Em vez dos Doze Pares de França, dar-vos-ei os Doze de Inglaterra e o seu Magriço; e também o ilustre Vasco da Gama, mais famoso do que Eneias, celebrado por Virgílio. Em troca de Carlos Magno e de Júlio César, guerreiros excelentes, vereis D. Afonso Henriques, cuja lança ofusca qualquer valor alheio; vereis D. João I, que, na vitória de Aljubarrota, assegurou a independência portuguesa; vereis D. João III, cavaleiro invencível; vereis D. Afonso III, D. Afonso IV, D. Afonso V ... E o meu livro lembrará ainda aqueles que, pelas armas, tornaram a vossa bandeira sempre vencedora: o fortíssimo Duarte Pacheco Pereira, os temidos D. Francisco e D. Lourenço de Almeida, mortos longe da pátria e por quem o Tejo chora de saudades; o terrível Afonso de Albuquerque, o corajoso D. João de Castro e muitos outros que a morte jamais fará esquecer.

Enquanto eu celebro estes heróis (e não a vós, ó sublime rei, pois não me atrevo a tanto), tomai as rédeas do governo e logo dareis motivo a uma epopeia nunca ouvida. Fazei sentir o poder dos vossos exércitos às terras de África e aos mares do Oriente, para espanto do mundo.

O moiro cruel tem os olhos postos em vós e já inclina o pescoço submisso ao jugo português. Tétis, deusa dos mares, ambiciona ter-vos por seu genro, para que venhais a herdar o governo das águas. Dos Céus, onde moram, descem até vós as almas famosas de dois vossos antepassados, D. João III e o imperador Carlos V: o primeiro, grande na paz; o segundo, bravo na guerra. Eles esperam ver renovadas em vós as suas altíssimas virtudes e, lá, no paraíso, têm-vos um lugar reservado por toda a eternidade. Mas, enquanto não chegar esse tempo de governardes tantos povos que o desejam, permiti que vos ofereça este meu livro: nele vereis, sulcando os mares irados, os navegadores portugueses. Os navegadores portugueses orgulhosos de serem vistos por vós. Por vós que, muito em breve, sereis invocado, como eles, pelos feitos gloriosos que fizerdes.

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas,

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu formoso,
Vêm pela Via Láctea juntamente,
Convocados, da parte de Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

Deixam os sete Céus que cada um governa por mandado de Júpiter, senhor supremo do céu, da terra e do mar. Ali se acharam reunidos, num momento, todos os deuses que habitam os hemisférios norte e sul, e as partes onde nasce a aurora e o Sol se esconde.

Dignamente sentado num trono de estrelas estava Júpiter, empunhando os raios forjados por Vulcano, símbolos da sua justiça. Transparece-lhe no rosto a beleza que é própria da divindade. A coroa e o ceptro que ostenta são feitos de uma pedra mais refulgente que o diamante.

Em assentos marchetados de oiro e de pérolas, mais baixos do que o trono de Júpiter, sentam-se os outros deuses, distribuídos segundo a hierarquia ali respeitada: os mais velhos em lugar superior e os mais novos em lugar inferior.

Mal ficou completa a assembleia, Júpiter principiou a falar, num tom de voz grave e tremendo:

– Ó moradores eternos das regiões celestes, se tendes vindo a acompanhar, com o pensamento, o grande valor da gente lusitana, deveis saber, claramente, quanto ela se esforça por ultrapassar e fazer esquecer ao mundo os feitos gloriosos dos povos assírios, persas, gregos e romanos.

Já lhes foi, como vistes, concedido, embora sendo poucos e fracos, vencer os moiros fortes e numerosos, ocupando toda a terra banhada pelo Tejo ameno. Também o Céu os favoreceu contra os terríveis Castelhanos, permitindo-lhes ser os vencedores das sangrentas batalhas. E não falo já naquelas outras vitórias antigas contra os Romanos, alcançadas sob o comando de Viriato, ou do seu sucessor, o valente Sertório: esse que adorava uma corça como deusa.

Vedes, agora, como se atrevem a maiores empresas, afrontando o mar incerto, num simples madeiro frágil, por caminhos nunca percorridos, sem medo à violência dos ventos, para descobrirem as terras de onde nasce o dia. Foi-lhes prometido, pelo destino, o domínio do mar. Passaram já, na crueza das ondas, um Inverno duro. Vêm perdidos e cansados. Parece-me que é tempo de se lhes mostrar a nova terra desejada. E porque, como vistes, têm enfrentado, durante a viagem, perigos sem conta, sofrendo o furor dos ventos, experimentando variados climas, ordeno que sejam recebidos como amigos nesta costa africana. E depois de descansarem e se abastecerem, que continuem a seguir a sua longa rota.

Ouvidas estas palavras de Júpiter, os deuses, segundo as suas categorias e idades, foram chamados a dar opinião e a expor argumentos. E

quantos deles contraditórios! Baco, por exemplo, não aprovava as ordens de Júpiter, pois via, com elas, ofuscada a sua influência na Índia, mal os Portugueses lá desembarcassem. Soubera por velhas profecias da chegada àquelas terras orientais de uma frota fortíssima, vinda de um país cristão, e que faria esquecer o prestígio do seu nome ao gentio que há tanto subjugava.

Opunha-se-lhe a formosa Vénus, afeiçoada aos Lusitanos, por ver neles semelhança com o seu amado povo romano, nos corações intrépidos, nas vitórias marroquinas e, até, na língua que, com raras diferenças, lhe parece latina.

E a discussão entre ambos os deuses (Baco temendo a sua derrota e Vénus querendo honrar os seus protegidos) gera tal tumulto que dir-se-ia o deflagrar de um forte furacão, destruindo a sombria espessura das selvas, espalhando folhas pelo ar, agitando, em bramidos, as montanhas, numa braveza desmedida. Porém, Marte, que resolvera apoiar Vénus, ou por antigo amor à deusa do Amor, ou por admirar a coragem lusa, levantou-se, irado, de entre os companheiros, e, com o pesado escudo atirado para as costas, erguida a viseira do elmo de diamante, pôs-se em frente de Júpiter, dando com o bastão uma pancada tão violenta no trono paterno que todo o Céu tremeu e Apolo, o deus do Sol, empalideceu de medo. No silêncio que, súbito, se fez, exclamou assim o deus da guerra:

– Ó pai, se não queres ver sofrer os nautas portugueses, que tanto prezas, não oiças mais, pois és juiz supremo, as razões de alguém que eu tenho por suspeito. Seria natural que Baco defendesse essa gente corajosa, pois ela descende do seu filho Luso. Porém, a exagerada sanha com que a ataca mostra-nos logo como ele é invejoso e temeroso das glórias portuguesas; como ele representa, assim, o Mal, pois nenhum Bem inveja o bem alheio, merecido e desejado pelo Céu.

E tu, ó pai, não voltes com a palavra atrás, pois é prova de fraqueza desistir da obra começada. Ordena a Mercúrio, tão ligeiro como vento e ágil como a seta, que mostre aos Lusitanos uma terra onde colham informações da Índia e onde se abasteçam.

Quando Marte terminou tais falas, Júpiter inclinou a cabeça, em sinal de assentimento. E, espargindo néctar sobre todos os deuses, mandou-os embora. Logo cada um partiu pelos caminhos celestes da Via Láctea, em direcção às respectivas moradas, comentando os sucessos do encontro.

Enquanto, no Olimpo, decorria o concílio dos deuses, os nautas lusita-

nos sulcavam o mar entre a costa africana e a ilha de Madagáscar. Era nos fins de Fevereiro, entrava o Sol no signo dos Peixes. Navegavam sob um céu limpo de nuvens, impelidos por um vento brando. De repente, o mar descobre-lhes novas ilhas no horizonte. Mas Vasco da Gama não vê razão para desembarcar, pois a terra parece-lhe desabitada. Enganava-se, porém. Da ilha mais próxima da costa surgem alguns pequenos batéis, de largas velas desfraldadas. Os Portugueses, ao vê-los, exultam de alegria e interrogam-se, curiosos:

– Que gentes serão estas? Que costumes terão? Que religião? Que rei?

As embarcações, muito velozes, estreitas e compridas, traziam velas de esteira, tecida com folhas de palma, e os tripulantes eram de cor negra. Vinham todos vestidos com panos de algodão, brancos e listrados, que lhes cingiam as ancas, deixando o tronco nu. Tinham por armas adagas e terçados, usavam uma touca nas cabeças e tocavam estridentes anafis. Acenaram com os braços e com panos, pedindo aos Portugueses que esperassem, e logo as proas inclinaram para as ilhas, onde amainaram. Parecia que a viagem lhes acabava ali, pois todos trataram de colher velas, arriar a verga alta e lançar âncoras.

Mal os Portugueses fundearam, aquela gente estranha começou a subir alegremente pelo cordame das naus. Vasco da Gama recebe-os com toda a cortesia, mandando logo que se lhes pusessem mesas com comida variada e se enchessem grandes jarros de vidro com vinho. Enquanto comiam, interrogavam os Portugueses, em língua árabe, para saber quem eram, de onde vinham e o que buscavam. E os navegantes respondiam-lhes discretamente segundo a conveniência:

– Somos Portugueses e vimos do Ocidente em busca das terras da Índia. Passámos, já, diversos céus e terras, navegando do Norte ao Sul, rodeando toda a costa africana. Somos vassalos de um rei poderoso e queremos-lhe tanto que, por amor dele, teríamos sulcado todos os mares do mundo, descendo, até, os rios do inferno. A seu mando, viemos em demanda das terras do Oriente, por águas ignoradas.

E agora, se não temeis falar a verdade, dizei-nos quem sois, como se chama a ilha que habitais e se acaso sabeis novas da Índia.

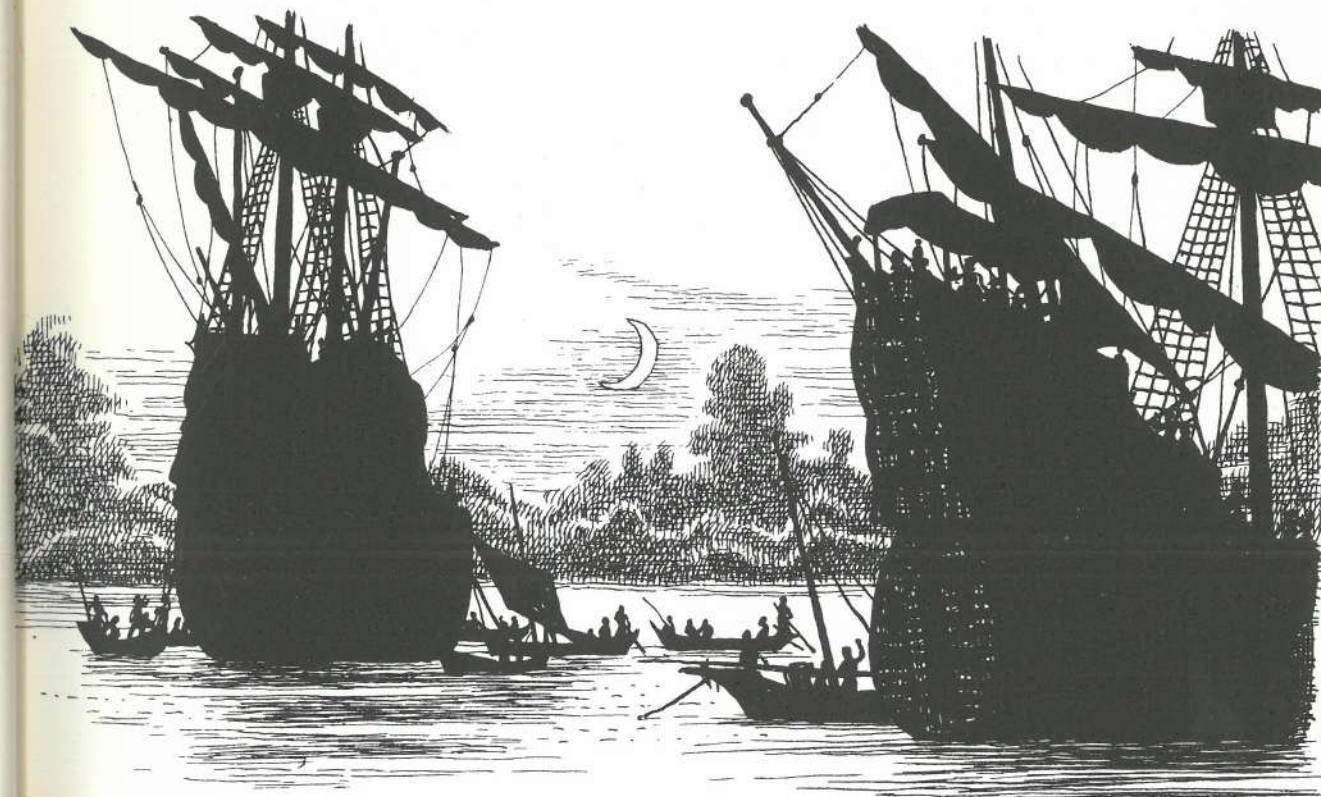
Respondeu um dos moiros:

– Somos estrangeiros nesta ilha. Os naturais não passam de selvagens. Nós temos outro país e outra religião que é a única certa e adora Maomé. A ilha onde aportámos chama-se Moçambique e é nossa escala habitual de

Quíloa, Mombaça e Sofala. Entre as gentes da terra encontrareis piloto que vos saiba guiar até à Índia. Também deveis levar, daqui, mantimentos frescos para o resto da viagem. Falai com o xeque da ilha, pois ele vos fornecerá tudo quanto necessitais.

Já despontava a Lua quando os moiros regressaram aos batéis, despedindo-se de Vasco da Gama, com muitas mostras de respeito e gratidão.

A noite na frota foi de grande alegria, por terem vindo achar, em terra tão distante, notícias há muito desejadas. E, ao nascer do dia, a armada embandeirou-se toda, adornou-se com toldos garridos, para receber, com festas e júbilo, o xeque das ilhas, que vinha já a caminho em visita às naus, transportando mantimentos, pois julgava que os Portugueses eram da Turquia, de raça semelhante à sua e igual religião.

Vasco da Gama acolhe o xeque e os companheiros com muita deferência, oferecendo-lhes ricos adornos que trazia para o efeito. Depois manda servir-lhes uma farta refeição. O xeque aceitou os presentes e comeu e bebeu, com grande contentamento. Os marinheiros portugueses, trepados

nas enxárcias, não se cansavam de observar aquela gente negra, tão diferente nos modos e costumes, falando uma linguagem bárbara e confusa. Também o xeque astuto está atónito, olhando as faces brancas, os trajos e o poder bélico das naus, indagando de Vasco da Gama se viera da Turquia, quais os livros sagrados da sua religião, se era maometana ou cristã, como supunha. Pede, ainda, que lhe mostre as armas de combate usadas contra os inimigos. Responde-lhe Vasco da Gama, através de um intérprete:

– Dar-te-ei, ilustre senhor, relação de mim, da minha religião e das armas que trago: não sou turco, mas europeu e venho em demanda da famosa Índia. A minha religião é a d'Aquele a cujo império obedece o visível e o invisível; Aquele que criou o mundo inteiro, homens e animais e plantas; Aquele que padeceu ofensas e sofreu uma morte cruel e injusta e, por fim, desceu do Céu à Terra para que os mortais possam subir da Terra ao Céu.

Deste Deus-Homem, poderoso e infinito, não tenho os livros sagrados que me pedes, pois não preciso de trazer escrito em papel o que já trago gravado na alma. As armas que desejas conhecer vê-las-às como amigo e jamais queiras vê-las como inimigo.

Dizendo isto, Vasco da Gama manda mostrar ao xeque as armaduras, os arneses, as couraças brilhantes, de malha fina e dura lâmina, os escudos com diferentes pinturas, pelouros, espingardas, arcos e aljavas, partasanas e chuços. E também as pesadas bombardas e as panelas de enxofre. Mas não consente que se experimente o fogo destas armas mortíferas, para não amedrontar aquela gente fraca e diminuta, pois é dar provas de cobardia ser leão entre as ovelhas.

Porém, de tudo quanto ouve e vê, nasce no peito do xeque um violento sentimento de ódio aos Portugueses, por sabê-los cristãos e, portanto, inimigos da sua fé. Disfarça, todavia, esta aversão com palavras lisonjeiras e sorrisos, reservando para mais tarde a vingança que imagina.

Pede-lhe Vasco da Gama que lhe ceda os pilotos precisos, prometendo recompensá-los bem desse trabalho. Promete-lhos o Moiro, dominando a raiva que o devora, pois, nesse instante, apetecia-lhe, em vez de dar os pilotos, dar a morte àquela gente estrangeira e inimiga.

Regressa, por fim, o xeque à sua ilha, despedindo-se de Vasco da Gama com protestos de falsa amizade, remoendo no íntimo a traição.

Tudo isto viu Baco, lá no Olimpo, e lendo no coração do Moiro o ódio aos Portugueses e a intenção de vingança, pensa em nova armadilha que destrua aquela gente lusa, ousada e detestada. E, a si próprio, confessa:

– Está determinado pelo destino que os Portugueses alcancem, na Índia, fama e glória, enquanto eu, um deus, filho de Júpiter, sou humilhado e esquecido. Mas tal não acontecerá, pois descerei outra vez à terra e armar-lhes-ei nova cilada. Acenderei no peito desses Moiros um ódio ainda maior aos Portugueses, avivando os desejos de vingança. Só vence aquele que aproveita o momento propício. Este é o momento e vou aproveitá-lo.

Depois de dizer isto, quase louco de raiva, Baco desce à ilha de Moçambique, e toma o disfarce de um Moiro velho e sábio, ali bem conhecido pela sua amizade com o xeque. Dirigindo-se a este, segreda-lhe que os Portugueses são gente perigosa e sanguinária; que por toda a parte onde aportaram foram roubando, destruindo, incendiando; que estão agora ali com iguais intenções de matar, de roubar e de levar cativas as mulheres e as crianças. E conclui:

– Também sei que Vasco da Gama e alguns dos seus decidiram vir amanhã a terra, muito cedo, buscar água doce. Aproveita a ocasião para lhes preparar uma boa armadilha. Espera-os, oculto com os teus homens bem armados, e, em os vendo desprevenidos, cai sobre eles, dizimando-os. Mas se não conseguires matá-los a todos, tens ainda um recurso que eu imaginei: envia-lhes um piloto suficientemente astuto e prudente, que os leve, por enganos, a outra terra, onde sejam destruídos, desbaratados, mortos ou perdidos.

Ao terminar, o xeque abraçou, radiante, o falso Moiro, agradecendo-lhe muito estes conselhos. E longo mandou armar a sua gente para que os Portugueses, no dia seguinte, vissem a água doce transformar-se em sangue rubro. Trata também de procurar um piloto sábio e astucioso, e ordena-lhe que guie as naus, caso consigam escapar da ilha, até alguma costa onde desapareçam para sempre.

Rompia a manhã, quando Vasco da Gama decidiu ir a terra, com alguns companheiros, buscar água. Mas, à cautela, como quem já previa o ardil do xeque, dá ordem para partirem bem armados.

Os Moiros esperam, escondidos, que os Portugueses desembarquem. Também eles estão bem armados com escudos e azagaias, arcos e setas ervadas. Como negaça, alguns deles mostram-se junto da ribeira empunhando as armas e incitando ao combate. Os corajosos navegantes, vendo aqueles cães negros a arreganhar os dentes, saltam em terra tão velozes que nenhum pode afirmar ter sido o primeiro.

Tal como na arena, o moço enamorado, para mostrar valentia à sua

dama, enfrenta o toiro e salta e assobia e acena e grita, a provocá-lo, mas o bruto animal, fechando os olhos e curvando a dura testa, corre, bramindo, e o derruba e fere e mata e atira ao chão, assim os Moiros e os Portugueses medem forças na praia. Súbito, eleva-se dos batéis o fogo da furiosa artilharia, atroando e silvando pelos ares. O coração dos Moiros estremece, o medo arrefece-lhes o sangue e logo o ímpeto inicial esmorece e morre. Mas não basta aos Portugueses indignados esta simples vitória: é preciso castigar a traição mais duramente, por isso resolvem bombardear e destruir a povoação sem muralhas e sem qualquer defesa. As mulheres, aconchegando os filhos ao seio trémulo, e os velhos maldizem esta guerra. Enquanto fogem, os Moiros lançam setas sobre o inimigo e, já fracos de forças e cobardes, arremessam paus e pedras, com raiva e desatino. Depois, desesperados, abandonam a ilha, atirando-se ao mar e buscando a salvação na terra firme ali próxima. Uns escapam em batéis, outros, a nado. Muitos afogam-se nas ondas encapeladas.

Os projécteis certeiros das bombardas arrombam as pequenas embarcações, juncando o mar de destroços e náufragos aflitos. Assim os Portugueses castigaram a malícia e a perfídia dos inimigos. E, vitoriosos, regressam às naus, levando consigo muitos e valiosos despojos de guerra, depois de terem feito a aguada, tranquilos, sem encontrar qualquer resistência da parte do gentio. Mas esta derrota gerou um ódio maior no coração do xeque. E vendo que a primeira cilada não resultara, resolve deitar mão da segunda. Falsamente arrependido, pede a paz aos Portugueses, enviando-lhes, como acto de contricção, o piloto que os havia de conduzir à morte. Vasco da Gama, longe de suspeitar de mais esta traição, recebe o piloto alegremente e logo manda levantar ferro e desfraldar velas, rumo às terras da Índia.

Mas o piloto, sabiamente ensinado por Baco, preparava-lhes uma terrível cilada. Fornecendo aos navegantes notícias exactas sobre os portos indianos, conquistou a confiança de todos. Por isso o acreditaram, quando lhes revelou conhecer uma ilha próxima, toda habitada por antigos cristãos. Vasco da Gama, ao ouvir tal, encheu-o de presentes e roga-lhe que os leve até lá. Isto mesmo queria o piloto, pois na ilha, chamada Quíloa, só viviam maometanos, que excediam em muito a força dos Moiros de Moçambique. E não perdeu tempo em orientar a frota para aquelas paragens. Mas Vénus, vendo a armada mudar de rumo, ao encontro de uma morte certa, faz soprar ventos contrários que, rapidamente, desviam os Portugueses para a rota segura. O Moiro malvado não desiste, porém, e arranja um novo embuste: diz a Vasco da Gama que existe uma outra ilha, ali bem perto, onde os cristãos e os Moiros viviam em completa harmonia. O Capitão volta a acreditar na mentira do piloto (pois a ilha era, como Quíloa, habitada unicamente por maometanos) e volta a ordenar-lhe que os dirija para essa terra. Vénus, que continuava a proteger os navegantes, não permite à armada entrar a barra e obriga-a a ancorar junto da costa, distando dela apenas um estreito braço de mar.

A ilha e a cidade que avistavam tinham o nome de Mombaça e eram governadas por um velho rei. Vasco da Gama ansiava saber se, entre os naturais, haveria de facto cristãos, como lhe garantira o falso piloto. Mas, quando ia mandar a terra quem pudesse informá-lo de toda a verdade, eis que viu vir em direcção à armada alguns batéis indígenas, trazendo um recado do rei que já sabia da chegada deles, pois Baco, disfarçado de moiro, o avisara e aconselhara, tal como fizera em Moçambique. O recado do rei é uma mensagem de cortesia e amizade, mas oculta o veneno da traição, como não tardará a descobrir-se.

Oh! Grandes e gravíssimos perigos,
Oh! Caminho da vida nunca certo,
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?

CANTO SEGUNDO

Anoitecia, quando os Moiros impostores se aproximaram das naus portuguesas, há pouco ancoradas. Um deles, industriado pelo rei, dirige-se a Vasco da Gama e assim lhe fala:

– Ó Capitão valoroso, o rei desta ilha, alvoroçado com a tua vinda, tão alegre ficou que é seu maior desejo dar-te agasalho e prestar-te todo o auxílio de que necessitas. E porque está ansioso por te ver, roga-te que entres a barra com a armada. E porque tantos trabalhos padeceste, tu e a tua gente, mal desembarcardes encontrareis todos vós, na terra formosa e fértil, alívios para os cansaços e alento para nova viagem. E se vens em busca das ricas mercadorias orientais: a canela, o cravo, a pimenta, bem como os rubis e os diamantes, ali de tudo acharás em abundância.

Vasco da Gama agradece o convite real, ignorando a armadilha preparada, e promete rumar a terra com a frota, logo no dia seguinte, já que as sombras da noite lhe proíbem a manobra. Depois, pergunta ao Moiro se na ilha habitam alguns cristãos, como lho afiançara o piloto. Que sim – responde-lhe o astucioso mensageiro –, que muitos naturais da cidade professam a lei de Cristo. Tal resposta tranquiliza Vasco da Gama. Mas, à cautela, resolve enviar a terra dois marinheiros seus, que trazia prisioneiros por actos condenáveis, para saberem se o Moiro falara verdade: se, de facto,

viviam cristãos naquela ilha e qual o poder militar do rei; do rei a quem, aliás, manda presentes a conquistar-lhe a confiança e a amizade.

Recebidos com falsas mostras de contentamento, os sagazes marinheiros, após entregarem ao rei as oferendas do Capitão, percorrem a cidade, mas pouco ou nada vêem, pois, desconfiados (é raro o dissimulado que não julga os outros por si), os Moiros pouco ou nada lhes mostraram de quanto os dois pretendiam conhecer.

Porém, Baco, ardendo por ver destruído Vasco da Gama e todos os seus audazes companheiros, toma a forma humana e, disfarçado em sacerdote cristão, recolhe-se numa casa da cidade, onde constrói um altar encimado por uma pintura representando o Pentecostes, ou seja, a descida do Espírito Santo, em língua de lume, sobre a cabeça dos doze Apóstolos, reunidos com a Virgem Maria, após a ressurreição de Jesus Cristo. Conduzidos os dois marinheiros àquela morada, caem de joelhos ante o altar, enquanto Baco lhe queima diante o aromático incenso. Assim, o falso deus, para manter o disfarce, se vê forçado a adorar o Deus verdadeiro!

Os dois Portugueses passam essa noite na suposta igreja, onde são carinhosamente albergados e, no dia seguinte, regressam à armada, acompanhados de alguns Moiros, a dar notícia ao Capitão dos propósitos hospitaleiros dos habitantes da ilha, da existência de cristãos entre eles, com seus devotos sacerdotes e altares. Regozija-se o nobre Gama com tais informes e, deixando que os Moiros, tidos por amigos leais, lhe invadam o navio, dá ordem de levantar ferro, içar velas e navegar para terra. Enquanto isto, os habitantes da cidade aparelhavam armas e munições, preparando a traição que haviam de lhe fazer, mal a armada entrasse o rio e ancorasse. Assim pretendiam vingar-se do pesado desaire sofrido em Moçambique.

Ai deles, porém! Vénus continuava a velar pelos Portugueses. Rápida, desce do Céu ao mar, convocando outras deusas, as Nereidas, que aí viviam; e tendo nascido, como elas, das ondas salgadas, facilmente se fazia obedecer pelas companheiras. Por isso, não negaram as Nereidas o auxílio que Vénus lhes rogava para salvar da traição a armada de Vasco da Gama. E ei-las que se precipitam, fendendo com a beleza dos seus corpos de sereia as ondas agitadas, em direcção às naus portuguesas: Nise, Nerine, a própria Vénus aos ombros robustos de um tritão, rodeiam a frota de velas anchas, pronta a entrar a barra, e, com um vigor jamais imaginado (assim as pequenas e previdentes formigas transportando grandes nacos de alimento para os frios do Inverno), obrigam as naus a recuar, contra os próprios ventos que as impeliam para diante. Debalde a marinhagem intenta quebrar a resistência

furiosa das ondas (comandadas pelas Nereidas), manobrando com perícia as velas e o leme, às ordens bradadas lá da proa pelo mestre, temeroso de ver a embarcação espedaçar-se de encontro a um rochedo bem próximo. Tamanho é o alarido da tripulação ao verificar inúteis os seus esforços que os Moiros, desconhecendo a causa de tanta raiva e tanta azáfama, supõem descobertos os seus propósitos traiçoeiros e ser toda aquela agitação preparativos de batalha destinada a castigá-los duramente. Tomados de pânico, correm para os seus batéis velozes, escapando ao suposto combate. Muitos caem no mar, preferindo aventurar-se ao perigo das vagas alterosas do que à violência das mãos inimigas. Dir-se-ia um bando de rãs pulando para o charco, ao sentir aproximar-se alguém, e erguendo lá do seu refúgio habitual as cabeças medrosas. Assim fogem os Moiros. E o piloto que guiara os Portugueses àquela emboscada, julgando-se também descoberto, apressa-se a abandonar a nau capitânia, lançando-se borda fora.

Para não embater brutalmente com o rochedo próximo, originando um trágico naufrágio, a nau capitânia solta a âncora, no que é imitada pelas outras. As fugas dos Moiros e do piloto revelam a Vasco da Gama, por fim, a traição premeditada. Ao ver, em contraste, que, apesar dos ventos favoráveis e das águas sem correntes, as naus não puderam passar avante, atribuiu isto a um grande milagre. E, comovidamente, dizia:

– Quem poderá livrar-se de todo o mal sem o auxílio de Deus? A divina Providência claramente nos revela a falsidade destas gentes e a insegurança destas paragens, ao mesmo tempo que nos mostra com quanta bondade protege os Portugueses. Pois que tal protecção se complete, indicando-nos um porto seguro ou a terra que buscamos apenas para maior proveito de Deus.

Vénus ouviu-lhe estas palavras piedosas e, comovida, parte a caminho das estrelas. Passada a terceira esfera, ei-la que chega ao sexto Céu onde se encontra Júpiter, o pai dos deuses. A pressa de chegar mais lhe rosava as faces e lhe ondeava os fios de oiro do cabelo: mais lhe realçava a formosura, despertando ciúme e amor em quantos a viam passar, com o corpo escultural envolto em delgados tecidos e o rosto angélico misturando riso e mágoa. Diante do poderoso Júpiter, docemente se lastima:

– Ó pai, sempre te julguei benevolente para todos aqueles que eu amasse. Vejo que me enganei, pois, sem culpa minha, a tua cólera caiu sobre os Portugueses, tal como Baco desejava. Terei eu, então, de querer mal a esse povo para que ele mereça o teu auxílio? Pois se assim é, morram os valorosos navegantes às mãos cruéis dos Moiros ...

Mas Vénus não consegue continuar: os soluços embargam-lhe a voz, o rosto banha-se-lhe de lágrimas ardentes, qual se fora uma rosa humedecida pelo orvalho. Ao vê-la tão bela e desditosa, inflama-se o coração de Júpiter e, comovido, o deus abraça-a, enxuga-lhe o pranto, beija-a com extremo carinho, fazendo aumentar lágrimas e soluços, tal como a criança castigada pela ama redobra o choro, tomada de mimo, se alguém a socorre e afaga brandamente. E Júpiter responde deste jeito às queixas de Vénus:

– Minha filha, não temas pelos Lusitanos, pois eu lhes prometo, em terras do Oriente, glórias mais altas do que as alcançadas pelos Gregos e pelos Romanos. Heróis como Ulisses, Antenor, Eneias, venceram grandes perigos no mar, mas os teus protegidos maiores vencerão, dando novos mundos ao Mundo. Edificarão fortalezas, cidades e muralhas, derrotarão os turcos aguerridos; os reis da Índia prestarão vassalagem ao poderoso rei de Portugal e dele receberão leis justas e sábias. Verás, minha filha, coisa bem espantosa: o próprio deus dos mares, Neptuno, temer-se desses navegadores e fazer que as águas, embora calmas, tremulamente fervam. Verás essa terra, que lhes preparava agora a traição, cedo se mudar num porto acolhedor, onde os Lusos descansarão da longa viagem. Verás o famoso mar Vermelho parecer mudar para amarelo, de enfiado, ante tanta bravura em suas águas. Verás o reino de Ormuz, subjugado por duas vezes, e Diu, sofrendo dois cercos, mostrar que o valor português é inexpugnável. Verás Goa ser tomada aos Moiros e transformar-se em capital de todo o Oriente,

graças aos triunfos lusitanos. Verás a fortaleza de Cananor, apesar dos seus minguados defensores, resistir à força do ataque moirisco. Verás desbaratar-se a cidade populosa de Calicut e em Cochim salientar-se o heroísmo de um extraordinário guerreiro português que outro não haverá igual: Afonso de Albuquerque. Verás, enfim, da Índia à China e às mais remotas ilhas asiáticas, sulcarem os mares navios lusitanos, os seus soldados vencerem duras pelejas, recebendo de toda a parte obediência e louvor. Sim, minha filha, a glória de tal povo será mais que humana, e nem juntos todos os heróis do Mundo, os vivos e os mortos, se comparam em número e valor aos Portugueses.

Depois Júpiter, para provar a Vénus os seus bons intuitos, envia Mercúrio à terra, a descobrir um porto pacífico para a frota. E para que Vasco da Gama não se detenha mais em Mombaça, Mercúrio deverá aparecer-lhe em sonhos, indicando-lhe o rumo seguro. Voa o deus mensageiro a executar a ordem paterna. É Melinde o porto escolhido para receber os navios do Gama. Mercúrio ali espalha de tal jeito entre os naturais notícias da força e da fama dos Portugueses que todos ardem no desejo de os conhecer e agasalhar. Parte, depois, o deus para Mombaça, onde as naus estavam, a avisá-las que se afastem da barra inimiga, pois contra a maldade e a malícia pouco valem a coragem, a sabedoria, o coração, a astúcia e o juízo, se dos Céus não vier o divino auxílio.

Altas horas da noite, adormece Vasco da Gama, cansado de vigiar atento a terra traiçoeira. Seria um breve repouso para os seus olhos, enquanto a marinhagem velava. Então, Mercúrio aparece-lhe em sonhos, dizendo:

– Foge, foge, Lusitano, da cilada do rei malvado! Foge, que acharás vento favorável, o tempo e o mar serenos, e outro rei mais amigo noutra parte, onde poderás arribar confiado. Aqui, nestas paragens, só tens como certa a perfídia e a crueldade. Navega ao longo da costa e acharás nova terra em que as horas do dia ardente se igualam às da noite. Aí, serás recebido com mostras de alegria e amizade, e o rei te indicará a rota exacta para a Índia que procuras.

Isto disse Mercúrio ao Capitão que, ao despertar, espantado, ainda divisa, ferindo as trevas, a luz deixada pelo deus na sua passagem. Luz que, iluminando-lhe também o espírito, o faz ordenar ao mestre para soltar velas e partir:

– Dai velas ao vento largo, pois Deus o manda. Vi em sonhos um mensageiro celeste que nos ampara e serve de guia!

Acorrem os marinheiros aos seus misteres, com grande grita içando as velas e levantando ferro. Nesse tempo, os Moiros, ocultos pelas sombras da noite, tentaram cortar as amarras das âncoras, para que as naus, à deriva, dessem à costa e se despedaçassem. Mas os Portugueses vigiavam com olhos de lince e os Moiros, sentindo-os acordados, trataram de fugir nos seus batéis, mais parecendo voar do que remar.

Põe-se, enfim, a frota a caminho, aproveitando o vento brando e seguro, enquanto a tripulação comenta os perigos passados a que tão milagrosamente escapara.

Após dia e meio de viagem, avistam os Portugueses, ao longe, dois pequenos navios moiriscos que navegavam em direcção à armada. Um deles, porém, temendo algum mal vindo daquelas naus desconhecidas, apressa-se a abrigar-se na costa. O outro, menos cauteloso, aproxima-se dos Portugueses, sem oferecer resistência.

Vasco da Gama cuidava encontrar entre os escassos tripulantes do navio moiro um piloto que lhe indicasse o rumo da Índia. Mas nenhum possuía conhecimentos para assumir tal cargo, limitando-se eles a dizer-lhe que ali perto, em Melinde, acharia o Capitão o piloto desejado. Com o maior respeito, louvam os Moiros a bondade, a condição liberal, a sinceridade, a grande magnificência e humanidade do rei. Vasco da Gama não duvida da verdade de tais palavras, pois já em sonhos as ouvira ao mensageiro celeste. E logo parte para a terra tão elogiosamente anunciada.

Era sábado de Aleluia, em pleno Sol primaveril, quando a frota chega ao reino de Melinde, garrida e ricamente enfeitada com toldos, bandeiras, estandartes, ao som de pandeiros e tambores. Aguarda-a na praia uma multidão curiosa e afável. Ancoradas as naus, Vasco da Gama envia a terra um dos marinheiros moiros para avisar o rei da sua chegada e dos seus propósitos pacíficos. O rei conhecia já a nobreza dos Portugueses e convida-os a visitar os seus domínios e a dispor deles como lhes aprouvesse. São sinceros o convite e os presentes que envia para bordo: carneiros, galinhas, frutas várias.

Recebe o Capitão alegremente as oferendas e a mensagem. E logo as retribui com pompa e riqueza, mandando preciosos tecidos de púrpura e ramos de finíssimo coral, através de um seu embaixador que, sendo orador excelente e de estilo elegante, assim se dirige ao rei:

– Sublime rei, estamos aqui para que nos ajudes em nossa alta missão. Não nos julgues como piratas ou ladrões, desses que abusam da fraqueza

das cidades por onde passam, roubando e matando as gentes indefesas. Vimos da soberba Europa, navegando em busca da Índia grande e rica, a mandado de um poderoso e sábio rei. Mas, para nosso muito espanto e indignação, um povo bárbaro e duro, receoso dos poucos que somos, tem-nos vedado, por estas paragens, com fingimentos e guerra, os seus portos e as próprias praias desertas. Em ti confiamos, ó rei bondoso, pois um mensageiro divino nos conduziu à segurança do teu porto, afirmando--nos a sinceridade, a generosidade e a nobreza do teu coração. E não cuides que o facto de ser eu, e não o nosso Capitão, a vir perante ti, signifique temor ou desconfiança: é ordem do seu rei, obrigando-o a jamais abandonar a frota que comanda. Tu, que também tens o ofício de reinar e não queres ser desobedecido pelos teus vassalos, decerto nisto o compreendes e o exaltas. Mas, ainda que ausente, não deixa ele de estar, bem como os seus, ao teu dispor, em tudo quanto puder e para sempre.

Ao ouvir tais palavras, tanto o rei como a corte louvaram muito a coragem dos Portugueses, arriscando-se a grandes perigos por mares e céus desconhecidos, bem como o prestígio de um rei que, embora distante, continua a ser obedecido e amado pela fidelidade dos seus vassalos.

E, risonho, o rei de Melinde responde ao embaixador de Vasco da Gama:

– Afastai qualquer temor e suspeita do vosso coração. O valor e os feitos dos Portugueses só merecem a estima do mundo inteiro. Se alguém vos molestar mostra-se vil. Pesa-me não vos ver desembarcar para melhor conhecer-vos e estimar-vos, mas bem compreendo as razões apresentadas e não serei eu a forçar-vos à desobediência só para satisfazerdes os meus desejos. Por isso, mal desponte a aurora, irei nas minhas almadias visitar a vossa armada, como há tanto tempo anseio. E se ela vier do mar desbaratada dos ventos furiosos e da longa viagem, aqui terá, sem sombra de intenção reservada e maldosa, piloto, munições e mantimentos.

Isto disse; e nas águas se escondia
O filho de Latona, e o mensageiro,
Co'a embaixada, alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remédio verdadeiro
Para acharem a terra que buscavam;
E assim ledos a noite festejavam.

Não faltam ali os raios de artifício,
Os trémulos cometas imitando;
Fazem os bombardeiros seu ofício,
O céu, a terra e as ondas atroando.
Mostra-se dos Ciclopes o exercício,
Nas bombas que de fogo estão queimando;
Outros com vozes com que o céu feriam
Instrumentos altíssonos tangiam.

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando com zunido;
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulfúreo escondido.
A grita se alevanta ao céu, da gente;
O mar se via em fogos acendido
E não menos a terra; e assim festeja
Um ao outro, à maneira de peleja.

Viam-se em derredor ferver as praias,
Da gente que a ver só concorre leda;
Luzem da fina púrpura as cabaias,
Lustram os panos da tecida seda.
Em lugar de guerreiras azagaias
E do arco que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem, coroa verdadeira.

Um batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reino e de senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores;
Na cabeça, uma fota guarnecida
De ouro, e de seda e de algodão tecida.

Cabaia de damasco rico e dino,
Da tíria cor, entre eles estimada;
Um colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a matéria da obra é superada,
C'um resplandor reluz adamantino;
Na cinta a rica adaga, bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljôfar ao veludo.

Com um redondo amparo alto de seda,
Numa alta e dourada hástea enxerido,
Um ministro à solar quentura veda
Que não ofenda e queime o Rei subido.
Música traz na proa, estranha e leda,
De áspero som, horríssono ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que, sem concerto, fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido, o Lusitano,
Nos seus batéis, da frota se partia,
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo hispano,
Mas francesa era a roupa que vestia,
De cetim da Adriática Veneza,
Carmesi, cor que a gente tanto preza.

De botões de ouro as mangas vêm tomadas
Onde o Sol, reluzindo, a vista cega;
As calças soldadescas, recamadas
Do metal que Fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo, delicadas,
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao itálico modo a áurea espada;
Pluma na gorra, um pouco declinada.

Sonorosas trombetas incitavam
Os ânimos alegres, ressoando;
Dos Mouros os batéis o mar coalhavam,
Os toldos pelas águas arrojando;
As bombardas horríssonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiudam-se os brados acendidos,
Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

Ajudado por Vasco da Gama, entra o rei de Melinde no batel português. Trata-o o Capitão com aquela cortesia que é devida aos reis; e são grandes a admiração e o espanto do Moiro por quem de tão longe viera em busca da Índia. Com palavras de muito apreço, o rei melindano põe à disposição da armada tudo quanto ela necessite, dizendo que não ignora a fama das gentes lusas nas guerras travadas com outros povos islâmicos; que a África toda, aliás, lhes conhece os feitos valorosos, ao ser descoberta e conquistada para a grandeza de Portugal.

A tais altos elogios responde Vasco da Gama:

– Ó rei bondoso, tu foste o único que se apiedou destes Portugueses, tão maltratados pelos mares e por traições vilíssimas! Deus te pague os favores que nos dispensas! Ao fugirmos do mar profundo e dos ventos furiosos, só no teu reino viemos encontrar a paz e o refúgio necessários. Onde quer que eu viva sempre recordarei e exaltarei a bondade e nobreza do teu gesto.

Enquanto conversavam, os barcos de ambos iam aproximando-se da frota, rodeando as naus, uma por uma, para que todas o rei de Melinde e os seus examinassem em pormenor. Cada uma delas os saudava com tiros de bombarda e toques de trombeta, ao que os Moiros respondiam, das almadias, com o soar de anafis e brados de espanto, pois jamais haviam escutado o ribombo aterrador da artilharia. Para o Moiro e o Capitão português poderem conversar com maior sossego, o batel em que os dois viajavam ancorou à distância da armada. O rei mostrava-se vivamente interessado em conhecer, da boca de Vasco da Gama, o relato das guerras havidas entre portugueses e islâmicos e, sobretudo, a descrição da terra de Portugal e da sua história, desde o início da nacionalidade. Pede-lhe ainda:

– Conta-nos a vossa longa viagem sobre o mar irado; conta-nos quais os costumes bárbaros que se vos depararam nas praias da nossa África rude. O próprio tempo parece curioso de te ouvir, pois já o Sol se ergueu no horizonte para melhor se aproximar de nós, o vento calou-se e as águas acalmaram. Não julgues que os Melindanos são incapazes de compreender e estimar as vossas glórias. Também eles tentaram vencer forças sobre-humanas e se, por isto, se julgam merecedores de um nome respeitado, melhor entendem e prezam aqueles que, como vós, realizaram já tantas obras dignas de memória.

CANTO TERCEIRO

Após um momento de reflexão, Vasco da Gama ergueu o rosto e falou assim ao rei e a quantos o rodeavam, ansiosos de o ouvir:

– Mandaste-me, ó rei, contar a história da minha pátria e não a de um povo alheio. Sentir-me-ei embaraçado ao fazê-lo, pois, como apenas tenho a descrever-te episódios gloriosos, julgarás que julgo com parcialidade. Além disso, os feitos portugueses são muitos e todo o tempo é pouco para contá-los. Mas, porque me mandas e mereces ser obedecido, obedeço e tentarei ser breve. Somente a verdade sairá da minha boca e, por mais que diga, ainda ficará muito por dizer. Para seguir uma ordem na minha narrativa, falar-te-ei, primeiro, na nossa terra e só depois das batalhas sangrentas que travámos:

Entre o trópico de Câncer e o Pólo Norte existe a soberba Europa, banhada, a Ocidente, pelas ondas do oceano, a Sul pelas do Mediterrâneo, e a Oriente confinando com a Ásia. Habitam-na muitos e variados povos, desde as regiões onde o mar é gelado e geladas as fontes, até às mais cálidas e amenas.

E Vasco da Gama, depois de esboçar em traços largos as diferentes nações europeias, as suas principais características geográficas e a sua história, principia a falar de Portugal:

– O reino lusitano está situado quase no cume da cabeça da Europa (que é a Espanha), onde a terra acaba e o mar começa e onde o Sol repousa no oceano. Quis Deus que tal reino nascesse da luta entre Portugueses e Moiros, expulsos estes para a vizinha África, sem, todavia, os nossos lhes darem tréguas.

Eis a ditosa pátria minha amada, à qual desejo regressar, depois de cumprida a minha missão, para aí morrer em paz. A terra chamou-se, noutros tempos, Lusitânia, derivada do nome de Luso, filho de Baco, que foi o seu primeiro habitante.

Na Lusitânia nasceu um pastor chamado Viriato, vencedor das legiões romanas, mais tarde vencidas também pelos Sarracenos que dominaram a Península Ibérica e aos quais o rei de Castela Afonso VI fez guerra, em nome da fé cristã. Movidos por estes nobres propósitos espirituais e não por meros interesses materiais, muitos cavaleiros estrangeiros abandonaram pátria e lar para ir combater, ali, os infiéis. Entre eles houve um, Henrique, filho segundo do rei da Hungria. Demonstrou ele tanta bravura que o famoso rei Afonso, para o recompensar, lhe deu em casamento a sua filha Teresa e o governo do Condado Portucalense, ou seja a antiga Lusitânia. Tratou este Henrique de continuar a combater os Moiros, para aumentar as terras do pequeno condado. No regresso de uma viagem à cidade santa de Jerusalém, com o fim de libertar o túmulo de Cristo das mãos dos infiéis, deu-lhe Deus um filho que só chegaria a ver de tenra idade, pois o conde faleceu pouco depois do nascimento do príncipe Afonso (assim chamado em homenagem ao avô castelhano). Conta-se que D. Teresa, mal se encontrou viúva, decidiu contrair segundo matrimónio e deserdar o filho, dizendo-se senhora absoluta das terras do condado, já que seu pai lhas dera em dote. Com isto se ofende grandemente o jovem príncipe, ao ver-se despojado da herança paterna, e logo resolve declarar guerra à mãe e ao padrasto, em defesa dos seus legítimos direitos. É nos campos de Guimarães que a batalha se trava entre o filho e D. Teresa, esquecida do amor maternal, com o coração todo entregue ao amor do novo esposo. Batalha sangrenta que o príncipe soube vencer. Mas, dominado pela ira, comete, todavia, o feio pecado de prender a própria mãe. Deste acto condenável (aos pais deve-se sempre respeito e afeição) foi castigado por Deus, pois os Castelhanos, para vingarem a injúria feita a D. Teresa, derrotaram as hostes de D. Afonso Henriques e põem cerco a Guimarães.

O fiel aio Egas Moniz, ao ver o príncipe, seu pupilo, em tal perigo, vai ter com o rei de Castela, prometendo-lhe a vassalagem do jovem Afonso,

caso o inimigo levantasse o cerco. Ele, Egas Moniz, ficaria como fiador. Mas o príncipe, onde já bate um coração de Português, não pode tolerar a submissão a Castela e, mal se viu liberto, recusou-se à obediência jurada. Perante esta atitude de rebeldia, Egas Moniz, para resgatar a palavra dada, encaminha-se para a corte castelhana, levando consigo mulher e filhos, descalços e trajando a roupa dos condenados à morte. E deste modo se dirige ao soberano:

– Se pretendes, ó rei, vingar-te da confiança que depositei no meu príncipe, aqui estou a pagar com a vida a promessa feita. Trago comigo os filhos inocentes e a consorte. Se aos corações generosos satisfaz uma morte cruel, aqui tens estas mãos e esta língua culpada, para nelas experimentares toda a sorte de tormentos.

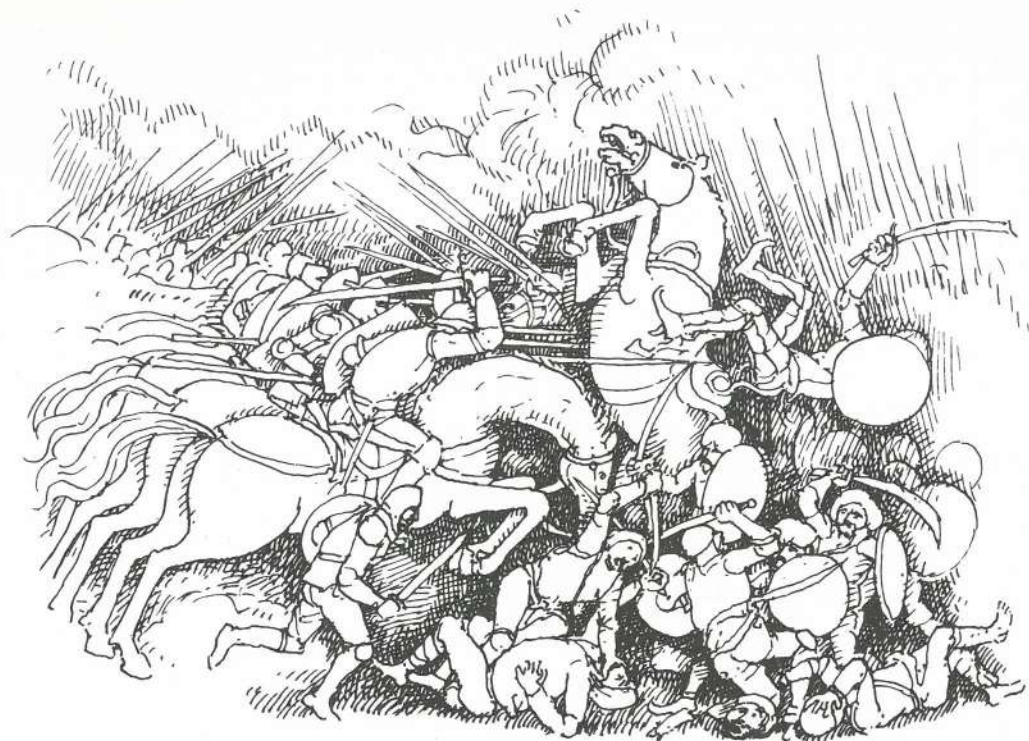
Egas Moniz está diante da indignação real como o condenado perante o carrasco, curvando o pescoço ao cutelo justiceiro. Mas esta prova invulgar de lealdade comove o rei castelhano, demonstrando que a piedade é mais forte do que a ira: Egas Moniz é mandado em paz e tido como exemplo do carácter português, fiel e honrado.

Entretanto, o príncipe Afonso aparelha o seu pequeno exército contra os Moiros que habitavam as terras vastas além do Tejo. Já nos campos de Ourique se estendia o imenso e aguerrido arraial sarraceno. Eram tão diminutas as hostes portuguesas que em nada mais podiam confiar para vencer senão na ajuda de Deus. Cinco reis moiros ali se encontravam, todos eles experimentados nas artes da guerra, onde tinham alcançado glória e fama. O principal chamava-se Ismar e seguiam-no muitas damas moiriscas, dispostas também a combater os cristãos. Somente um milagre salvaria o exército português de uma tremenda derrota. É então que na luz serena e fria da madrugada Cristo aparece a Afonso Henriques, exortando-o à luta. Ante a divina visão, o príncipe exclama:

– Aos infiéis, Senhor; aparecei aos infiéis, e não a mim que Vos amo e creio em Vós!

O milagre deu tanto alento aos Portugueses que logo ali aclamaram rei a D. Afonso, a quem muito estimavam. E diante do forte exército inimigo gritaram bem alto:

– Real, real, real, por D. Afonso, rei de Portugal!

Tal como o cão montanhês, incitado pelas vozes do dono, arremete contra o toiro bravo, fiado este no poder das hastes, e, latindo, o pega pela orelha ou lhe ataca o flanco e, mais ligeiro do que forte, acaba por lhe cravar

a dentuça na garganta, dominando-o de vez, assim o novo rei, animado igualmente por Deus e pelos súbditos, acomete os exércitos bárbaros com a pequenez das suas hostes.

Levanta-se grande alarido no arraial moirisco. Os infiéis correm às armas, empunhando lanças e arcos, fazendo soar as tubas e os tambores que atroam os ares comandando à guerra.

Assim como o incêndio em mato seco, ateado pelos ventos, desperta os pastores que dormiam sossegados e os faz fugir para a aldeia, arrebanhando, à pressa, os seus haveres, assim os Moiros, espantados com o súbito ataque português, se armam e e organizam precipitadamente. Não fogem, mas esperam confiados. A cavalaria sarracena enfrenta, então, a portuguesa, que se defende corajosamente, trespassando com as lanças os corpos inimigos. O choque entre os dois exércitos é tão forte que faria derrubar altas montanhas. Muitos Moiros morrem neste encontro. Outros evocam Alá, o seu deus, para que lhes acuda na dureza da luta. Por toda a parte correm os cavalos e os duelos sucedem-se violentos. Os Portugueses rompem, cortam, desfazem os arneses, as couraças, as malhas dos infiéis. Saltam milhares de cabeças decepadas de um só golpe. O campo de batalha está repleto de pernas e braços sem dono, horrorosamente misturados. Os

feridos exibem, gemendo, as entranhas palpitantes e têm já os gestos enfraquecidos e a palidez dos moribundos. Pouco a pouco, o exército moiro perde terreno, escoando-se em rios de sangue que mancham de vermelho o verde e o branco da terra.

Fica vencedor o Lusitano, recolhendo os troféus e o rico espólio que o Moiro, desbaratado, abandonara. Como é uso, o rei português mantém-se três dias no campo. E, para recordar para sempre o milagre e a vitória, manda pintar no emblema da sua bandeira cinco escudos azuis, em sinal dos cinco reis vencidos, e neles, postos em cruz, trinta dinheiros, o preço por que Judas vendeu Cristo – cinco em cada um, contando duas vezes o do meio.

Depois da vitória de Ourique, D. Afonso prossegue no combate aos Sarracenos, alargando o novo reino, em nome da fé cristã. Toma Leiria, Arronches e Santarém. Logo depois, Mafra e Sintra, erguida nas serras da Lua, lugar maravilhoso, onde as fontes e os fundos arvoredos dir-se-iam povoados de amorosas ninfas. E, por fim, Lisboa, cidade tão bela que facilmente das outras é princesa, edificada, segundo a lenda, por Ulisses, o prodigioso herói grego. Nesta empresa, o rei português recebe a ajuda dos valentes cruzados que, em viagem das Ilhas Britânicas à Terra Santa, para libertar o túmulo de Cristo, entram a barra do Tejo e, unidos ao exército de D. Afonso Henriques, põem cerco aos muros de Lisboa. Cinco longos meses demoram os assaltos, difíceis e sangrentos. Até que os combatentes cristãos entraram na cidade e a dominaram.

E, se Lisboa caiu nas mãos de D. Afonso, que outras povoações, bem menos fortes, se podiam opor ao valor português? Por isso já obedece ao rei lusitano toda a Estremadura: Óbidos, Alenquer, Torres Vedras. E o Alentejo, essa vasta seara ondulante, submete-se, também: perde o lavrador moiro as terras férteis de Elvas, Moura, Serpa e Alcácer do Sal. Évora, que foi lar do romano Sertório, entraga-se à ousadia de Geraldo Sem Pavor. Seguem-se-lhe Beja, Palmela, Sesimbra. Para socorrer esta vila de pescadores, acorre o rei de Badajoz, com um exército de 4000 cavaleiros e numerosa infantaria, todos eles recobertos de oiro e bem armados. Mas os Portugueses, rápidos e violentos, caem-lhes em cima, ferindo, matando, derrubando. Foge o rei moiro, tomado de um terror pânico, acompanhado pelos sessenta cavaleiros que lhe restavam. Persegue-o D. Afonso com os seus soldados até Badajoz que logo conquista. Mas Deus não dorme e decidira neste instante agravar o castigo que o rei português merecera, quando príncipe, ao atrever-se a aprisionar a mãe. Então, permite aos Leoneses cercar Badajoz, pois a cidade pertencia ao reino de Leão e não ao reino lusitano.

D. Afonso Henriques parte ambas as pernas durante o assédio e é vencido e preso. Deus, porém, dera o castigo por findo e o rei de Portugal regressa aos seus estados, sofrendo, embora, um novo cerco em Santarém, de que consegue libertar-se, mantendo-se na posse da cidade. Alquebrado pela velhice, manda o seu filho Sancho continuar-lhe a empresa de batalhar o povo sarraceno. O moço príncipe, corajoso como o pai, corre o Alentejo em luta acesa, tingindo de sangue infiel os campos e os rios.

Certa vez, estando Sancho recolhido em Santarém, o temível imperador de Marrocos, acompanhado de treze reis moiros, decide cercá-lo. Mas de nada valem as minas secretas ou o forte aríete, forçando as portas da cidade, pois o príncipe português tudo prevê com prudência e resiste firmemente. Ao saber disto, D. Afonso Henriques, que se encontrava em Coimbra, e apesar da sua muita idade, corre a auxiliar o filho, e os dois, unindo as forças, vencem o inimigo. Logo a campina ribatejana fica juncada de armas e capacetes moiriscos, cavalos ricamente ajaezados – todo um valioso e variado despojo de guerra. Os Moiros derrotados apressam-se a fugir. Só não foge o imperador, porque a vida lhe foge, e morre diante das muralhas da cidade. Agradecem os Portugueses a Deus mais esta vitória, a última de D. Afonso Henriques, pois a doença e a idade fazem tombar para sempre o grande lutador. Todo o Reino chorou o seu primeiro rei e ainda o recorda com saudade.

Sancho sucede-lhe no trono, imitando o pai na bravura e nas conquistas. Passava pouco tempo que reinava, quando põe cerco a Silves no Algarve, e logo a toma, com a ajuda de alguns cruzados germânicos, que iam combater em Jerusalém, ao lado de Frederico Barba-Roxa, tal como acontecera, anos atrás, com D. Afonso Henriques, no cerco de Lisboa. Depois, sobe ao Norte e ocupa Tui e outras vilas vizinhas, pertencentes à coroa leonesa, que não lhe dá descanso.

Morre Sancho, coberto de glória, e deixa por herdeiro o seu filho Afonso II que retoma definitivamente Alcácer do Sal. Morto este Afonso, sucede-lhe Sancho II, fraco, manso, descuidado, deixando-se dominar por maus conselheiros a quem tudo consentia. Por causa deste desgoverno, viu-se o rei exilado e entregue o Reino a seu irmão o conde de Bolonha, que tomou o nome de Afonso III, após a morte de Sancho em Toledo, e recupera o Algarve, expulsando os Moiros das terras lusitanas para todo o sempre.

E eis que chega o reinado de D. Dinis, bem digno descendente de D. Afonso Henriques. Com ele, o país já pacificado prospera em contri-

buições, leis e costumes. Funda-se em Coimbra uma Universidade e, por toda a parte, edificam-se nobres vilas, fortalezas e castelos, reconstruindo-se grandes edifícios e altas muralhas, danificados pelas antigas guerras. Quando morreu D. Dinis, rei letrado e excelente, fica a governar Portugal o filho rebelde mas valoroso: D. Afonso IV. Sempre este monarca desprezou a arrogância castelhana, mantendo-se, perante ela, firme e sereno, pois nunca os Lusitanos temem a força alheia, por maior que seja. Mas quando os Moiros invadiram as terras de Castela, D. Afonso não se negou a socorrê-las. Foi o caso que a sua filha, a formosíssima Maria, veio à corte portuguesa pedir auxílio em nome do marido, o rei Afonso de Castela, para enfrentar as aguerridas hostes sarracenas, dispostas a pôr fim a toda a Espanha. Com os olhos marejados de lágrimas, a infeliz rainha falou assim ao pai que muito a amava:

– O imperador de Marrocos reuniu todos os povos africanos para ocupar a nobre Espanha. Gente cruel e tão poderosa que mete medo aos vivos e aos mortos faz espanto. O rei que me deste por marido comanda apenas um pequeno exército incapaz de defender as nossas terras. Se não o socorreres, ó meu pai, ficarei viúva e triste, sem marido, sem reino e sem ventura. Por isso, ó rei, acode-lhe depressa, cavalga sem tardança a salvar a pobre gente de Castela. Se me tens amor, ó pai, corre e acode, que, se não corres, talvez não encontres já a quem acudir.

Mal se calou a tímida Maria, logo os campos de Évora se povoaram de lanças, arneses, espadas, rebrilhando ao Sol. Relincham os cavalos faustosamente ajaezados. Soam as trombetas alegremente embandeiradas. E os corações, acostumados à doçura da paz, enrijessem na excitação da guerra. Entre todo este aparato sobressaem as insígnias reais do valoroso Afonso que, de porte altivo, sem mostrar temor, entrou por terras de Castela, ao lado da gentil rainha sua filha.

Encontram-se os reis aliados, finalmente, nos campos de Salado, diante de uma imensa multidão de guerreiros moiros, ferozes e fanáticos. Riem os infiéis ao ver já, no reduzido exército cristão, o triunfo das suas próprias armas. Dividem os dois Afonsos as suas forças, indo o Castelhano atacar o imperador de Marrocos e o Português o rei de Granada. Retinem espadas e lanças sobre os duros arneses, fazendo um grande estrondo e um grande estrago. Ouve-se evocar, em altos brados, segundo a religião professada, Santiago e Mafamede. Os feridos ferem os céus com gritos de dor, fazendo o seu sangue largos lagos, onde outros soldados, meio mortos, acabam por afogar-se, se escaparam ao ferro do inimigo. Num relâmpago de valentia, os

Portugueses desbarataram o exército granadino e vão, depois, auxiliar os Castelhanos. Entardecia quando os cristãos alcançam a vitória retumbante. Jamais o mundo viu batalha mais gloriosa nem maior mortandade.

Feita a paz, regressa Afonso IV ao reino lusitano. É quando um caso tristíssimo e digno de memória vem ensombrar-lhe o brilho do reinado.

Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha.

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruito,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam.
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

De outras belas senhoras e princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,

Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

Traziam-na os horríficos algozes
Ante o rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saudade
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,

Para o céu cristalino alevantando,
Com lágrimas, os olhos piedosos
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos);
E depois nos meninos atentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfandade como mãe temia,
Para o avô cruel assim dizia:

– Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar uma donzela,
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

Queria perdoar-lhe o rei benigno,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam,
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavaleiros?!

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia.
Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes.

Assim como a bonina que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está, morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram.
O nome lhe puseram, que inda dura,
«Dos amores de Inês», que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome Amores!

Não levou muito tempo que D. Pedro não tirasse vingança deste crime. Pois, mal subiu ao trono, mandou procurar os homicidas e, em combinação com o rei de Castela, também chamado Pedro, mas de coração mais duro ainda, consegue capturá-los no reino vizinho e, trazendo-os a Portugal, deu-lhes uma morte cruel.

Durante o seu reinado, foi feita justiça rigorosa aos ladrões e assassinos, já que o maior empenho de D. Pedro era castigar os maus, fossem eles quais fossem, estivessem onde estivessem.

E, agora, veja-se como a natureza é desconcertante: do justo e duro Pedro nasceu o brando e descuidado Fernando. Este abandonou de tal forma o governo e a defesa do Reino que, por pouco, Castela não ocupa e destrói toda a Lusitânia. É bem verdade: um fraco rei faz fraca a forte gente! E tal fraqueza de coração não lhe viria, a D. Fernando, de ter roubado a formosa Leonor Teles ao marido, para com ela contrair um casamento pecaminoso? É que também é verdade que um baixo amor os fortes enfraquece.

Mas perdoa facilmente esta fraqueza do rei quem já experimentou a sedução do amor. Mais culpado seria, decerto, D. Fernando, se nunca tivesse amado.

CANTO QUARTO

Tal como o dia nasce da noite e a tempestade traz sempre a bonança, assim o Reino inteiro sentiu intenso alívio com a morte de D. Fernando. E os muitos que desejavam maior grandeza para Portugal viram, esperançados, subir ao trono o Mestre de Avis, D. João, filho bastardo de D. Pedro.

Tempos antes, os Céus haviam anunciado esta boa-nova pela boca de uma criança recém-nascida que, em Évora, aclamara:

– Portugal, Portugal, pelo novo rei D. João!

Andava o povo numa exaltação de ódio e sanha, perseguindo amigos e parentes de Leonor Teles e do Conde Andeiro, que substituíra D. Fernando no coração volúvel da rainha. Este conde, que tanto ofendeu os brios portugueses, morre às mãos justiceiras do Mestre de Avis e de outros fidalgos ousados, e o seu corpo é arrastado pelas ruas de Lisboa por uma multidão indignada.

Ao saber disto, Leonor Teles foge para Castela, a implorar auxílio ao rei seu genro, marido de D. Beatriz, filha de D. Fernando e pretendente à coroa portuguesa. Para defender os direitos dinásticos da esposa, convoca o rei castelhano, desde os confins dos seus Estados, um numeroso e aguerrido exército com que atravessa a fronteira lusitana. Perante a terrível ameaça, D. João reúne os principais dignitários do Reino; quer ouvi-los em conse-

lho e decidir das medidas a tomar. Não falta quem apresente razões discordantes da única atitude nobre e patriótica, já que o medo é mais forte do que a fidelidade ao rei e à pátria, e até, se convier, leva a negar o próprio Deus, tal como fez Pedro, o apóstolo. Nenhum destes graves defeitos revela, porém, Nuno Álvares Pereira. Bem pelo contrário, apesar de seus irmãos defenderem as pretensões castelhanas, ele condena a cobardia daqueles maus conselheiros e, colérico, levando a mão à espada, exclama com rudeza e sem rodeios, ameaçando a terra, o mar e o mundo:

– Como?! Da gente ilustre portuguesa
Há-de haver quem refuse o pátrio Marte?
Como?! Desta província, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Há-de sair quem negue ter defesa?!
Quem negue a Fé, o amor, o esforço e arte
De Português, e por nenhum respeito
O próprio Reino queira ver sujeito?!

Como?! Não sois vós inda os descendentes
Daqueles que, debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira,
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira
Que sete ilustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?!

Rei tendes tal que, se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto, enfim, vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que, eu só, resistirei ao jugo alheio.

Eu só, com meus vassalos e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada),
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada.
Em virtude do Rei, da Pátria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversários,
Mas quantos a meu Rei forem contrários!

Com tais palavras, vigorosas e certeiras, Nuno logo convence quantos o escutam, transformando o frio temor em quente entusiasmo. Ei-los todos cavalgando aos quatro ventos, gritando em altas vozes:

– Viva o famoso rei que nos liberta!

Não há Português que não aceite fazer a guerra por amor da Pátria. Os homens do povo limpam as armas que uma paz prolongada enferrujara, ou estofam capacetes, ou experimentam couraças, armando-se o melhor possível; as mulheres bordam trajos e bandeiras de mil cores, com letras e divisas que encoragem o coração à luta.

Em breve D. João I parte de Abrantes com um garboso exército. Comanda a vanguarda D. Nuno Álvares Pereira, verdadeiro flagelo dos orgulhosos Castelhanos. Chefiava a ala direita Mem Rodrigues de Vasconcelos e a esquerda Antão Vaz de Almada, mais tarde conde de Abranches. Na retaguarda, como é uso, erguia-se o pendão dos castelos e quinas que anunciavam ali o valoroso rei de Portugal.

Para vê-los passar, debruçam-se nos muros dos caminhos as mães, as irmãs, as noivas e as esposas, num misto de medo e alegria, rezando e prometendo aos Céus romarias e jejuns, em paga da vida e da vitória daqueles que estimavam.

Já se avistam campos de Aljubarrota. Já chegam as hostes portuguesas diante das castelhanas que as recebem num imenso alarido. Respondem-lhes as trombetas vibrantes, os pífaros agudos e o rosnar dos tambores. E os alferes agitam as bandeiras coloridas, na brisa quente de Agosto – o mês em que as eiras se enchem de milho loiro e Baco principia a amadurar as uvas. Subitamente,

Deu sinal a trombeta castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana
Atrás tornou as ondas de medroso.
Ouviu o Douro e a terra transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães que o som terríbil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Começa-se a travar a incerta guerra:
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns leva a defensão da própria terra,
Outros as esperanças de ganhá-la.
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala:
Derriba e encontra, e a terra enfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, setas e vários tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavalos treme a terra, os vales soam.
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam.
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

Eis ali seus irmãos contra ele vão
(Caso feio e cruel!); mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a Pátria se alevanta.
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes (caso estranho!),
Quais nas guerras civis de Júlio e Magno.

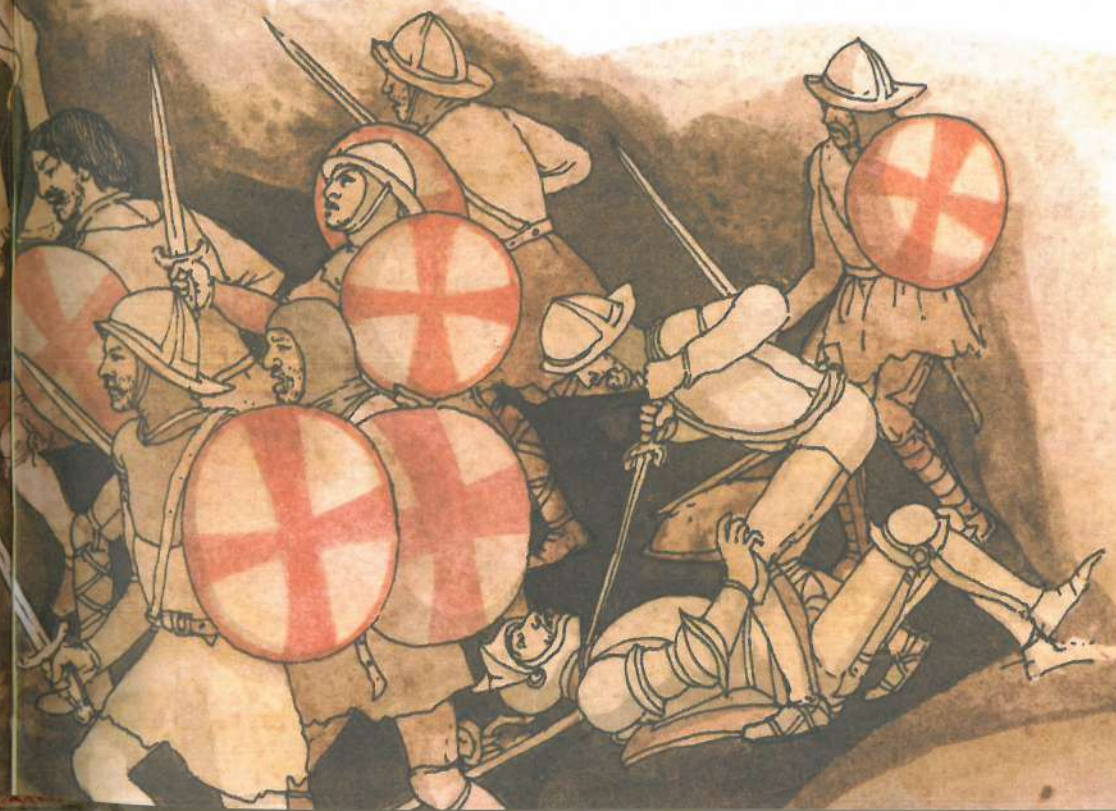
Ó tu, Sertório, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos Antigos
Que contra vossas pátrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos:
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravíssimos castigos,
Dizei-lhe que também dos Portugueses
Alguns traidores houve algumas vezes.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a eles vão!
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceuta está o fortíssimo leão
Que cercado se vê dos cavaleiros
Que os campos vão correr de Tutuão:
Perseguem-no com as lanças, e ele, iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso ...

Sentiu Joane a afronta que passava
Nuno, que, como sábio capitão,
Tudo corria e via e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, enquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massília lhos furtara,

Corre raivosa e freme e com bramidos
Os montes Sete Irmãos atroa e abala:
Tal Joane, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode à primeira ala:
– Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança!

Vedes-me aqui, Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e setas e os arneses
Dos inimigos corro e vou primeiro;
Pelejai, verdadeiros Portugueses!
Isto disse o magnânimo guerreiro
E, sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste único tiro
Muitos lançaram o último suspiro.

Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece
Tem as flores da própria cor mudadas.
Já as costas dão e as vidas; já falece
O furor e sobejam as lançadas;
Já de Castela o rei desbaratado
Se vê e de seu propósito mudado.

Alguns vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura às penas do Profundo,
Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

O rei vencedor permanece três dias no campo de batalha. E, com muitas oferendas e piedosas romagens, dá graças a Deus que lhe dera a vitória. A Nuno não bastou este combate, e vai Alentejo fora em perseguição das tropas derrotadas. Entrando em Castela, depressa repete o feito de Aljubarrota, vendo a seus pés Sevilha e outras terras mais.

Mas não tarda que se faça a paz entre os dois reis inimigos, quando ambos casaram com princesas de Inglaterra, ilustres, formosas e gentis. Os Portugueses, porém, habituados aos trabalhos da guerra, vivem inquietos e, não podendo já combater os povos de Castela, resolvem acometer as ondas do oceano. É D. João o primeiro rei a abandonar os seus Estados para ir a África lutar com os infiéis. A caminho de Ceuta, a armada portuguesa dir-se-ia um bando de mil gaivotas abrindo as asas pandas ao vento. Lá chegada, logo os nossos tomam a cidade com denodada valentia e expulsam os Moiros, tranquilizando assim a Espanha inteira, pois Ceuta era uma vizinha ameaçadora.

Não consentiu a morte que Portugal visse muitos anos no trono este rei heróico. Mas Deus permitiu que D. João deixasse à Pátria amada quem bem a governasse e largamente a aumentasse: uma ínclita geração de altos infantes. Não foi, é certo, D. Duarte bafejado pela sorte paterna. (E quem alguma vez conheceu constância na felicidade? Assim tempera o tempo o Bem com o Mal, a alegria com a tristeza.)

Este rei bondoso e ilustrado foi muito infeliz: viu o seu santo irmão Fernando morrer cativo dos Sarracenos, sem poder salvá-lo, pois para tal teria de devolver Ceuta aos Moiros, e o amor da Pátria exigia ao seu coração torturado o sacrifício do amor fraterno. Mas o seu filho e herdeiro, D. Afonso V, somou muitas glórias nas terras africanas, tendo conquistado para Portugal a forte Alcácer Ceguer, a dura Arzila e a populosa Tânger. Porém, tomado pela ambição de maior mando, invade Castela para comba-

ter o poderoso exército de Fernando de Aragão. Não quis o filho, o jovem João, ficar no Reino entregue à ociosidade, e logo com as suas hostes corre a socorrer o pai, em tão grandes apuros. Como era um cavaleiro sábio e corajoso, consegue infligir tal dano às forças inimigas que a vitória dos Castelhanos, em Toro, ficou, para muitos, duvidosa.

Depois da morte de D. Afonso V, o príncipe, que ainda em vida do pai já governava o Reino, passou a intitular-se D. João II. Foi ele quem primeiro sonhou esta viagem por mar que eu hoje faço a caminho da Índia. Para realizar tal sonho enviou mensageiros através da Espanha, França e Itália, rumo às ilhas gregas, ao Egipto, à Etiópia ... Alguns passam o mar Vermelho, entram no estreito pérsico, percorrem a Mesopotâmia. Todos eles contactam com povos desconhecidos e exóticos, de diversas línguas e diferentes costumes ... Mas raros regressam à Pátria, pois as fadigas da viagem e a hostilidade desses povos bárbaros encurtara-lhes a vida. E o sonho do rei quedou-se apenas sonho.

Deus parece ter reservado a D. Manuel, sucessor de D. João, a tarefa de levar avante a árdua empresa: conquistar o mar largo para o Reino.

Uma noite, o novo rei, sempre entregue ao pensamento de engrandecer Portugal, adormeceu no seu leito de oiro e teve um sonho. Sonhou que subia muito alto, até atingir a primeira esfera, e diante dos olhos apareciam-lhe vários mundos, nações de gente estranha. Num monte elevado, coberto de ervas e árvores selvagens e povoado de feras, onde o homem jamais pusera pé, viu as nascentes de dois rios claros. E, deles, viu sair dois homens muito velhos, de aspecto rude mas venerando. Das pontas dos cabelos escorriam-lhes gotas de água que lhes banhavam o rosto escuro, onde umas barbas compridas se eriçavam. Ambos tinham a fronte coroada de ramos de plantas desconhecidas. Um deles, o de fisionomia mais grave e ar cansado, como quem viera ali de muito longe, bradou assim ao rei:

– Ó tu, rei de um país a quem grande parte do mundo está guardada, nós, até hoje livres e famosos, viemos avisar-te de que é tempo de nos exigires tributo e vassalagem. Eu sou o rio Ganges que tem o berço verdadeiro na China distante. Esse outro é o rio Indo, nascido nas terras que aqui vês. Para nos conquistares, terás de travar combates violentos. Mas não desistas nunca, pois alcançarás, por fim, vitórias certas e governarás tudo o que nos rodeia.

Não disse mais o rio ilustre e santo e ambos desapareceram num momento. D. Manuel acorda, perturbado com um sonho tão espantoso. Era dia, o céu tingia-se já de rosa e violeta.

O rei chama então os homens do seu conselho e conta-lhes a visão que tivera e as palavras proféticas do rio Ganges. É enorme a admiração de todos e logo decidem aparelhar, imediatamente, uma forte armada para demandar a Índia, buscando novos ares e novos climas.

Mal cuidava eu que iria realizar-se tudo aquilo por que tanto ansiava; tudo quanto o coração, há muito e em segredo, me pedia! E ainda hoje ignoro qual o motivo ou merecimento ou sinal do Altíssimo que fizeram o rei entregar-me o comando das naus. Com muitos rogos e palavras lisonjeiras (que são as ordens a que mais depressa se obedece), diz-me D. Manuel:

– Tudo quanto dignifica o homem alcança-se com trabalhos e fadigas. Só a vida perigosa vale a pena ser vivida. Eu escolhi-vos entre todos os meus Capitães por ser esta uma missão digna de vós: heróica, nobre, mas pesada. Sei, todavia, que ela vos parecerá leve, pois a ireis cumprir por amor de mim.

Rápido, respondi a D. Manuel:

– Ó alto rei, arriscar-me, por vós, à força das armas, aos rigores do fogo ou da neve, nada é. Lamento, apenas, que a minha vida seja demasiado curta para servir-vos. A minha alma e o meu corpo, ó rei, estarão sempre ao vosso mando!

Agradeceu-me D. Manuel estas palavras sinceras, acumulando-me de honrarias e louvores. E a virtude, se é louvada, aumenta. E o louvor incita a glórias maiores. O meu querido irmão Paulo da Gama, oferece-se para acompanhar-me, movido pela amizade e desejoso, como eu, de honra e de fama. E também Nicolau Coelho, bom sabedor da arte de navegar. Ambos tenho por excelentes conselheiros, experimentados na guerra e corajosos.

Depois, tratei de organizar a armada, contratando jovens marinheiros e soldados, ambiciosos de aventura e de renome. A todos (e eram muitos) remunerou D. Manuel, animando-os com palavras de confiança.

Já no porto de Lisboa, onde as águas doces do Tejo se misturam com as do mar salgado, se vêem as belas naus prontas para a viagem. A tripulação é-me fiel e está disposta a seguir-me a toda a parte.

Pelas praias, os soldados exibem não só os uniformes vistosos, mas também a vontade forte de partir em busca de novos horizontes. No rio, as naus balançam ao ritmo das vagas ostentando, lá no topo dos mastros, os estandartes a ondear ao sabor da brisa. Elas prometem ser estrelas refulgindo nos céus da glória.

Sim, está tudo pronto: as naus para a viagem e as almas para a morte, pois a morte mostra-se sempre presente aos navegantes.

Porém, antes de deixarmos a Pátria, fomos pedir a Deus que nos guiasse. E ouvimos missa na Capela de Santa Maria, saindo depois em procissão até à praia.

Confesso-te, ó rei, que embarquei cheio de dúvidas e receios, sustendo as lágrimas a custo.

A cidade inteira estava ali para ver-nos partir. Uns vinham despedir-se dos amigos; outros, dos parentes; outros ainda, movidos apenas pela curiosidade: todos a imaginar-nos perdidos nos caminhos do mar. As mulheres choravam. Os homens suspiravam. E mães, irmãs, esposas, a quem o amor faz aumentar o medo, tornavam mais desesperada a angústia da partida.

Diz uma:

– Ó filho, que eu tinha por único amparo da velhice, porque me abandonas, pobre e triste? Porque partes assim, meu querido filho? Vais a enterrar no mar profundo, comido pelos peixes?

E diz outra:

– Ó doce e amado esposo, como posso eu viver sem o teu amor? Porque vais entregar às ondas uma vida que já não te pertence? Como podes trocar o nosso amor pelos perigos da aventura? Queres que o vento o leve para longe, como às velas das naus?

Palavras repassadas de amor e piedade proferiam também os velhos e as crianças. E os ecos dos montes próximos repetiam estes doridos queixumes, estes ais, esta saudade. E a areia branca inundava-se de lágrimas que misturavam o seu sal com o sal das águas.

Nós não nos atrevíamos sequer a erguer os olhos, para que a visão do sofrimento da mãe ou da esposa não nos fizesse renunciar à jornada tão árdua. Por isso, decidi que embarcaríamos sem despedidas, tão gratas ao amor, é certo, mas que mais dilaceram os corações de quem parte e de quem fica.

Mas um velho, de aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

– *Ó glória de mandar, ó vã cobiça*
Desta vaidade a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

Dura inquietação d'alma e da vida
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana.

A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

Mas, ó tu, geração daquele insano
Cujo pecado e desobediência
Não somente do Reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas inda doutro estado, mais que humano,
Da quieta e da simples inocência,
Idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou:

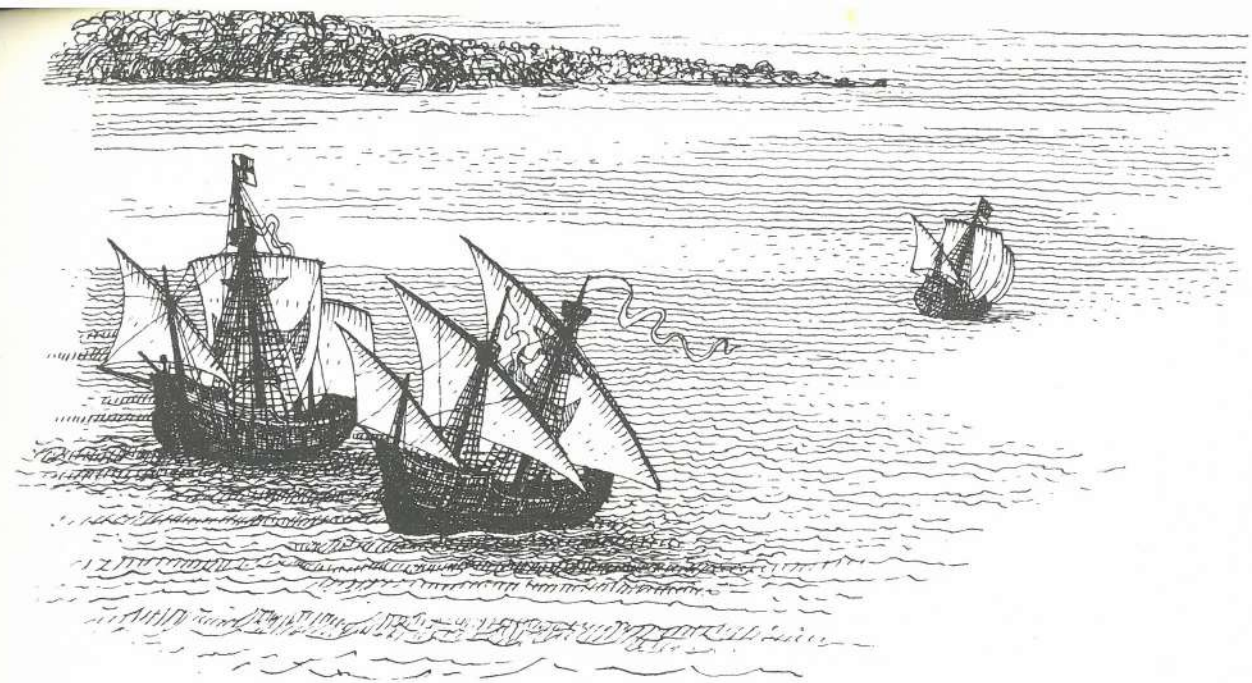
Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome, esforço e valentia,
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la Quem a dá:

Não tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a lei maldita,
Se tu pela de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?

Deixas criar às portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.

Oh!, maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!

Trouxe o filho de Jápeto do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano!).
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!

Não cometera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande arquitector co'o filho, dando,
Um, nome ao mar, e, o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!

CANTO QUINTO

Enquanto o velho digno e honrado clamava estas sentenças, abrimos as asas ao vento e abalámos do porto. Como é tradição dos navegantes, ao desfraldarmos as velas, gritámos uns aos outros:

– Boa viagem!

E logo o vento fez ranger os mastros e avançar as naus.

Era no mês de Julho, quando o Sol entra no signo do Leão. Corria o ano de 1497.

Já a terra se afastava pouco a pouco: ficavam para trás o querido Tejo e a serra frondosa de Sintra, onde o olhar se alonga; ficava para trás, na pátria amada, o nosso coração triste e saudoso. Por fim, só nos rodeava o mar e o céu. Assim fomos sulcando aquelas águas que mais ninguém sulcara, respirando novos climas, vendo novas ilhas, mandadas descobrir pelo sábio Infante D. Henrique. Deixávamos à mão esquerda os montes marroquinos e à mão direita um mundo ainda ignorado, embora se suspeite que nele existem outras terras e gentes.

Passámos a grande ilha da Madeira, deste modo chamada por causa do arvoredo que a recobre. Foi a primeira a ser povoada pelos Portugueses, e a sua formosura excede a de todas aquelas que Vénus habitou e ama.

Passámos regiões agrestes e desertas, sem sombra de água ou frutos. Passámos outras cada vez mais ardentes, onde a corrente fria do rio Senegal banha e rega povos estranhos de pele escura.

E, após avistarmos as ilhas Canárias, chamadas outrora Afortunadas, aportámos à ilha de Santiago (o santo apóstolo que tanto ajudou os Espanhóis a combater os Moiros), no arquipélago de Cabo Verde, já bem conhecido dos nossos mareantes. Mal alcançámos ventos favoráveis, seguimos viagem, tornando a cortar o imenso lago salgado do oceano, abandonando a terra aprazível, que nos fornecera alimentos frescos e um doce repouso.

Rumo ao sul, passámos a aspérrima Serra Leoa, o cabo das Palmas, a ilha de São Tomé e a linha do equador. Depois surgiu-nos o extenso reino do Congo, convertido por nós à fé cristã, onde corre o rio Zaire, longo e claro, que ninguém conheceu antes dos Portugueses. Olhando o céu nocturno, deparou-se-nos aquela refulgente constelação, o Cruzeiro do Sul, que também nós fôramos os primeiros a contemplar. Era um céu menos estrelado, menos belo, esse que nos cobria e se estende até onde não se sabe se outra terra começa ou o mar acaba.

E navegámos, navegámos sempre, por regiões queimadas pelo Sol intenso, sofrendo calmarias e tormentas, sacudidos por ventos furiosos, afastados de vez do hemisfério norte, vendo a Ursa Maior e a Ursa Menor sumirem-se nas águas.

Contar-te longamente as perigosas
Coisas do mar, que os homens não entendem,
Súbitas trovoadas temerosas,
Relâmpagos que o ar em fogo acendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos é trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

Os casos vi que os rudos marinheiros,
Que têm por mestra a longa experiência,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as coisas só pela aparência,
E que os que têm juízos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por ciência
Vêem do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos ou mal entendidos.

Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a marítima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e coisa, certo, de alto espanto,
Ver as nuvens, do mar com largo cano,
Sorver as altas águas do Oceano.

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava): levantar-se
No ar um vaporzinho e sutil fumo
E, do vento trazido, rodear-se;
De aqui levado um cano ao Pólo sumo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da matéria das nuvens parecia.

Ia-se pouco e pouco acrescentando
E mais que um largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de água em si chupava;
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima dele ũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada,
Co'o cargo grande d'água em si tomada.

Qual roxa sanguessuga se veria
Nos beiços da alimária (que, imprudente,
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sede ardente;
Chupando, mais e mais se engrossa e cria,
Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta
A si e a nuvem negra que sustenta.

Mas, depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe
E pelo céu, chovendo, enfim voou,
Por que co'a água a jacente água molhe;
Às ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sábios na Escritura
Que segredos são estes de Natura.

Se os filósofos da Antiguidade, ao percorrerem tantas terras para lhes desvendar os segredos, tivessem visto as maravilhas que eu vi, ao dar velas aos ventos mais diversos, que grandes livros escreveriam, com notícias de signos e de estrelas, de coisas estranhas e prodigiosas! E sem precisarem de mentir, pois tudo é pura verdade.

Há quatro meses já que iniciáramos esta viagem, quando o gageiro vigilante grita do alto da gávea:

– Terra! Terra!

A tripulação corre alvoroçada ao convés, para ver as terras do Oriente no horizonte. Foram-se, lentamente, descobrindo os montes que, a princípio, eram uma nuvem muito vaga. Chegados perto da costa, lançámos âncora e amainámos velas. E para conhecer melhor em que parte do Mundo nos achávamos, consultámos um novo instrumento, o astrolábio, de construção delicada e ciência perfeita.

Mal desembarcámos, logo todos se espalharam por ali, ansiosos de ver coisas ignotas, na terra que outro povo jamais pisara. Porém, eu e os pilotos ficámos na praia, para medir a altura do Sol. Concluímos então que havíamos chegado ao Sul de África, entre o trópico de Capricórnio e o Círculo Polar Antárctico, que é a parte mais secreta do Mundo.

Estando eu entretido nestas observações, eis que vejo vir, rodeado pelos meus companheiros, um homem de pele negra e aspecto selvagem, surpreendido por eles a colher o mel dos favos e feito prisioneiro. Aparentava um grande medo, como quem nunca se vira em tais apuros. Nem ele entendia a nossa língua, nem nós a dele. Mostramos-lhe ouro e prata, pimenta e canela ... mas parecia desconhecer todos estes metais e especiarias. Resolvo, então, presenteá-lo com um colar de contas de vidro, alguns guizos e um barrete de cor alegre, vermelha. Com sinais e acenos, deu-nos a perceber o quanto estas ofertas lhe agradavam. Mando depois soltá-lo, e logo ele desaparece com as dádivas, a caminho da sua povoação, provavelmente próxima.

Ora no dia seguinte, um grupo de negros, completamente nus, decerto da mesma tribo que o primeiro, vem ter connosco a pedir presentes iguais. Mostram-se todos tão humildes e pacíficos que Fernão Veloso resolve partir com eles pelo mato, para lhes conhecer a terra e os costumes. Confiado na destreza do seu braço e na sua coragem, o valente soldado julga a vida segura.

Muito tempo decorreu sem que ele regressasse. Inquietos com a demora, não perdíamos de vista o outeiro por onde se afastara com o bando de selvagens. Súbito, aparece-nos Veloso, correndo a bom correr, em direcção à praia! Logo o batel de Nicolau Coelho se prepara para ir recolhê-lo. Então, do alto do outeiro, surge um negro que se lança atrás do fugitivo, tentando agarrá-lo. E um outro, e outro ainda, e muitos mais, saem-lhe também ao caminho. Apressa-se Veloso, perseguido pelo bando em fúria. Nós acelerámos o ritmo da remada, para chegar a tempo de salvá-lo. Uma nuvem de setas e de pedras cai-nos em cima, arremessada pelos selvagens. Graças ao vento que a desvia, conseguimos escapar sem ferimentos. Mas o bando de negros não teve a mesma sorte, pois demos-lhe resposta violenta e adequada. Pareceu-me até ser o vermelho dos barretes menor do que o do sangue derramado. Por fim, com Fernão Veloso livre de perigo, retornámos às naus, indignados com a feia traição daquela gente bestial, bruta e malvada.

E como dali não conseguíamos qualquer informação sobre a Índia desejada (saber se estaríamos longe ou perto), dei ordem de partida.

A bordo da nau, os companheiros de Veloso comentavam-lhe a façanha e um deles disse-lhe, entre o riso geral:

– Veloso amigo, parece-me que aquele outeiro era mais fácil de descer do que de subir!

– Olá se era! – respondeu-lhe o atrevido aventureiro. – Mas quando vi o enorme bando de cães vir em vossa direcção, lancei-me numa corrida, por me lembrar que estáveis cá sem mim para vos defender!

Contou então que, mal passara o outeiro, os negros não o deixaram ir avante e, se não voltasse tão depressa, tê-lo-iam matado. Vendo-o fugir, trataram de emboscar-se, pois calculavam que nós, ao acudir-lhe, acabaríamos por penetrar no interior do Reino, onde nos roubariam mais facilmente.

Porém já cinco sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
– Ó Potestade, disse, sublimada:
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

Tão grande era de membros que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
C'um tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A mim e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

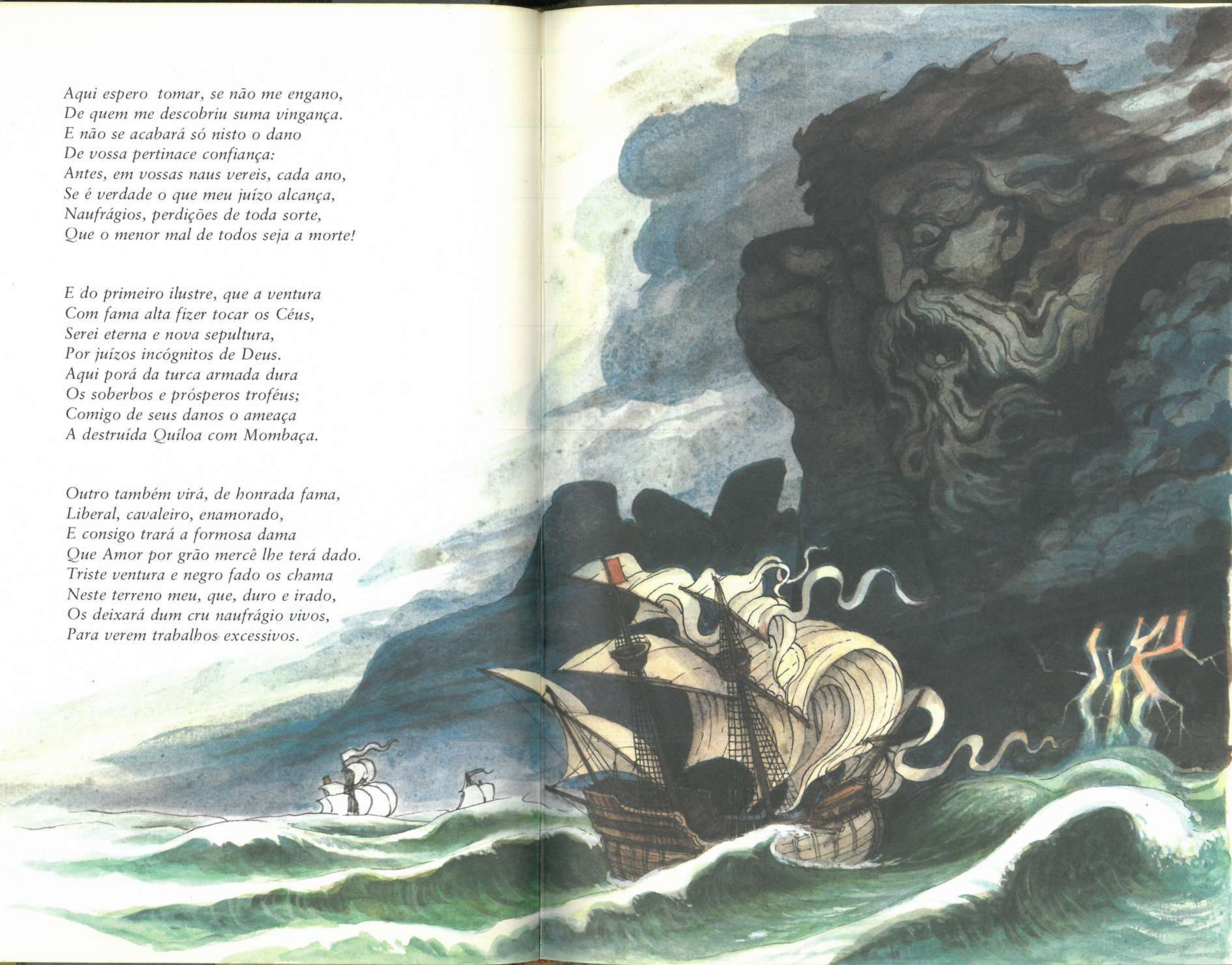
E disse: – Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados de estranho ou próprio lenho:

Pois vens ver os segredos escondidos
Da Natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mim que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pela terra
Que inda hás-de subjugar com dura guerra.

Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentos desmedidas!
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei de improviso tal castigo
Que seja mor o dano que o perigo!

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança.
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte!

E do primeiro ilustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá da turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.

Outro também virá, de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a formosa dama
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres, ásperos e avaros,
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e preclaros
À calma, ao frio, ao ar, verão despidos,
Depois de ter pisada, longamente,
Co'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes míseros ficarem
Na férvida, implacábil espessura.
Ali, depois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da formosa e misérrima prisão.

Mais ia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos Fados, quando, alçado,
Lhe disse eu: – Quem és tu? Que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado!
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:

– Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio e quantos passaram fui notório.
Aqui toda a africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontório,
Que para o Pólo Antárctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende!

E o gigante narrou a sua história:

– Chamo-me Adamastor e sou um rude filho da Terra. Combati contra Júpiter e conquistei as ondas do oceano, tornando-me Capitão do mar. Andando nesta guerra, enamorei-me de Tétis, uma das filhas de Neptuno, quando a vi vagueando nua pela praia, em companhia de outras ninfas. Foi tão forte o amor que ainda hoje não consigo esquecê-la. Como não podia conquistá-la de outra forma, pois sou tão grande e tão horrendo, resolvi pedir a Dóris que fosse intérprete dos meus sentimentos junto de Tétis. E a deusa falou de mim à ninfa, não sem algum receio.

Porém, Tétis respondeu-lhe com um sorriso honesto:

– O amor de uma simples ninfa não pode satisfazer o amor de um gigante. Contudo, para evitar mais guerras, aceito a proposta de boda.

A mensageira trouxe-me a resposta e eu caí na armadilha (o amor é sempre cego!), com o coração cheio de esperança e de desejo. Pobre néscio que fui, desisti da guerra e, uma noite, avisado por Dóris, vi aparecer-me ao longe o corpo de Tétis, branco e desnudo. Louco de amor, abri os braços e corri para aquela que era a minha vida. Comecei então a beijar-lhe os olhos, as faces, os cabelos ... Mas, oh, nojo dos nojos! Nem eu sei como contar--vos! Julgando ter nos braços quem amava, achei-me abraçado a um áspero monte, de mato espesso e bravio. Vendo-me frente a frente com um penedo, que eu afagava como se fosse um rosto angelical, não me portei como um homem, não: fiquei quieto e mudo; fiquei apenas como um penedo junto de outro penedo.

– Ó ninfa cruel, se sentias por mim tanta repugnância, que te custava deixares-me num engano doce, ainda que fosses monte, ou sonho, ou nuvem, ou nada?

Desesperado, fugi dali para que ninguém se risse das minhas lágrimas amargas.

Por esse tempo, foram meus irmãos vencidos, pois não se vencem guerras contra os deuses. E eu, que chorava o meu desgosto, comecei a sentir no corpo o castigo dos fados inimigos: converteu-se-me a carne em terra dura, os ossos em penedos, e toda a minha enorme estatura de gigante alastrou pelo mar, transformada, por vingança dos deuses, neste cabo remoto. Mas o maior sofrimento que padeço é ver continuamente Tétis a cercar-me, em forma de vaga, redonda e harmoniosa.

Assim falou o Adamastor. E, em alto pranto, desapareceu dos meu olhos. Então, desfez-se a nuvem negra e o forte bramido do mar foi-se afastando.

Eu, erguendo as mãos, roguei a Deus que nos livrasse dos perigos anunciados pelo gigante infeliz.

Na manhã seguinte, avistámos o cabo agreste em que fora convertido o feio Adamastor. E ao longo da costa, começando já a navegar em águas do Levante, abordámos uma nova terra povoada de gente negra, mas de trato alegre e afável. Vieram receber-nos com bailes e com festas, trazendo rebanhos gordos e bem criados. As mulheres montavam bois vagarosos, animais que têm em grande estima, e entoavam cantigas pastoris, ao som de avenas rústicas. Solícitos e prazenteiros, ofereceram-nos carneiros e galinhas, levando em troca simples peças de adorno. Mas, como nada soubessem das terras que buscamos, levantámos âncora e desfraldámos velas, para novo rumo.

Já tínhamos rodeado, pelo Sul, toda a costa africana, deixando à retaguarda aquele ilhéu onde primeiro aportou Bartolomeu Dias, quando descobriu o cabo Tormentório. Demandávamos agora o equador, entre bonanças e tempestades. Por vezes, as correntes eram tão possantes que não nos deixavam avançar. Mas o vento sul, furibundo, empurrava-nos, e lá íamos sempre para diante ...

No dia consagrado aos Reis Magos, cheio de um Sol magnífico, entrámos noutro porto de gente também hospitaleira, mas também ignorante da rota para a Índia. Como lembrança do dia soleníssimo, demos o nome de Rio dos Reis ao rio largo que banhava essas paragens, de onde recolhemos água doce e mantimentos frescos.

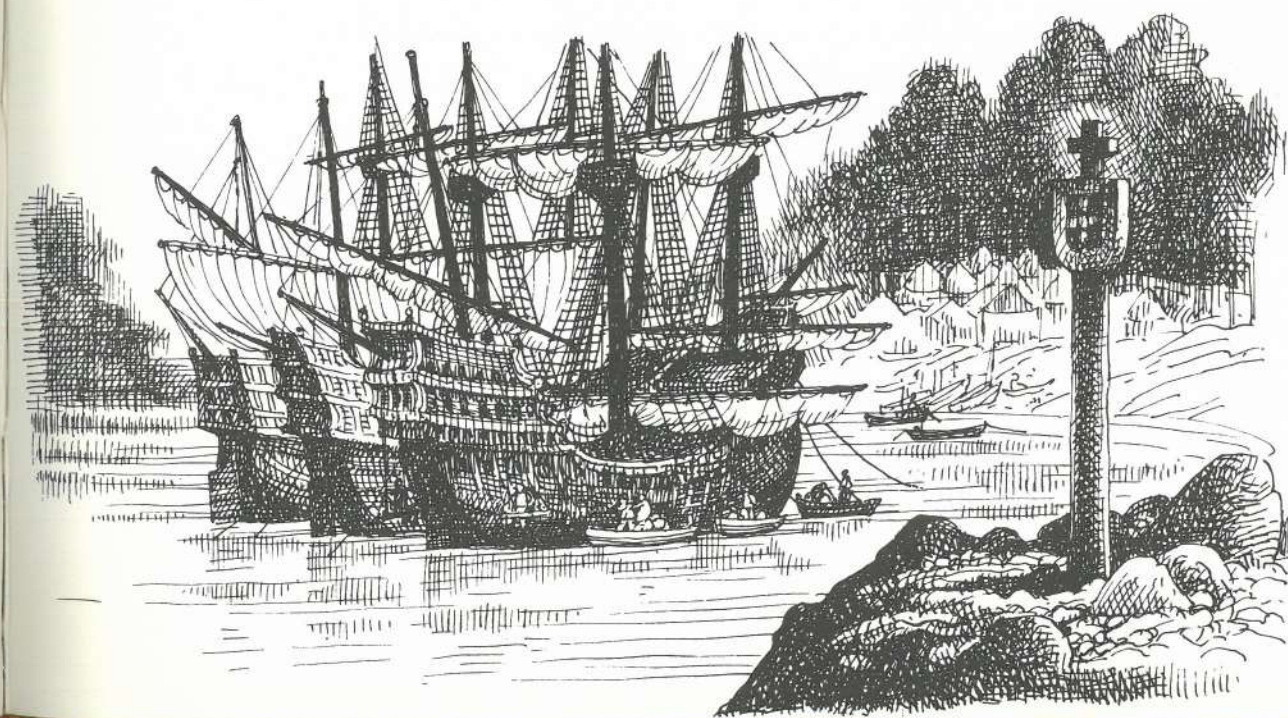
Vê tu, ó rei, quantas regiões percorremos habitadas por tantos povos selvagens, todos eles desconhecendo quaisquer sinais, quaisquer notícias das terras do Oriente que, ansiosos, demandávamos. Vê tu, quão desgraçados, quão perdidos de fome, quão martirizados por tormentas e estranhos climas nos encontrávamos, a ponto de o desespero começar a vencer-nos a coragem e a fé.

Com os alimentos apodrecidos e prejudiciais ao corpo debilitado, sem réstia de esperança a alegrar-lhes a alma, acreditas tu que os meus soldados, se não fossem Portugueses, permaneceriam tanto tempo fiéis ao seu rei e às suas ordens?

Julgas, acaso, que não se teriam revoltado já contra o Capitão que lhes resistisse, fazendo-se piratas, impelidos pelo desespero, pela fome, pela raiva? Eles provaram bem e largamente que nenhuma missão, por mais difícil, os desvia das altas virtudes portuguesas: a lealdade firme e a obediência.

Enfim, regressados ao mar, fizemos um pequeno desvio da costa, para que o vento manso e frio nos livrasse dos perigos das águas da enseada. A S. Nicolau encomendámos o leme frágil, pedindo o auxílio divino na manobra das naus. Entregues a esta tarefa e quase desesperando de a levar a bom termo, eis que uma novidade nos vem alvoroçar. Foi o caso que vimos no horizonte próximo, entre praias e montes, desaguar um rio por onde entravam e saíam alguns batéis. A nossa alegria foi grande, pois logo pensámos encontrar entre aqueles navegantes quem nos informasse sobre a Índia.

Eram todos de raça negra e usavam um pano estreito de algodão a cingir-lhes a cabeça e outro, tingido de azul, á volta da cintura. Como lhes ouvimos algumas palavras em língua árabe, o nosso intérprete Fernão Martins pôde interrogá-los e entendê-los. Soubemos então que já tinham avistado naqueles mares naus do tamanho das nossas e que para as bandas do Oriente habitavam homens da nossa cor, da cor do dia. Estas notícias animaram-nos tanto, por nos darem sinais claros da Índia, que pusemos o nome de Rio dos Bons Sinais ao rio que ali corria. E erguemos na praia um dos muitos padrões que trazíamos para assinalar lugares como aquele.

Aproveitámos então o sítio ameno para limpar o casco das naus que os longos caminhos do mar haviam sujado de limos, cascas e ostras. O gentio, sempre amável, sem revelar qualquer falsa intenção, forneceu-nos todos os mantimentos necessários. Porém, aquela terra pura e calma não nos deu só satisfações e esperança. Deu-nos também uma pesada desventura. Mas, ai de nós, é esta a condição humana: viver entre a alegria e a dor!

E foi que, de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que, sem o ver, o creia,
Que tão disformemente ali lhe incharam
As gengivas na boca, que crescia
A carne e juntamente apodrecia?

Apodrecia c'um fétido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionava.
Não tínhamos ali médico astuto,
Cirurgião sutil menos se achava;
Mas qualquer, neste ofício pouco instruto,
Pela carne já podre assim cortava
Como se fora morta, e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

Enfim que nesta incógnita espessura
Deixámos para sempre os companheiros
Que em tal caminho e em tanta desventura
Foram sempre connosco aventureiros.
Quão fácil é ao corpo a sepultura!
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
Estranhos, assim mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o ilustre os ossos.

Assim partimos deste porto, com a maior das esperanças e a maior das tristezas, em busca de sinais mais certos sobre a Índia. Foi quando nos surgiu a ilha de Moçambique, cuja falsidade e vileza, tal como a traição dos povos de Mombaça, conheces já. Até que, por fim, viemos ancorar no teu seguro reino de Melinde, onde só achámos brandura e um tratamento tão gentil que dará saúde a um vivo e vida a um morto. Aqui, repouso, doce conforto, tranquilidade de espírito – tudo encontrámos e nos deste.

É esta a nossa história que me pediste para te contar.

Agora podes julgar, ó rei, se houve no Mundo outra gente que se arriscasse a tais caminhos! Nem Eneias nem Ulisses, esses heróis e semideuses, navegaram até tão longe o mar profundo. Por mais versos que os louvem e lhes forjem perigos, ventos irados, traições, sereias e tormentas, jamais alcançarão a glória do Povo Português! A verdade que eu te conto, nua e pura, vence qualquer livro, por maior invenção de quem o invente.

Todos estavam suspensos dos lábios do eloquente Vasco da Gama, quando terminou a narrativa dos feitos lusitanos. O rei de Melinde elogiava o coração sublime dos reis vencedores de tantas guerras e a nobreza e lealdade daquele povo que eles governavam. E os seus súbditos vão recordando os casos da narrativa que mais os impressionaram, sem tirar os olhos desses navegantes vindos de tão longe.

Mas eis que o Sol mergulha nas águas do oceano e o rei e os seus regressam ao palácio.

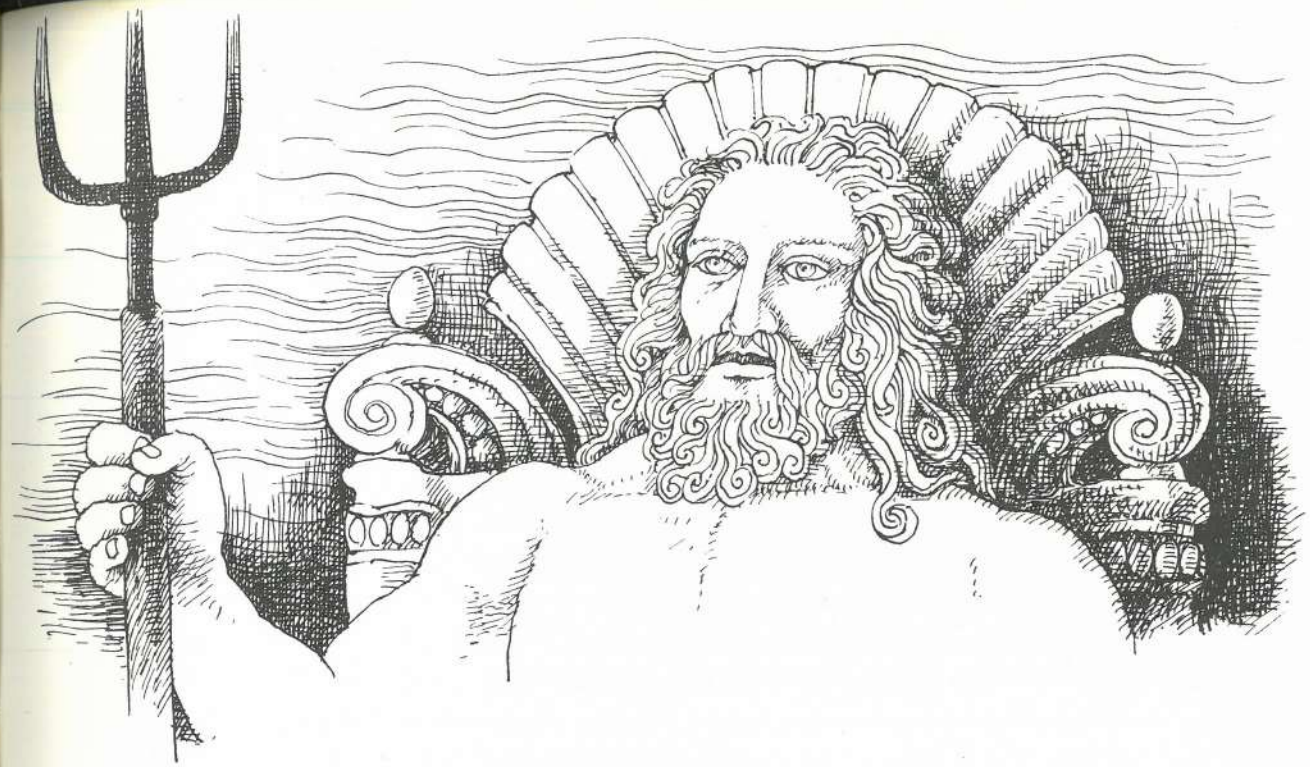
Dá a terra lusitana Cipiões,
Césares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá, contudo, aqueles dões
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octávio, entre as maiores opressões,
Compunha versos doutos e venustos
(Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira,
Quando a deixava António por Glafira.)

Vai César subjugando toda França
E as armas não lhe impedem a ciência;
Mas, numa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloquência.
O que de Cipião se sabe e alcança
É nas comédias grande experiência.
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

Enfim, não houve forte capitão
Que não fosse também douto e ciente,
Da lácia, grega ou bárbara nação,
Senão da portuguesa tão-somente.
Sem vergonha o não digo: que a razão
De algum não ser por versos excelente
É não se ver prezado o verso e rima:
Porque quem não sabe arte não na estima.

Por isso, e não por falta de natura,
Não há também Virgílios nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneias nem Aquiles feros.
Mas o pior de tudo é que a ventura
Tão ásperos os fez e tão austeros,
Tão rudos e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.

Às Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da Pátria, que as obriga
A dar aos seus, na lira, nome e fama
De toda a ilustre e bélica fadiga;
Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,
Calíope não tem por tão amiga
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas de ouro fino e que o cantassem.

Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o lusitano feito
Seu louvor, é somente o pressuposto
Das Tágides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe, enfim, de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito:
Que por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

CANTO SEXTO

O rei de Melinde não sabia que mais fazer para honrar os bravos navegantes e alcançar a amizade do rei D. Manuel, só lamentando não ser o reino lusitano vizinho do seu, para mais fácil e melhor convivência.

Com alegres pescarias, jogos, danças e outras diversões, todos os dias festeja os Portugueses, servindo-lhes lautos banquetes com manjares desusados de fruta, aves, carne e peixe.

Mas vendo Vasco da Gamaa que já descansara, ali, demasiado, e o vento fresco o convidava a contratar, depressa, os pilotos necessários, a embarcar mantimentos e a partir, despede-se do rei bondoso que lhe pede, bem como a todos, uma amizade duradoira. E pede mais: que o porto de Melinde seja sempre visitado pelas frotas portuguesas, pois não deseja maior bem do que este. E pede mais ainda: que o rei de Portugal e as suas gentes sublimes disponham da sua vida e do seu Reino.

Responde-lhe Vasco da Gama com iguais palavras de gratidão e cortesia e logo dá ordem de içar as velas, rumo às terras do Oriente há tanto procuradas. O piloto melindano não alimentava no coração qualquer intuito de cilada; pelo contrário, vai dando indicações acertadas sobre a rota a seguir, e as naus agora navegam seguras pelos mares da Índia, quase a findar-se a missão que as trouxera àquelas paragens distantes.

Mas Baco não pode tolerar as mil venturas reservadas à gente lusitana (que bem as merece) e arde em raiva e blasfema e desatina. Via ele que os Céus haviam determinado fazer de Lisboa uma nova Roma imperial. Como lhe era impossível impedir, do Olimpo, a glória portuguesa, resolve descer à Terra e procurar, junto de Neptuno, remédio para o seu desespero.

No fundo das profundas e altas cavernas onde o mar se esconde; lá, de onde as ondas saem furiosas em tempo de temporais, agitadas pelas iras do vento, é a morada de Neptuno e de outros deuses marinhos.

O solo, sempre coberto pelas águas, é de uma areia prateada e fina. Erguem-se dele soberbas torres de cristal transparente que, pela clareza e brilho, dir-se-iam feitas de diamante. As portas, de oiro puro e marchetadas de aljôfar, estão lavradas com formosas esculturas, nas quais o furibundo Baco pacifica o olhar.

Ali, vê representados, sob variadas cores, os quatro elementos da criação: o Fogo, o Ar, a Terra e a Água, ocupados em diversos ofícios. Em cima, o Fogo, que nenhuma matéria pode sustentar, pois é ele que anima tudo quanto é vivo. Logo a seguir, o Ar, leve e invisível, sem o qual o Mundo seria vazio. Depois, a Terra, com os seus montes revestidos de plantas verdes e árvores floridas, fornecendo alimentos diferentes aos animais que a habitam. Por fim, a Água, rodeando as terras, sustentando os peixes e circulando em todos os corpos, na forma de linfa.

Baco vê também esculpidas na porta cenas das violentas guerras travadas entre os deuses e os gigantes. Mas pouco se demora a admirar tais belezas e tais riquezas, pois a ira não o deixa tranquilo. Entra, então, no palácio de Neptuno que, avisado da sua vinda, o aguarda na companhia de muitas ninfas, maravilhadas por ver entrar no reino da água o rei do vinho. E disse Baco:

– Ó Neptuno, não te espantes desta visita que te faço, pois a sorte injusta pode atingir até os mais poderosos. Se queres ouvir a minha desventura, convoca os deuses do mar para que todos conheçam um mal que a todos toca.

Neptuno, convencido de que Baco lhe vem falar de um caso estranho e grave, ordena a Tritão, seu filho e seu mensageiro, que chame os deuses da água, habitantes do mar.

Tritão era um jovem robusto, negro e feio. Os seus cabelos e barba, muito compridos, e que decerto nunca conheceram pente, eram limos verdes cheios de água, tendo pendurados, nas pontas gotejantes, muitos

mexilhões negros, ali nascidos. Na cabeça, usava, à maneira de gorro, uma enorme casca de lagosta. Trazia o corpo nu, para lhe permitir nadar mais facilmente, mas todo coberto de centenas de camarões sujos de musgo, e caranguejos, ostras, berbigões, caramujos ... Soprava numa grande concha retorcida, convocando os deuses marinhos que, obedientes à chamada, logo caminharam direitos ao palácio.

Ali chegados, penetram na sala nobre e magnífica, onde Neptuno e Baco se encontram sentados em tronos semelhantes. As deusas tomaram então lugar em riquíssimos estrados e os deuses em cadeiras de cristal. No ar flutuava o aroma do âmbar, nascido nos mares e transformado em perfume pela ciência dos árabes.

Quando se fez silêncio, Baco começou a revelar a causa da sua amargura, exagerando os sentimentos para melhor mover o auditório contra os Portugueses. Dizia ele:

– Ó rei Neptuno, que, por direito, governas o mar de um pólo a outro; tu, que proíbes às gentes da terra abandonar as fronteiras que lhes foram impostas; e tu, pai Oceano, que rodeias o mundo universal e, com justa decisão, não o deixas passar além dos seus limites; e vós, deuses do mar, que não admitis qualquer injúria ao vosso vasto Reino, como é que todos vós não vos vingais de quem vos invade os domínios e, livre e ousadamente, os atravessa? Quem vos abrandou os corações, dantes endurecidos, com razão, contra os humanos, fracos e insolentes? Vós vistes bem com que atrevimento eles enfrentaram já os próprios deuses supremos; vistes bem com que fantástica loucura se fizeram ao mar, com remos e velas; vistes (e ainda vemos em cada dia que passa) como se mostram audazes e soberbos, a tal ponto que temo, dentro em pouco, sejam eles os deuses do mar e do Céu e nós os humanos. Vedes, agora, como vão sulcando o nosso mar, mais do que fizeram os povos de Roma; vedes o vosso Reino devassado e as vossas leis violadas ... e que esperais para tirar vingança? Porque tardais com ela?

Não julgueis, porém, que foi por amor de vós que desci do Céu, magoado com as injúrias que sofreis, mas por amor de mim e magoado com as injúrias que me fazem, pois vejo as terras indianas, que me pertenciam e eram a minha glória, submetidas a tais gentes. E, como Júpiter se dispôs a ajudar os Lusos nesta empresa, esquecido do vosso valor bem maior do que o deles, resolvi fugir do Olimpo e procurar entre vós algum conforto para os meus pesares.

Baco ia prosseguir, mas já não pôde, pois as lágrimas saltaram-lhe dos olhos, o que transformou as deusas da água em fogo de indignação. Num pronto, a ira penetrou no coração de todos e não foram precisas mais palavras para os decidir a mandar recado a Éolo, dizendo-lhe que soltasse as fúrias dos ventos para não haver no mar mais navegantes. Logo o deus, obedecendo às ordens de Neptuno, liberta das prisões aqueles que governa, instigando-os contra os Portugueses corajosos:

Súbito, o céu sereno escureceu, e os ventos, mais do que nunca impetuosos, começaram a aumentar de violência, derribando casas, torres e montes.

Ora, durante este conselho dos deuses marinhos com Baco, a frota de Vasco da Gama, alegre e despreocupada, seguia viagem, com águas tranquilas e vento sossegado. Era de noite, a marinhagem procedia à rendição dos quartos de vigia. Enquanto uns iam deitar-se, outros despertavam e vinham substituir os companheiros. Vinham ainda ensonados, bocejando amiúde e espreguiçando-se. Mal chegavam ao convés, encostavam-se aos mastros, protegendo-se dos frios da madrugada. Como os olhos teimavam em fechar-se, resolveram espantar o sono contando histórias ou narrando peripécias da viagem. Diz um:

– Como havemos de passar sem dormir este tempo aborrecido, senão ouvindo histórias alegres?

Responde-lhe Leonardo, que tinha um coração sempre enamorado:

– E que melhores para contar e ouvir do que histórias de amor?

Mas Fernão Veloso atalha logo:

– Nesta vida dura que vivemos, não é justo tratar de coisas brandas: os trabalhos rudes do mar não combinam com amor e delicadezas. Bem melhor é contarmos casos da nossa história, feita de actos valorosos e guerreiros, que podem servir-nos de bom exemplo para tudo o que a sorte incerta ainda nos reserva.

Todos concordam com a opinião de Veloso, pedindo-lhe que lhes narre qualquer episódio dos altos feitos portugueses.

E Veloso começa assim:

– Dos nascidos, direi, na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

Entre as damas gentis da corte inglesa
E nobres cortesãos, acaso um dia
Se levantou discórdia, em ira acesa
(Ou foi opinião, ou foi porfia).
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em tais damas não há para ser damas;

E que se houver alguém, com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que eles, em campo raso ou estacada,
Lhe darão feia infâmia ou morte crua.
A feminil fraqueza, pouco usada,
Ou nunca, a opróbrios tais, vendo-se nua
De forças naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.

Mas, como fossem grandes e possantes
No Reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lágrimas formosas, e bastantes
A fazer que em socorro os Deuses levem
De todo o Céu, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Este, que socorrer-lhe não queria
Por não causar discórdias intestinas,
Lhe diz: – Quando o direito pretendia
Do Reino lá das terras iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que eles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

Destarte as aconselha o duque esperto
E logo lhe nomeia doze fortes;
E por que cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre eles lancem sortes,
Que elas só doze são; e descoberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cada uma escreve ao seu, por vários modos,
E todas a seu rei e o duque a todos.

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade;
Quisera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho sofre a régia majestade.
Qualquer dos cortesãos aventureiro
Deseja ser, com férvida vontade,
E só fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo duque nomeado.

Já do seu Rei tomado têm licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aqueles que escolhidos por sentença
Foram do duque inglês experimentado.
Não há na companhia diferença
De cavaleiro, destro ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia,
Destarte fala à forte companhia:

– Fortíssimos consócios, eu desejo
Há muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis e várias manhas.
Agora que aparelho certo vejo,
Pois que do mundo as cousas são tamanhas,
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

Chega-se o prazo e dia assinalado
De entrar em campo já co'os doze ingleses,
Que pelo Rei já tinham segurado;
Armam-se de elmos, grevas e de arneses.
Já as damas têm por si, fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos Portugueses;
Vestem-se elas de cores e de sedas,
De ouro e de jóias mil, ricas e ledas.

Mas aquela a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavaleiro nesta empresa;
Bem que os onze apregoam que acabado
Será o negócio assim na corte inglesa,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dois e três dos seus faleçam.

Mastigam os cavalos, escumando,
Os áureos freios, com feroz semblante;
Estava o Sol nas armas rutilando,
Como em cristal ou rígido diamante;
Mas enxerga-se, num e noutro bando,
Partido desigual e dissonante
Dos onze contra os doze; quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do rebuliço:
Eis entra um cavaleiro, que trazia
Armas, cavalo, ao bélico serviço;
Ao rei e às damas fala e logo se ia
Para os onze, que este era o grão Magriço.
Abraça os companheiros, como amigos
A quem não falta, certo nos perigos.

A dama, como ouviu que este era aquele
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra e veste ali do animal de Hele,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão sinal, e o som da tuba impele
Os belicosos ânimos, que inflama;
Picam de esporas, largam rédeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

Dos cavalos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavalo voa, que não dece;
Qual, co'o cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É destes gastadores, que sabemos,
Maus do tempo, com fábulas sonhadas.
Basta, por fim do caso, que entendemos
Que, com finezas altas e afamadas,
Co'os nossos fica a palma da vitória
E as damas vencedoras e com glória.

Depois de relatar tal episódio, Veloso dispôs-se a contar um outro, passado também com o Magriço, na Inglaterra, onde ele se deixara ficar; e outro, ainda, quando este cavaleiro fora em defesa da condessa de Flandres e matara, em torneio, um cavaleiro francês; e outro mais, acontecido na Alemanha, aos mesmos doze Portugueses.

Mas, mal começara as novas narrativas, ante a curiosidade dos companheiros, o mestre da nau, que não deixara de observar os ares, toca, súbito, o apito, chamando a marinhagem à faina. Acodem todos de todos os lados e, porque o vento refresca, o mestre dá ordem de colher os traquetes das gáveas. E avisa, inquieto:

– Estai alerta, que o vento cresce daquela nuvem negra!

Ainda os traquetes não estavam bem presos, quando a porcela rebenta. O mestre brada, com força e aflição:

– Amainai! Amainai a vela grande!

Mas os ventos não esperam a manobra e sopram com tal fúria que a vela se desfaz logo em pedaços, num ruído tremendo, como se o mundo ruísse!

Toda a tripulação, temerosa, rompe num alarido, pois, ao perder-se a vela, a nau *S. Gabriel* começa a meter água.

Torna o mestre a gritar, mais aflito:

– ... Alija, alija tudo ao mar! À bomba que nos vamos alagando!

Enquanto os marinheiros lançam borda fora os destroços da vela, os soldados dão continuamente à bomba, esvaziando a água que entrara no porão. Mas o balanço que o mar encapelado imprime à nau faz derrubar alguns deles. Três marinheiros, embora fortes e destemidos, não conseguem aguentar o leme e foi preciso segurá-lo com cordas, de forma a poder ser comandado. Era tal o ímpeto dos ventos que faria cair a própria Torre de Babel.

A tripulação da nau *S. Rafael,* de Paulo da Gama, vendo o mastro quebrado ao meio e a água a inundar-lhe o porão, ergue as mãos aos Céus, implorando, em altos gritos, a ajuda divina. O mesmo faz a da nau *Bérrio,* de Nicolau Coelho, embora em menor perigo, pois a prudência do mestre mandara amainar as velas, antes de surgir o temporal.

As ondas enraivecidas, ora levantam as embarcações até às nuvens, ora as fazem descer às profundas do mar. E a noite, negra e feia, ilumina-se de raios que fariam arder o pólo glacial. Os alciões soltam pios tristíssimos junto à costa bravia e os alegres delfins somem-se nas cavernas marinhas, fugindo ao vento e à tempestade que nem no fundo do mar os deixa estar seguros.

Quantos rochedos derribados pelas ondas! Quantas árvores velhas arrancadas pelas bravezas das ventanias, nunca imaginando ter, voltado para o céu, o vigor das raízes! Quantas areias revolvidas pelo peso das águas!

Vasco da Gama, vendo a sua missão malograr-se tão próximo do termo, pela violência do temporal; vendo, tomado de temor, a vida em grande risco, e que nenhum remédio lhe valia, busca o remédio santo daquele Deus que pode o impossível. E suplica-lhe:

– Ó guardião divino, angélico, celestial, que governas os céus, o mar e a terra, se protegeste o povo de Israel, fazendo-o atravessar, a enxuto, o mar Vermelho; se livraste S. Paulo do naufrágio; se salvaste Noé e os filhos do dilúvio universal, porque não nos proteges, livras, salvas, a nós que estamos a passar perigos iguais, ao serviço do Teu nome e do Teu Reino? Oh! Ditosos aqueles que puderam morrer entre as lanças africanas, lutando pela fé cristã! Deles ficou viva a memória dos seus feitos ilustres e ganharam a vida ao perderem a vida, pois a morte gloriosa honra a vida inteira. A nossa morte não nos pode honrar se não virmos concluída a nossa empresa!

Ao escutarem isto, os ventos, que lutavam, bramindo, como toiros indomáveis, assobiando pelas enxárcias, aumentam a tormenta mais e mais. A noite é continuamente iluminada por relâmpagos medonhos e trovões tremendos. Dir-se-ia que todos os elementos tinham entrado em guerra para a destruição total do Mundo.

Mas já o planeta Vénus aflora no horizonte, como mensageiro do dia. E a deusa, que lhe deu o nome e o governa, vê lá do Céu, indignada, a vingança de Baco, e logo procura pôr-lhe fim. Desce, rápida, ao mar e ordena às ninfas que engrinaldem os cabelos loiros de rosas e violetas, e assim, alegres e formosas, amansem os corações rudes dos ventos, fazendo-os prometer,

depois de enamorados (o amor tudo consegue!), lealdade à gente portuguesa até ao termo da viagem.

Tudo acontece então como Vénus ordenara e previra: e os ventos sopram bonançosos e as águas ondulam docemente.

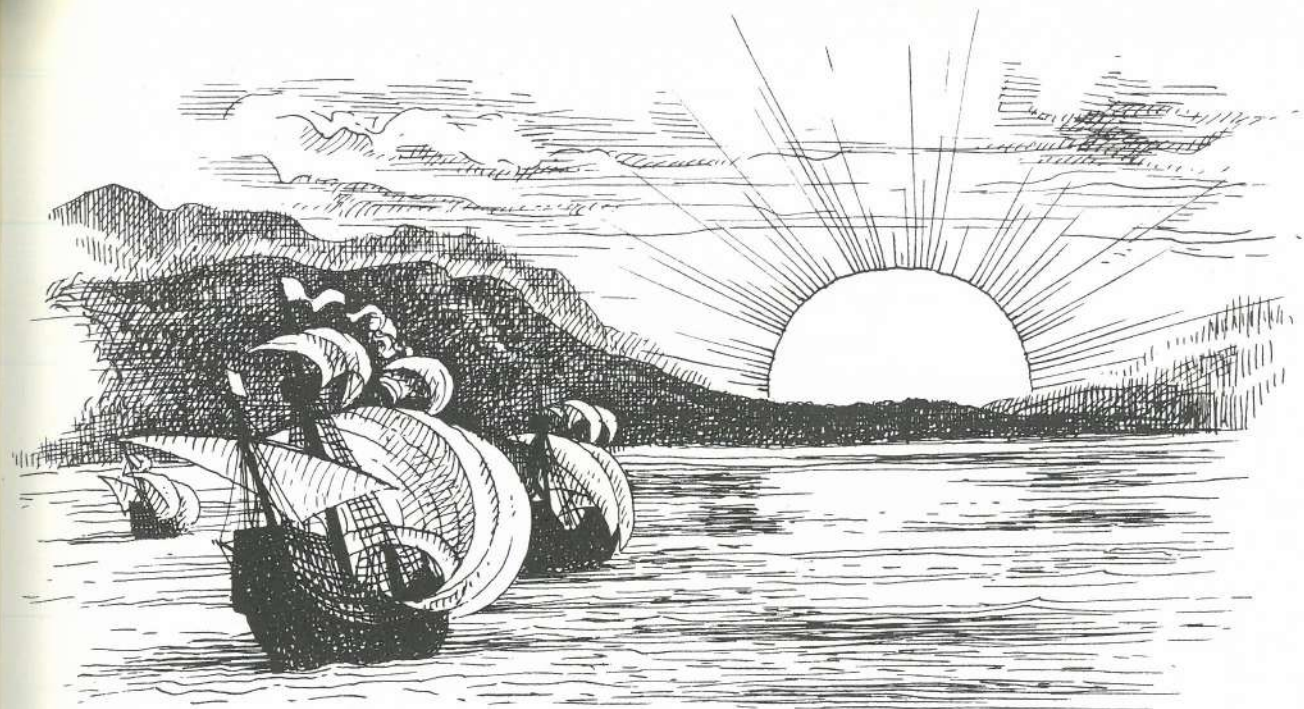
Já a manhã de sol aclarava os outeiros por onde o Ganges corre murmurante quando os marinheiros, empoleirados nas gáveas, enxergaram terra alta. As más recordações da tempestade e os temores passados voam do peito de todos, ao ouvirem o piloto melindano anunciar alegremente:

– Terra de Calicut! Sim, é esta a verdadeira Índia que buscais. Findam aqui os vossos longos trabalhos e sofrimentos.

Vasco da Gama não resiste a cair de joelhos e, erguendo as mãos aos Céus, dá graças pela mercê obtida.

E tinha razão para agradecer a Deus, que lhe mostrava agora a terra há tanto desejada e o livrara da morte forjada pelos ventos violentos, como se o fizesse despertar de um sonho horrendo.

Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos
As honras imortais e graus maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscóvia zibelinos;

Mas com buscar, co'o seu forçoso braço,
As honras que ele chame próprias suas;
Vigiando e vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas;
Engolindo o corruto mantimento
Temperado com um árduo sofrimento.

CANTO SÉTIMO

Ó audazes navegantes portugueses: já sois chegados à terra há tanto ansiada, que se estende entre o rio Indo e o rio Ganges! Coragem, pois, ó gente valorosa, que em todas as batalhas empunhastes a palma da vitória! Já sois, por fim, chegados! E diante de vós corre um caudal de riquezas sem conta! Vós, ó geração lusa, sois apenas uma parcela mínima do Mundo e sois bem poucos, entre as nações cristãs: no entanto, não temestes combater o povo muçulmano, tão numeroso e forte. E fizeste-lo sem desejo de poderio, mas em obediência à Santa Madre Igreja! Sois bem poucos, é certo, mas sois bravos e, desprezando a fraqueza das vossas armas, buscais, com o sacrifício da vida, aumentar a glória dos Céus. Porque sois humildes (virtude que Cristo tanto louva) foi-vos confiada a mais alta missão que pode haver na Terra: fazer muita Cristandade!

Vêde os Alemães, esse povo soberbo e vasto, como se rebelam contra o sucessor de S. Pedro, perfilhando as heresias de Lutero, e como andaram ocupados em duras guerras, não contra os turcos infiéis, mas contra um fiel imperador católico!

Vêde o rude inglês, Henrique VIII, que se intitula rei de Jerusalém, essa cidade santa, cativa da seita maometana, e, em vez de a libertar para Deus, prefere lutar contra o poder do Papa.

E que direi de ti, ó indigno Francisco I da França? Como podes gabar-te de descender de Carlos Magno e de S. Luís, se, em lugar de combateres na Tripolitânia ou no Egipto, vais combater em terras de cristãos? E tu, ó povo italiano, ociosamente esquecido do teu passado vitorioso, submerso, agora, na opulência vã e no vício, entretido em batalhas internas e mesquinhas?

Ó cristãos miseráveis, como é possível que vos devoreis uns aos outros, abandonando ao escárnio dos infiéis o sepulcro divino? Se cobiçais terras alheias, porque não ides buscar o oiro às areias dos rios da Turquia, ou ao solo africano? Ao menos, por esta ambição, castigaríeis os inimigos da verdadeira fé. Quantos povos cristãos, vergados ao jugo otomano, clamam liberdade! E vós inventais novas artes bélicas, mais poderosa artilharia, não para derrubar os muros de Bizâncio, mas sim para vos destruirdes uns aos outros!

Mas, enquanto vos mostrais cegos e sedentos do próprio sangue, a pequena Casa Lusitana vai ousadamente dilatando a fé cristã pela África, pela Ásia, pela América ... e se mais mundo houvera lá chegara.

Vejamos, entretanto, o que acontece aos navegantes, depois de Vénus abrandar os ventos e depois de lhes surgir a larga terra, iniciando a missão que os trouxe ali: semear a lei de Cristo, modificar os costumes dos gentios e dar-lhes novo rei.

Mal avistaram a costa, encontraram algumas leves embarcações de pescadores que lhes indicaram o caminho de Calecut, de onde eram naturais. Para lá inclinaram as proas das naus, por ser ela a mais importante cidade do Malabar e residência do rei.

Como era esta região do Mundo a que aportavam, por fim, os Portugueses?

Trata-se de um península imensa, em forma piramidal, entre dois grandes rios, o Indo e o Ganges, banhada ao sul pelo oceano Índico e tendo em frente a ilha de Ceilão. Ao norte é limitada pelos altos montes Himalaias e divide-se em vários reinos: Cambaia, Nansinga, Canaré, cujos habitantes adoram Mafoma, ou ídolos pagãos, ou até animais que aí existem. Quem governa o império é o samorim, que vive em Calecut.

Mal a frota ancorou, Vasco da Gama enviou um dos seus à cidade, a prevenir o rei da sua vinda. O mensageiro entrou pela foz do rio e o seu trajo, a raça e o aspecto fizeram com que toda a população de Calecut corresse a observá-lo. De entre a turba, destaca-se, então, um maometano, nascido no Norte de África e que conhecia o reino de Portugal, ou simplesmente por lhe ser vizinho ou por lhe ter sentido já a força das armas. Ao ver o mensageiro, interroga-o, sorridente, em língua castelhana:

– O que te trouxe a este mundo tão distante da tua pátria lusa?

Responde-lhe o mensageiro:

– Viemos descobrindo, por águas jamais navegadas, o caminho marítimo para a Índia, com a missão de dilatar a fé cristã.

O Moiro, que se chamava Monçaide, espantou-se muito de tão longa viagem, ouvindo as atribulações por que passara a armada, narradas pelo Português. Mas, vendo que a missão principal do mensageiro se destinava ao rei, informou-o de que este se encontrava fora da cidade, embora perto. E, enquanto o samorim não fosse avisado da chegada da frota, oferecia-lhe hospitalidade na sua pobre casa, onde o navegador poderia comer e repousar. Depois, iriam os dois visitar as naus, como era seu desejo, pois não há maior satisfação do que encontrar gente conhecida em terra estranha.

O Português aceitou da melhor vontade o convite de Monçaide, como se ele fosse um amigo de longa data, e, após comer e beber, encaminharam-se ambos para a nau capitânia, onde o Moiro foi recebido com grandes provas de simpatia. Vasco da Gama abraça-o, contente por ouvir falar castelhano com tanta clareza. Senta Monçaide a seu lado e enche-o de perguntas sobre a terra e os costumes. Toda a tripulação, encantada, se aproxima dos dois para escutar o Moiro.

Ele começa: — Ó gente, que a Natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que destino tão grande ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Não é sem causa, não, oculta e escura,
Vir do longínquo Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.

Deus, por certo, vos traz, porque pretende
Algum serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

Brâmenes são os seus religiosos,
Nome antigo e de grande preminência;
Observam os preceitos tão famosos
Dum que primeiro pôs nome à ciência;
Não matam cousa viva e, temerosos,
Das carnes têm grandíssima abstinência.
Somente no venéreo ajuntamento
Têm mais licença e menos regimento.

Gerais são as mulheres, mas somente
Para os da geração de seus maridos.
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciúmes ofendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admitidos.
A terra é grossa em trato, em tudo aquilo
Que as ondas podem dar, da China ao Nilo.

Assim Monçaide descreveu as terras da Índia e os seus costumes, como lhe pedia Vasco da Gama.

Entretanto, a notícia da chegada dos Portugueses voara pela cidade. Já alguns altos dignitários da corte, seguidos por uma multidão curiosa de homens e mulheres, se dirigem para a armada, a convidar o Capitão, em nome do rei, a avistar-se com ele.

Vasco da Gama parte sem detença, acompanhado por um grupo de fidalgos portugueses, envergando trajos ricamente tecidos e adornados, que a todos maravilha. É recebido na praia, de braços abertos e com grande regozijo, pelo governador da terra, intitulado catual, rodeado por muitos guerreiros, chamados naires.

Vasco da Gama e o catual sobem para um palanque (espécie de cama portátil, usada naquela região, e que é transportada aos ombros de vários servos) e põem-se a caminho do palácio, seguidos, a pé, pelas comitivas indiana e portuguesa. O povo olha o cortejo faustoso e bem deseja perguntar quem são esses estrangeiros, mas não lho permite a ignorância da língua.

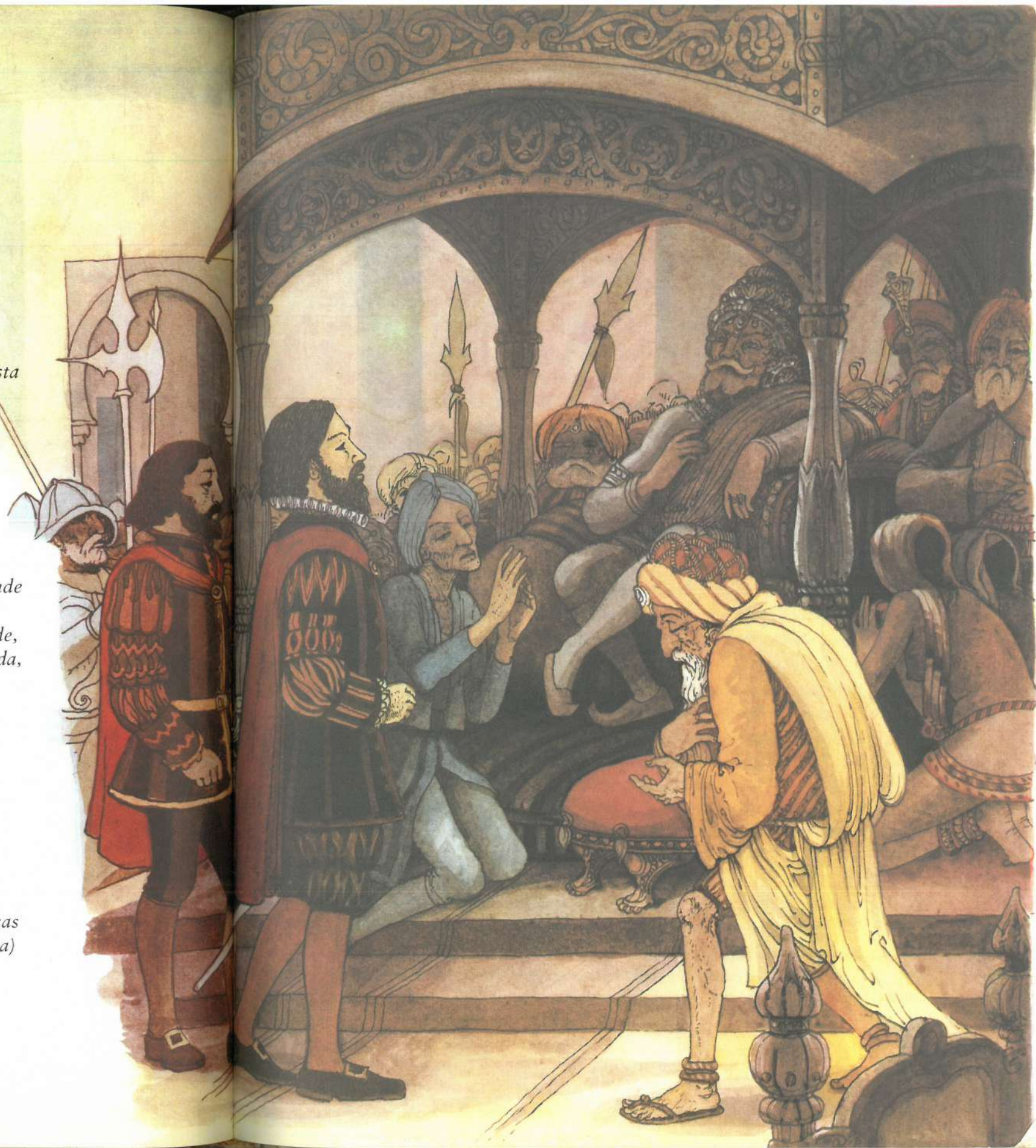
Durante a viagem, o catual ia falando com o Capitão, pois Monçaide servia-lhes de intérprete. Chegados à cidade, pararam diante de um templo magnífico, onde entraram. Ali, encontravam-se esculpidas em madeira e em pedra, exibindo diferentes cores e atitudes, os deuses da religião hindu. Os olhos dos cristãos surpreendem-se ao ver Deus representado assim em forma humana: um tem cornos na testa, outro tem duas faces, outro muitos braços, outro uma cabeça de cão. O catual curva-se diante de todos, adorando-os, e só depois retomam o caminho. Vai engrossando o séquito com o povo, e os telhados e as janelas enchem-se de velhos e moços, mulheres e crianças, para ver passar o cortejo. Por fim, eis que chegam ao palácio, que é um conjunto de edifícios baixos mas sumptuosos, rodeado de jardins aromáticos, pois, desta maneira, aqueles reis gozam, ao mesmo tempo, as belezas do campo e da cidade. Nos portais da cerca vêem-se retratados, com os seus exércitos gloriosos, os três conquistadores da Índia, desde a Antiguidade: o deus Baco, a rainha Semíramis, da Assíria, e Alexandre Magno, da Grécia. Ao mostrá-los a Vasco da Gama, comenta o catual:

— Tempo virá em que outro povo estrangeiro fará esquecer, com grandes vitórias, as vitórias aqui representadas. Isto nos foi já profetizado. E a ciência mágica afirma que não valerá de nada resistir a tal gente, pois é inútil combater os Céus. Revela-nos, também, que a excelência dos inimigos será tal, quer na guerra quer na paz, que é coroa de glória ser vencido pela glória do vencedor.

Assim falando, entravam já na sala
Onde aquele potente imperador
Numa camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no labor.
No recostado gesto se assinala
Um venerando e próspero senhor;
Um pano de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o Samori no trajo e jeito
Da gente, nunca de antes dele vista.
Lançando a grave voz do sábio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do rei e do povo todo,
O Capitão lhe fala deste modo:

– Um grande Rei, de lá das partes onde
O Céu volúbil, com perpétua roda,
Da terra a luz solar co'a Terra esconde,
Tingindo, a que deixou, de escura noda,
Ouvindo do rumor que lá responde
O eco, como em ti da Índia toda
O principado está e a majestade,
Vínculo quer contigo de amizade.

E se queres, com pactos e lianças
De paz e de amizade, sacra e nua,
Comércio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Por que cresçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente.

E sendo assim que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto, a toda a adversidade
Que por guerra a teu Reino se ofereça,
Com gente, armas e naus, de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mim certíssima reposta.

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o rei gentio respondia
Que, em ver embaixadores de nação
Tão remota, grã glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O rei e a gente e terra que dissera.

E que, entanto, podia do trabalho
Passado ir repousar; e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu rei reposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Às humanas canseiras, por que ceve
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando, ao ócio dados.

Vasco da Gama e os companheiros foram recolhidos, com grandes festas e geral contentamento, nos aposentos destinados ao catual, onde passaram a noite.

Mas o ministro tinha sido encarregado pelo rei de saber mais pormenores sobre os Portugueses. Por isso, mal rompeu a manhã, manda chamar Monçaide e pede-lhe que particularmente lhe desse informações claras sobre a terra, a religião e os costumes daqueles estrangeiros. O Moiro responde-lhe:

– Ainda que quisesse dizer mais, não sei. Só sei que é gente lá da Península Hispânica, vizinha da minha pátria, e que seguem a religião de um Profeta nascido de uma virgem imaculada e do Espírito Santo, que é o sopro divino do Pai omnipotente. Contavam os meus antepassados que o valor guerreiro deste povo é incomparável. E eles bem o sabiam, pois os Portugueses expulsaram-nos do rico Tejo e do fresco Guadiana, depois de os vencer em batalhas famosas. Não contentes com isto, ainda os foram perseguir a África, tomando-lhes cidades e fortalezas. Também travaram combates com a vizinha Castela, somando somente vitórias. E é certo que nenhum povo até hoje os derrotou. Aqui tens quanto sei. Se não te satisfaz a minha informação, podes interrogá-los, pois é gente verdadeira, a quem a mentira repugna e ofende. Visita-lhes a frota, observa-lhes as armas, a potente artilharia, e folgarás de apreciar a civilização portuguesa, na paz e na guerra.

Ardendo em curiosidade, pelo que Monçaide lhe dissera, o catual manda preparar os batéis para visitar a armada lusitana e, na companhia do Moiro, seguido dos naires, sobe à nau capitânia, ricamente empavesada para os receber, e a bordo da qual se encontrava Paulo da Gama. Ao ver tantas bandeiras de seda tendo pintadas várias figuras e cenas guerreiras, o catual não cabe em si de espanto e pergunta quem são os retratados e quais as batalhas ali representadas. Paulo da Gama dispõe-se a esclarecê-lo, mas roga-lhe, primeiro, que se sente, e coma e beba alguma coisa. O catual senta-se, mas recusa a refeição, pois a sua religião proibe-lhe comer e beber no mar.

Súbito, soam as trombetas e logo a artilharia troa, enchendo os ares de fumo e de ruído. Mas o catual, embora admire muito o poder bélico dos Portugueses, insiste em conhecer as personagens retratadas nas bandeiras. Então, Paulo da Gama, rodeado por Nicolau Coelho e por Monçaide, detém-se em frente à primeira pintura, representando um velho de aspecto venerando, vestindo à maneira da antiga Grécia e tendo um ramo na mão direita, como insígnia ...

Mas, como posso atrever-me a continuar esta narrativa, tão difícil e tão longa, sem a ajuda das ninfas do Tejo e do Mondego? Vêde há quanto tempo tenho andado a enaltecer a Pátria e os Portugueses, enquanto sofro novas fadigas, novos males, ora no mar, ora na guerra, agora em terra alheia, agora com renovada esperança, depois salvo milagrosamente de um naufrágio, tendo numa mão sempre a espada e noutra a pena!

Não bastava, ó ninfas, que tamanhas misérias me assaltassem, ainda foi preciso encontrar a ingratidão daqueles que louvei. Mais: em vez de me agradecerem com o repouso esperado, em vez de me coroarem com os louros dos vencedores, inventaram para mim maiores fadigas e duros sofrimentos. Vêde, ó ninfas, que espécie de senhores criam as terras lusitanas! Gente que assim paga a quem lhes dignifica a Pátria e os avós. Que exemplo para os futuros escritores; que estímulo este para quem se propuser exaltar as glórias portuguesas!

Só em vós, ó ninfas, eu confio. Não me abandoneis, principalmente agora, que tenho de retratar tantos heróis, tantas grandezas. Porque a mim mesmo jurei nunca falar de quem o não mereça e não saiba ser grato. Não me deixeis, ó ninfas do Tejo e do Mondego, tornar famoso e amado, através do meu livro, todo aquele que antepõe o próprio interesse ao bem comum e ao serviço do rei. Ou aquele que não preze a fé cristã. Ou aquele que deseja ocupar altos cargos só para satisfazer largamente as suas ambições mais infames. A ninguém que use o poder em seu favor e, para agradar ao vulgo, mude de pensar. A ninguém que se disfarce de honesto e rigoroso junto do nosso jovem rei para despir e roubar o pobre povo. E a quem ache que é justo e direito defender as leis, mas não acha direito e justo pagar o suor de quem trabalha. E a quem, por estupidez, seja avarento em recompensar o trabalho alheio que é incapaz de realizar.

Ajudai-me, ó ninfas, a falar apenas daqueles que arriscaram a vida por amor de Deus e do seu rei, e, perdendo-a, alcançaram a suprema glória.

Dai-me, ó ninfas, inspiração mais alta, enquanto ganho alento e, descansado, retome a narrativa com redobrado vigor e entusiasmo.

CANTO OITAVO

Detém-se o catual em frente da primeira bandeira, indagando quem era aquele ancião da Antiga Grécia, e o que significa o ramo que empunhava. Responde-lhe Paulo da Gama, por intermédio do intérprete Monçaide:

– É Luso, filho e companheiro de Baco, de onde deriva o nome do meu Reino. Ao chegar às terras hispânicas, encantou-se de tal forma com o Douro, o Guadiana e o Minho, que por lá ficou e morreu. O ramo que sustenta, como símbolo, é o tirso que logo o identifica para sempre como descendente de Baco. O outro, a seguir, é o heróico Ulisses que, regressado de Tróia, fundou a cidade de Lisboa.

– E este aqui, retratado num campo de batalha coalhado de mortos e insígnias com a águia da Roma imperial?

– Este foi pastor e chamou-se Viriato, mais hábil com a lança do que com o cajado. Desbaratou muitos exércitos romanos, chefiando o antigo povo da Lusitânia. Para o vencer, os inimigos tiveram de o mandar assassinar. Ao lado, vês Sertório, que lhe sucedeu no comando e na glória. Fazia-se acompanhar por uma corça que era a sua divisa.

E Paulo da Gama, ante a curiosidade do catual, continua a enumerar os heróis reproduzidos na seda das bandeiras: o conde D. Henrique, ascendente de todos os reis lusitanos, que na luta contra os Moiros superou o valor dos cavaleiros leoneses e galegos. Ao participar numa cruzada a Jerusalém santificou a mais alta missão do povo português: defender a fé cristã.

– Quem é, me dize, estoutro que me espanta
(Pergunta o Malabar maravilhado),
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado?
Tantos muros aspérrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem, por tantas partes,
A seus pés derribadas, e estandartes!

– Este é o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo o Portugal aos Mouros toma;
Por quem no Estígio Lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma.
Este é aquele zeloso a quem Deus ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

Pedro da Gama mostra-lhe, agora, a figura austera de Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, exemplo de lealdade e honradez; D. Fuas Roupinho, alcaide de Porto de Mós, que aprisionou o rei moiro que o cercava, foi almirante da armada portuguesa e venceu a batalha naval do cabo Espichel, morrendo numa expedição a Gibraltar ...

Mostra-lhe depois a frota dos cruzados, que ajudaram D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa, e um deles, Henrique, em cuja cova nasceu uma palmeira milagrosa. E um sacerdote, D. Teotónio, prior de Santa Cruz de Coimbra, brandindo a espada e tomando Arronches para a fé cristã. E Mem Moniz, erguendo a bandeira das quinas nas muralhas de Santarém. E Geraldo Sem Pavor, segurando a lança com as duas cabeças decepadas dos vigias moiros (feito nunca feito), quando ocupou Évora.

E mais, muitos mais: Martins Lopes, prendendo um traidor que tomara a vila de Abrantes; D. Mateus Soeiro, bispo de Lisboa, a quem uma visão divina exortou a libertar Alcácer do Sal das forças moiriscas, levando-o à vitória; D. Paio Correia, conquistando Silves e Tavira, para vingar a morte de sete portugueses ali assassinados; os três cavaleiros Gonçalo Rodrigues Ribeiro, Vasco Eanes e Fernão Martins de Santarém, pelejando em França e Espanha, em lutas e torneios, sempre valentes e vencedores.

Mas eis que uma nova figura faz deter mais reverente Paulo da Gama, que assim a indica ao catual:

Atenta num que a fama tanto estende
Que de nenhum passado se contenta;
Que a Pátria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros ombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança, inerte e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freio
De rei seu natural, e não de alheio?

Olha: por seu conselho e ousadia,
De Deus guiada só e de santa estrela,
Só, pode o que impossíbil parecia:
Vencer o povo ingente de Castela.
Vês, por indústria, esforço e valentia,
Outro estrago e vitória, clara e bela,
Na gente, assim feroz como infinita,
Que entre o Tarteso e Guadiana habita?

Mas não vês quase já desbaratado
O poder lusitano, pela ausência
Do Capitão devoto, que, apartado,
Orando invoca a suma e trina Essência?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistência
Contra poder tamanho, e que viesse
Por que consigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que santa confiança,
Que «inda não era tempo», respondia,
Como quem tinha em Deus a segurança
Da vitória que logo lhe daria.
Assim Pompílio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
– Pois eu, responde, estou sacrificando.

Se quem com tanto esforço em Deus se atreve
Ouvir quiseres como se nomeia,
Português Cipião chamar-se deve;
Mas mais de Dom Nuno Álvares se arreia
Ditosa pátria que tal filho teve;
Mas antes pai: que, enquanto o Sol rodeia
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno.

E prossegue Paulo da Gama:

– Na mesma guerra contra Castela, salientou-se este outro que vês aqui. É Pêro Rodrigues, alcaide-mor do Landroal, libertando da sanha sanguinária do inimigo um leal cavaleiro português. Ainda contra os Castelhanos teve acção notável Gil Fernandes, de Elvas, invadindo terras de Xerez e de lá trazendo prisioneiros e gado. E também a teve Rui Pereira, atacando uma nau inimiga, para salvar toda a armada portuguesa, no cerco de Lisboa. E olha estes dezassete Lusitanos como se defenderam, num outeiro, de quatrocentos Castelhanos que os cercam e acabam por ser desbaratados, num combate difícil de igualar no tempo antigo e no moderno. Também não podiam deixar de aparecer, nestas bandeiras, dois infantes de Portugal, filhos do Mestre de Avis: D. Pedro e D. Henrique. O primeiro serviu o imperador Segismundo, da Alemanha, com incomparável coragem. O segundo foi o grande descobridor dos mares e, tão valente, que quis ser o primeiro a transpor as portas de Ceuta, quando o exército português ali desembarcou e conquistou a cidade aos Moiros. Heróis de África são igualmente os dois seguintes: D. Pedro de Meneses, que sustenta dois cercos de Ceuta, e D. Duarte de Meneses, capitão de Alcácer Ceguer, que sacrifica a vida para salvar a de D. Afonso V. Muitos outros Portugueses deviam estar aqui representados, mas não alcançaram a honra e o prémio dos pincéis e das tintas dos pintores. Porque não são dignos dos seus antepassados e, à sombra dos nomes ilustres que herdaram, vivem apenas atolados na vaidade. Oh, como são cegos todos aqueles que, julgando deixar aos descendentes uma alta fama e opulência, contribuíram para uma ociosidade corruptora das virtudes e prestígio legados! E há ainda quem, apesar de grande e abastado, não tenha nascido de um tronco nobre, por culpa de alguns reis que lhes desprezaram o esforço e o saber, a favor de um valido menos merecedor. Esses não desejam ver os seus avós pintados com tintas vãs e querem mal à pintura que não lhes enalteça a humildade. Não nego que haja, contudo, herdeiros de casas ricas e fidalgos que sabem sustentar o nome dos seus maiores, acrescentando-o, até, em glória e honestidade. Mas desses há bem poucos retratados, porque são muito raros.

Assim contou Paulo da Gama ao catual os grandes feitos portugueses interpretados, em várias cores, pela magia da arte. O gentio não se cansava de fazer perguntas sobre quanto via e o maravilhava.

Anoitecia quando, finalmente, o catual e os naires abandonaram a nau capitânia.

Entretanto, os adivinhos hindus, através de sacrifícios mágicos, procuravam saber, a pedido do samorim, quem eram os estrangeiros e quais as suas intenções. É o próprio Diabo quem, aparecendo a um deles, o informa que os Portugueses viriam a ser perpétuos senhores daquela terra. Fica o adivinho espantado com o que ouve e logo vai avisar o rei da terrível profecia. A esta revelação junta-se a de um sacerdote islâmico, inimigo da fé cristã, a quem Baco, disfarçado de profeta Maomé, aparece em sonhos (pois o deus não esquece o seu ódio aos Portugueses) e a quem se dirige nestes termos:

– Acautelai-vos, antes que seja tarde, do mal que vos preparam esses vossos inimigos vindos do mar!

O Moiro acorda sobressaltado, mas, convencido de que tudo aquilo não passa de um sonho, volta a adormecer tranquilo. Baco é que não desiste e aparece-lhe de novo, dizendo:

– Não reconheces, em mim, o Profeta a quem os teus antepassados veneraram? Então eu procuro proteger-te e tu, em vez de me ouvir, adormeces? Pois fica sabendo que os estrangeiros irão tentar destruir a religião que vos ensinei. Enquanto são fracas as suas forças, tratai de lhes resistir, pois, assim como o Sol, ao nascer, pode encarar-se, mas quando sobe no céu, claro e brilhante, cega quem o olhar, assim ficareis cegos se deixardes essa gente intrusa criar raízes.

Ao escutar tais palavras, o Moiro salta da cama e, com o ódio a roer-lhe as entranhas, manda chamar outros sacerdotes da sua religião, contando-lhes o sonho que tivera. Todos discutem o caso, cada um sugerindo traições, enganos, perfídias, para conseguir a destruição dos inimigos cristãos. Pela força do oiro e de outras dádivas feitas às ocultas, convocam os catuais a quem convencem de que os Portugueses são apenas piratas, vivendo no mar entregues à pilhagem, sem rei, sem leis, sem religião.

Oh, como um rei, se quer governar bem, deve proceder à escolha assisada dos seus conselheiros e validos, para que eles sejam dotados de uma alma virtuosa, uma consciência sã e uma dedicação sincera! Porque, quem se senta num trono só sabe dos negócios do Reino pela boca dos seus conselheiros. Mas não deve o rei procurar consciências demasiado puras e despidas de ambição, pois aquele que é bom em tudo e justo e santo, pondo apenas os olhos em Deus, pouco acerta nos negócios do Mundo.

Os avarentos catuais que governavam o povo gentio, instigados pelos sacerdotes maometanos, retardavam a resposta à embaixada portuguesa.

Mas Vasco da Gama pretende somente levar ao rei de Portugal a notícia das descobertas que fizera. Depois, D. Manuel enviaria à Índia naus e soldados para a submeter à coroa lusitana, espalhando a lei de Cristo pelas terras e mares em roda. Ele, Vasco da Gama, não passava de um descobridor diligente daquela região oriental. Decide, pois, falar ao samorim para que este respondesse rapidamente às propostas de D. Manuel. Logo entende o Capitão que a maldade dos catuais o impedia de ser recebido pelo rei. Ora o samorim, supersticioso como todos os gentios, não era de espantar que se espantasse com os agouros dos adivinhos e os avisos dos sacerdotes muçulmanos. Mas, se por um lado, tudo isto o apavora, por outro lado a cobiça estimula-o a tirar grandes proveitos da proposta do rei português. Contudo, são diversos e contrários os conselhos que escuta, pois o ouro distribuído pelos Moiros pesava muito no parecer dos ministros. Manda, por fim, chamar Vasco da Gama e diz-lhe:

– Confessa-me a verdade limpa e nua. Se o fizeres, alcançarás o perdão da tua culpa. Estou bem informado que a embaixada é falsa, pois tu não tens rei, nem pátria, e não passas de um vagabundo. É impossível que um rei da Península Hispânica ordene uma viagem tão longa e distante. E mais: se o teu rei governa grandes reinos poderosos, onde estão os soberbos presentes com que é costume selarem-se amizades entre os soberanos? A palavra de um vago navegante não é suficientemente digna de crédito. Se porventura vindes desterrados, como já aconteceu a muita gente de alta condição, aqui encontrareis refúgio, pois para o forte toda a terra é pátria. E se sois piratas, podes confessar-mo sem receio que não vos censuro ou condeno à morte: no homem, a necessidade de subsistência é de sempre e tudo faz para ser satisfeita.

Vasco da Gama, ouvindo isto, viu confirmada a sua suspeita das intrigas que, por ódio à fé cristã, os maus conselheiros iam insinuando no espírito do samorim. Mas, mostrando decisão firme e inspirando confiança, como, aliás, Vénus, no íntimo, lhe sugeria, proferiu estas sábias palavras:

– Se a maldade dos maometanos não viesse envenenar-te o coração, tu, ó poderoso rei, não conceberias qualquer dúvida sobre a lealdade e verdade dos Portugueses. Eu sei que nenhum grande bem se alcança sem sacrifícios, pois o medo acompanha sempre a esperança; de outra forma acreditarias logo em mim, em vez de acreditares em quem não devias. Se eu vivesse da rapina ou desterrado da pátria, por que razão havia de vir procurar um abrigo tão longínquo, vencendo as iras do mar, o frio e o calor de variados climas? E se, para me acreditares, precisas de valiosos presentes

a confirmarem a amizade e grandeza do meu rei, digo-te que eu vim, apenas, como simples descobridor destas terras onde se estende o teu Reino. Mas, se a sorte me permitir regressar à Pátria, mal aqui esteja de volta porei a teus pés riquezas sem conta. Se te parece estranho que um rei hispânico te envie uma embaixada, é porque desconheces o espírito de aventura e a coragem dos Portugueses. Fica sabendo que há muitos anos que os nossos antigos reis se propuseram, firmemente, desvendar novos mares e novas terras. Tal empresa iniciou-a D. Henrique, filho do primeiro soberano português a sulcar as ondas para a conquista de Ceuta. Mandando navio após navio, foi descobrindo a imensa costa africana até ao hemisfério sul. Assim, decididos e ousados, percorremos caminhos jamais percorridos e chegámos, como remate da viagem, à tua terra, de que só desejamos levar notícia ao nosso rei. Esta é a verdade. E, se acreditas nela, dá-me uma rápida resposta às propostas portuguesas e não me impeças mais o prazer de regressar à Pátria.

O discurso de Vasco da Gama impressionou favoravelmente o samorim, que começa a duvidar do julgamento e conselho dos catuais. E o proveito que espera tirar do contrato com os Lusitanos fá-lo respeitar mais Vasco da Gama do que os avisos agoirentos do sacerdote maometano. Por isso ordena que o Capitão recolha às naus, sem recear qualquer dano, para iniciar a troca ou venda das mercadorias portuguesas pelas especiarias indianas.

Ao sair do palácio, Vasco da Gama pede ao catual uma embarcação para o transportar à frota que se encontra ao largo da costa. Todavia, o catual, que maquinara uma nova armadilha, nega-se a satisfazer o pedido, opondo-lhe várias dificuldades. Leva o Capitão ao cais, para o afastar do palácio e mais facilmente realizar os seus propósitos sem conhecimento do rei. Promete-lhe então um barco para o dia seguinte. Estas hesitações e demoras fizeram Vasco da Gama adquirir a certeza de que o catual, como os sacerdotes maometanos, desejava a sua perdição.

Insiste o Capitão em embarcar, dizendo que fora o rei quem assim o ordenara. Mas inutilmente. O catual está irredutível, só pensando na forma de matar Vasco da Gama e incendiar as naus, para que nenhum Português pudesse regressar à Pátria, dando informes sobre a Índia. Aos contínuos brados e razões do Capitão, diz-lhe o ministro gentio que mande a armada ancorar mais junto de terra, para mais fácil embarque. Mais a mais, assim distante, revelava sinais de inimigo ou ladrão, pois o amigo fiel não teme qualquer perigo. Por estas palavras Vasco da Gama compreende que o catual desejava a armada próxima de terra para a poder assaltar com os seus guerreiros e prender-lhe fogo. E começa a pensar na maneira de escapar à armadilha. Tal como a projecção do reflexo do Sol num espelho que o moço curioso rapidamente faz girar pelas paredes e tectos da casa, assim o pensamento do Capitão vagueia, inquieto e luminoso, em busca de uma ideia salvadora. Súbito, lembra-se que Nicolau Coelho podia ser que ainda o esperasse com os batéis na praia, como lho ordenara, ao desembarcar. Logo, secretamente, lhe manda recado para regressar à frota, escapando à traição dos maometanos.

Assim deve ser quem quiser imitar os grandes e ilustres Capitães: ter o pensamento em toda a parte; adivinhar os perigos e evitá-los com a arte e a ciência militares; conhecer o inimigo para o poder iludir; enfim, pensar em tudo, pois nunca merecerá louvores o Capitão que disser: não previ.

Insiste o ministro malabar em conservar Vasco da Gama prisioneiro, enquanto este não ordenar a aproximação das naus. Mas o Capitão prefere sacrificar a vida para manter a armada do seu rei em segurança.

Ficou detido toda uma noite e, na tarde do dia seguinte, tenta voltar à presença do rei, mas é impedido pelos muitos soldados que o guardavam. O catual, temendo o castigo do samorim, que ignorava a emboscada, faz-lhe então uma nova proposta: mandar vir para terra toda a mercadoria vendável, para, aos poucos, ser negociada. E afirmava:

– Quem não quer comerciar com outro povo é porque quer fazer-lhe guerra.

Embora adivinhando as más intenções do pedido, Vasco da Gama acede, sabendo que assim compra a sua liberdade.

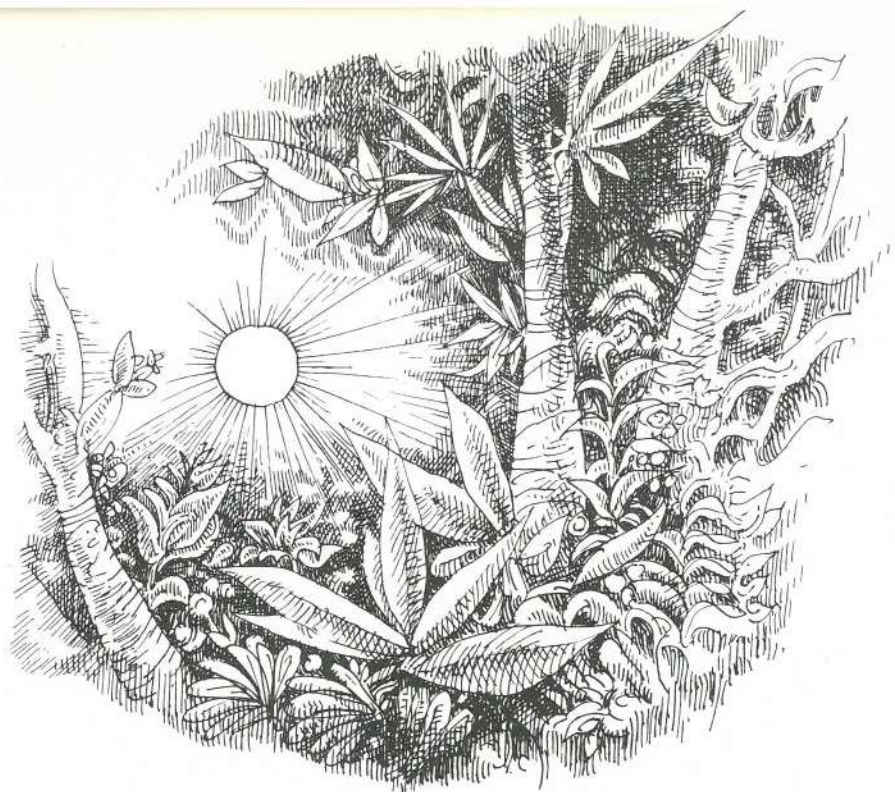
Diz então ao catual que lhe mande fornecer embarcações para o transporte da mercadoria, pois não quer arriscar-se a ter os seus batéis apreendidos pelo inimigo.

O ministro infame consente e as almadias levam à frota uma carta de Vasco da Gama, ao irmão, ordenando-lhe que enviasse para terra as mercadorias necessárias ao seu resgate.

Paulo da Gama obedece e manda com elas os marinheiros Álvaro e Diogo, para as vender pelo seu legítimo valor. Logo que isto acontece, o catual solta o Capitão: interessam-lhe bem mais as mercadorias em terra do que o preso.

Vasco da Gama regressa, por fim, à nau capitânia e aí se deixa ficar aguardando os acontecimentos, pois não se fia já no malabar que a cobiça corrompera.

Veja agora quem quiser e souber ver, quanto pode o vil interesse, a sede de dinheiro, tanto no pobre como no rico.

Sim, o oiro consegue destruir as mais poderosas fortalezas; torna os amigos falsos e traidores; muda o nobre em vilão; entrega o Capitão ao inimigo; seduz a pureza virginal, pondo em perigo a honra e a reputação; perverte, por vezes, a ciência; cega as consciências e os juízos; interpreta os decretos com astúcia desmedida; faz e desfaz as leis; transforma os reis em tiranos e, aparentando virtude, chega a iludir e a corromper os próprios sacerdotes de Cristo.

CANTO NONO

A mercadoria, levada das naus para Calecut, à guarda de dois marinheiros, conservou-se por muito tempo intacta, pois os maometanos convenceram os habitantes a não negociar com os Portugueses. Pretendiam, assim, deter os descobridores da Índia até à chegada de uma armada potente vinda de Meca, a cidade santa da sua religião, servida pelo porto de Judá, no mar Vermelho. O sultão daquelas terras costumava enviar a Calecut, por essa altura do ano, os seus navios a abastecerem-se de especiarias indianas. Era com esta armada que os malabares contavam para destruir a portuguesa. Mas, como Deus não dorme, inspira no coração de Monçaide uma tão forte afeição pelos Lusitanos que, ao saber do plano da traição (os Moiros não lhe escondiam nada, por ele ser da mesma raça), aproveita uma das suas muitas visitas a bordo para avisar Vasco da Gama, revelando-lhe que a frota moira era numerosa e estava bem guarnecida de artilharia, podendo criar graves dificuldades aos Portugueses.

Vasco da Gama, ouvindo isto e convencido que nada mais consegue obter do samorim, dominado pelos maometanos, ordena o regresso de Diogo e de Álvaro, às ocultas, pois resolvera levantar ferro rapidamente daquelas paragens perigosas.

Mas chega-lhe aos ouvidos que os dois marinheiros haviam sido aprisionados, mal abandonaram a cidade, a caminho dos batéis. Então, como represália, prende alguns mercadores hindus que tinham ido às naus vender pedras preciosas. Eram dos mais conhecidos e ricos de Calecut. Ora, dando por falta deles, os seus familiares vieram a saber que estavam retidos no mar, pelos Portugueses.

Começaram, pois, em grandes gritos de aflição, a que se misturavam outros, de comando, vindos da armada, na faina da partida, enquanto levantavam âncoras, rodavam cabrestantes, puxavam amarras, desatavam velas. Ao ver abalar, assim, como reféns, os pais e os maridos, as famílias dos mercadores correram ao palácio real, rogando ao samorim que liberte os marinheiros portugueses para pôr fim às represálias. Acede logo o rei a este pedido, desculpando-se, junto de Vasco da Gama, da traição premeditada pelos Moiros.

Com Álvaro e Diogo finalmente embarcados, Vasco da Gama decide abandonar imediatamente Calecut e faz-se ao largo, antes que a armada de Meca lhe surja no horizonte. Leva, com ele, provas suficientes da sua descoberta gloriosa: além de alguns Malabares, aprisionados quando acompanhavam às naus os dois marinheiros libertos, conseguira embarcar muito carregamento de pimenta, moscadeira, noz-moscada, cravo-da-Índia e canela. Monçaide, a quem se deve a salvação da armada, segue também a bordo, a seu pedido, pois deseja conhecer Portugal e abraçar a fé cristã. Afastadas da costa do Malabar, as naus viram proa ao cabo da Boa Esperança, para enfrentar novos perigos e incertezas.

Cada um dos navegantes sente o coração demasiado pequeno para lá caber o prazer de chegar à Pátria querida, de rever o lar e os parentes, de contar, depois, as peripécias da viagem, sob céus desconhecidos.

Entretanto, Vénus, tão amiga dos Portugueses, decide proporcionar-lhes um merecido descanso que os compense das fadigas passadas no mar, e fazer esquecer os sofrimentos que Baco lhes destinara. Para isso, consulta o seu filho, Cupido, deus do Amor, e com ele resolve criar uma ilha maravilhosa, onde as ninfas recebam os navegantes com soberbos manjares e mostras de carinho e amizade.

O deus, quando a mãe o procurou, num resplendente carro puxado por cisnes e pombas brancas, estava a preparar o seu exército de pequenos companheiros para fazer guerra ao mundo sempre rebelde a amar com o coração. Com efeito, ele, dos Céus, vê os governantes pensando unicamente em si próprios e não no bem comum. Vê a gente da corte vendendo a

verdade pela adulação, deseducando, assim, o jovem rei. Vê os que negam à pobreza o amor divino, não usam de caridade com o povo, e, disfarçados de íntegros e justos, amam apenas a riqueza e o mando. Vê os que chamam direito à tirania, e estabelecem as leis a favor do rei e nunca a favor do povo. Vê, enfim, que ninguém ama o que deve, mas sim o que indevidamente deseja. Por isso, prepara ao mundo uma lição que o faça obediente ao verdadeiro amor. E lá estão, à sua volta, os companheiros ocupados a forjar e a aguçar as setas com que hão-de alvejar o coração da humanidade, tornando-o dócil e ardente.

Eis que chega Vénus, no seu carro deslumbrante de beleza e pureza, e assim se dirige a Cupido:

– Ó filho muito amado, bem vês como os meus amigos Lusitanos vêm cansados da grande e gloriosa viagem à Índia, e como, por culpa de Baco, podiam até vir mais mortos que cansados. Eu, para os premiar, dando-lhes justo repouso e doce satisfação, queria que ferisses de amor o peito das mais formosas ninfas, impelindo-as a rodear de carinho e admiração os bravos Portugueses na ilha que lhes preparei, onde serão recebidos com mil refrescos e manjares, vinhos aromáticos e coroas de rosas. E da união dos Lusitanos e das ninfas nascerá uma raça forte e bela que servirá de exemplo ao mundo vil e infame, tão rebelde ao teu jugo.

Cupido toma logo o arco e as setas, sugerindo à mãe que rogue à deusa da Fama para convocar as ninfas, tecendo louvores à valentia dos Portugueses. Vénus assim faz e a deusa vai pelo mar fora elogiando as glórias dos nautas. Ao ouvirem tal e atingidas pelas setas de Cupido e dos companheiros, as ninfas inflamam-se de amor pelos heróis lusitanos. Vénus mostra-lhes, então, as naus de Vasco da Gama e logo todas se encaminham para a ilha, cantando e dançando alegremente, e aguardando o desembarque de quem, mesmo sem conhecerem, se enamoraram.

Ia a frota sulcando as ondas mansas quando, com súbito espanto e satisfação, os vigias vêem ao longe uma ilha frondosa e bela, que Vénus lhes trazia, como o vento empurra as velas, para que os navegantes fossem obrigados a desembarcar nela. Só quando os viu decididos a dirigir-se para a ilha é que Vénus a tornou firme. Os Portugueses estavam desejosos de se reabastecer de água doce e alimentos frescos e não hesitaram em aportar a uma enseada curva e quieta, de areia clara, salpicada de conchas rubras.

A ilha era, de facto, maravilhosa!

Três formosos outeiros se mostravam,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha, alegre e deleitosa.
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa linfa fugitiva.

Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras águas ajuntar-se,
Onde ũa mesa fazem, que se estende
Tão bela quanto pode imaginar-se.
Arvoredo gentil sobre ela pende,
Como que pronto está para afeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

Os dons que dá Pomona ali Natura
Produze, diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito melhores:
As cerejas, purpúreas na pintura,
As amoras, que o nome têm de amores,
O pomo que da pátria Pérsia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras piramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao dano que co'os bicos
Em vós fazem os pássaros inicos.

Para julgar, difícil cousa fora,
No céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lha dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas da cor dos amadores,
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluze nas faces da donzela;

A cândida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a manjerona.
Vêm-se as letras nas flores hiacintinas,
Tão queridas do filho de Latona;
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Clóris com Pomona.
Pois, se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.

Ao longo da água o níveo cisne canta.
Responde-lhe do ramo filomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Actéon na água cristalina e bela;
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida gazela;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

A tripulação, deslumbrada com a paisagem, desembarca toda, embrenhando-se nas densas florestas, em busca de caça, ou passeando ao longo de um rio rumoroso que serpeava, entre pedras brancas, até à praia. De repente, começam os navegantes a surpreender, entre os ramos verdes, a lã e a seda das vestes das ninfas que vagueavam pela ilha, tocando cítaras e harpas e flautas, ou fingindo correr atrás de uma caça invisível, ou banhando-se nas águas cristalinas.

Veloso dá, espantando, um grande grito:

– Senhores, caça estranha é esta! Tudo parece indicar que a ilha está consagrada às antigas deusas. Sigamo-las para ver se são fantasia ou realidade!

Ao ouvir isto, as ninfas começaram a fugir, soltando ao vento o oiro dos cabelos, mas facilmente se deixam alcançar pelos Portugueses, premiando-os com alegres carícias.

Leonardo, soldado garboso e enamorado, mas sempre infeliz nos seus amores, corre atrás de uma das mais belas, mas, ai dele!, também a mais esquiva. Já cansado de a perseguir vai-lhe dizendo e suspirando:

– Oh! Não me fujas! Assim nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura;
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da Fortuna a força dura.
Que imperador, que exército, se atreve
A quebrantar a fúria da ventura
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração que livre tinha?
Solta-mo e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, depois de presa,
Lhe mudaste a ventura e menos pesa?

Nesta esperança só te vou seguindo:
Que ou tu não sofrerás o peso dela,
Ou, na virtude do teu gesto lindo,
Lhe mudarás a triste e dura estrela.
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzela,
E tu me esperarás, se Amor te fere;
E se me esperas, não há mais que espere.

Escutando estas palavras apaixonadas, repassadas de amor e queixa, a ninfa, toda banhada em risos, deixa-se cair, rendida, aos pés de Leonardo que a ergue e abraça, cheio de felicidade.

E toda a ilha é como uma grande festa de boda. As ninfas coroam as cabeças dos amados navegantes, com louros e flores, e dão-lhes a mão de esposa, prometendo-lhes fidelidade até à morte.

Uma delas, a quem as outras obedeciam, recebe o ilustre Vasco da Gama com um fausto e uma pompa dignos de reis. Chamava-se Tétis

Que, depois de lhe ter dito quem era,
C'um alto exórdio, de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influição do imóbil Fado,
Para lhe descobrir da unida Esfera
Da terra imensa e mar não navegado
Os segredos, por alta profecia,
O que esta sua nação só merecia,

Tomando-o pela mão, o leva e guia
Para o cume dum monte alto e divino,
No qual ũa rica fábrica se erguia,
De cristal toda e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia,
Em doces jogos e em prazer contino.
Ela nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras, entre as flores.

Assi a formosa e a forte companhia
O dia quase todo estão passando
Numa alma, doce, incógnita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prémio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.

Que as Ninfas do Oceano, tão formosas,
Tétis e a ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelas preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha:
Estes são os deleites desta ilha.

Que as imortalidades que fingia
A Antiguidade, que os ilustres ama,
Lá no estelante Olimpo, a quem subia
Sobre as asas ínclitas da Fama,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
Caminho da virtude, alto e fragoso,
Mas, no fim, doce, alegre e deleitoso:

Não eram senão prémios que reparte,
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo co'os varões que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos.
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Eneias e Quirino e os dois Tebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos
De deuses, semideuses, imortais,
Indígetes, heróicos e de magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo, de livre, faz escravo.

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente.
Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dêem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras que ilustram tanto as vidas.

E fareis claro o rei que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais,
Que quem quis, sempre pôde; e numerados
Sereis entre os heróis esclarecidos
E nesta «ilha de Vénus» recebidos.

CANTO DÉCIMO

Declinava o dia e a brandura do Sol fazia já desabrochar os lírios e os jasmins, quando as ninfas, levando os noivos pela mão, subiram ao palácio de Tétis, ornamentado de metais preciosos, e onde os esperavam a todos muitas mesas vergando ao peso de manjares excelentes, para que os Portugueses ali retemperassem as forças. Em cadeiras de cristal sentam-se os pares de namorados, presididos por Tétis e Vasco da Gama, em cadeiras de oiro fino. Iguarias delicadas acumulavam-se em pratos de oiro, trazidos dos fabulosos tesoiros submersos nos mares profundos. Os vinhos aromáticos excediam quantos as vides da terra têm gerado e a sua escuma crepitante, misturada com água, aquece os corações. Trocam-se mil conversas alegres e espirituosas, soam risos doces e subtis, enquanto desfilam os variados pratos abundantes, estimulando o apetite. A música não cessa, tocada por muitos instrumentos melodiosos, acompanhando o canto de uma sereia formosíssima que, subitamente, faz calar todos os presentes, os próprios ventos, o rumorejar das ondas e até as feras nos seus fojos, só para escutá-la.

Que cantava a sereia? Predizia, por um dom excepcional que Júpiter lhe concedera, o futuro do povo lusitano nas terras recém-descobertas da Índia, enumerando os seus heróis e as suas glórias.

Inspira-me agora tu, ó Calíope, deusa da eloquência e da epopeia, para que eu saiba reproduzir o canto desta ninfa, na derradeira parte do meu livro que já vou perdendo o gosto de escrever. Os anos passam, ao Verão sucede o Outono e a inspiração, aos poucos, arrefece. Os desgostos arrastam-me para a morte, mas tu, ó Calíope, dá-me o ânimo necessário para cumprir até ao fim a missão de exaltar a minha Pátria.

A bela sereia, no seu canto harmonioso, começa por louvar Duarte Pacheco Pereira que, por mandado de D. Manuel, partira a auxiliar o rei de Cochim, fiel aos Portugueses, na luta com o samorim de Calecut, desbaratando os naires no estreito de Cambalão. E, apesar do inimigo reunir em terra um poderoso exército recrutado nos reinos indianos, e no mar uma frota moira bem armada, Duarte Pacheco Pereira de novo sai vencedor, não somente defendendo os estreitos marítimos, mas também queimando povoações, templos e casas como pesado castigo. O próprio samorim assiste a uma das batalhas, mas um tiro de bombarda lusitana atinge um guerreiro hindu, manchando de sangue o palanque real, o que faz dispersar o exército gentio. Por sete vezes Duarte Pacheco Pereira trava combate com o samorim e, em todas sete, os seus cem valentes soldados, pois de pouco mais dispunha, salvo de coragem e do auxílio divino, levam a melhor, mesmo quando os indianos, usando de manha, atacam as caravelas portuguesas com máquinas de guerra desconhecidas, jangadas carregadas de matérias inflamáveis, destinadas a abalroá-las e a incendiá-las. Mas Duarte Pacheco Pereira era invencível.

– Ai dele, porém! – lamenta a ninfa, baixando tristemente a voz. – Os reis nem sempre sabem premiar com justiça quem os serve. É por isso que muitas vezes morrem num miserável catre de hospital aqueles que, durante a vida, defenderam, com denodo, Deus e o Reino. Pacheco Pereira foi pobremente compensado pelo seu heroísmo, ele que tornou a Pátria bem mais rica!

Mas vejo – prossegue a ninfa – um outro Português que se agiganta. É D. Francisco de Almeida, o primeiro vice-rei da Índia, que, juntamente com seu filho D. Lourenço, castigará os moiros da fértil Quíloa, substituindo o tirano que a governava por um rei benigno e leal. E, lembrando a antiga traição de Mombaça, logo a destruirá, a ferro e fogo. Depois, nas costas indianas, D. Lourenço arrasará a armada do samorim, fazendo ir pelos ares mastros, lemes e velas. E, lançando os harpéus da abordagem à nau capitânia inimiga, saltará dentro dela, expulsando os quatrocentos Moiros da

tripulação. Este jovem herói morre em Chaul, numa batalha naval com as frotas do Egipto e de Cambaia. Um tiro leva-lhe uma perna, mas continua a lutar até que outro tiro lhe acaba com a vida. O pai vinga esta morte, com ira e mágoa (água nos olhos, fogo no coração), prometendo afogar em sangue o inimigo: submete a rica cidade de Dabul e afunda a armada do muçulmano melique Iaz, assim como a do emir Hocém, numa nobre fúria destruidora. Após esta vitória, quando regressava a Portugal, D. Francisco de Almeida sucumbe às mãos selvagens dos cafres do cabo Tormentório que, com armas rudes e primitivas, conseguiram o que os outros inimigos não puderam com pelouros e setas.

Mas, com ele, não findam os grandes Capitães que governarão as terras do Oriente com coragem e justiça.

Vejo agora Tristão da Cunha, descobrindo as ilhas que têm o seu nome e devastando as cidades de Oja e Brava, em Madagáscar, rebeldes a Portugal. Súbito, vejo uma luz deslumbrante – e a ninfa eleva o tom de voz, num canto triunfal: é o incêndio que o terrível Afonso de Albuquerque ateou, com bombardas e pelouros, na frota do rei de Ormuz, alcançando a vitória.

E Deus pelejou a seu lado, pois ajuda sempre quem luta pela verdadeira fé! Vejo as palmas gloriosas que hão-de coroar a fronte deste herói, ao conquistar, sem medo nem hesitações, a soberba Goa. Vejo Albuquerque, depois de a abandonar, ir retomá-la com maior valentia, fazendo dela, pelos séculos fora, a rainha do Oriente cristão. Vejo a opulenta Malaca curvar-se ante o poder do grande Português. Vejo ...

Mas a sereia calou-se, por momentos, e não continuou o louvor de Afonso de Albuquerque, ainda que muito mais pudesse celebrar do seu valor e conquistas, pois veio-lhe à memória a cruel condenação que ele infligira a Rui Dias, mandando-o enforcar por ter ousadamente amado. É que a ninfa sentia, no coração sensível, que devia haver sempre benevolência e perdão para as culpas do amor. Depois, retomou o canto:

– Vejo Lopo Soares de Albergaria, que hasteará a bandeira portuguesa nas costas do mar Vermelho e tomará a ilha de Ceilão, pátria da saborosa e odorosa canela. Vejo mais: um Diogo Lopes de Sequeira, descobrindo ilhas remotas para maravilha do mundo; um D. Duarte de Meneses, conquistando Ormuz ... E vejo-te a ti, Vasco da Gama, de novo regressando ao Oriente, coberto de honrarias, já conde da Vidigueira, já almirante do mar da Índia ... Em seguida, vejo um D. Henrique de Meneses, jovem mas experiente, destruindo os portos malabares; um D. Pêro de Mascarenhas, Capitão de Malaca, vingando, num só dia, as injúrias que durante anos o gentio fizera a Portugal; um Lopo Vaz de Sampaio, aliado ao nome de Heitor da Silveira, praticando prodígios em violentas batalhas navais; um Nuno da Cunha, que largo tempo governará a Índia, erguendo a fortaleza de Chale, vencendo a fortaleza de Baçaim; um Garcia de Noronha, afugentando os turcos, com a valentia de António da Silveira ... E também vejo Estêvão da Gama, um filho teu, ó ilustre Capitão, bem digno do teu nome, da tua glória, e por cuja bravura o mar Vermelho ficará amarelo, de medroso. Vejo ainda Martim Afonso de Sousa, que mostrara já o seu valor no Brasil, lutando contra os piratas franceses, e será o primeiro a penetrar nas portas de Damão, sob uma chuva violenta de fogo e flechas. Durante o seu governo, o rei de Cambaia oferece aos Portugueses a forte e rica Diu, como prémio do auxílio que lhes prestaram contra o Grão-Mongol. Vejo, por fim, um sublime Lusitano, D. João de Castro, defendendo Diu contra os Turcos, Persas e Abexins, sacrificando os dois filhos, Fernão e Álvaro: o

primeiro morto por uma mina inimiga junto às muralhas da fortaleza e o segundo enfrentando as fúrias do mar, em pleno Inverno tormentoso, para socorrer a cidade sitiada. E vejo-o, ao Capitão intrépido e famoso, derrotar os aguerridos exércitos do rei de Cambaia e do poderoso Hidalcão, com prodígios de audácia. Todos estes heróis, como outros mais que, depois deles, hão-de erguer na Índia, bem alto, a bandeira das quinas e a glória portuguesa, sempre aqui acharão, como recompensa dos seus triunfos, esta ilha, estas ninfas e estes manjares.

Assim cantou a sereia. E as outras ninfas, com sonoros aplausos, exclamaram em uníssono:

– Por mais que a sorte seja incerta, não faltará ao povo português honra, valor e glória!

Vendo que todos tinham já comido e bebido, Tétis, para aumentar a alegria da festa, dirigiu estas palavras a Vasco da Gama:

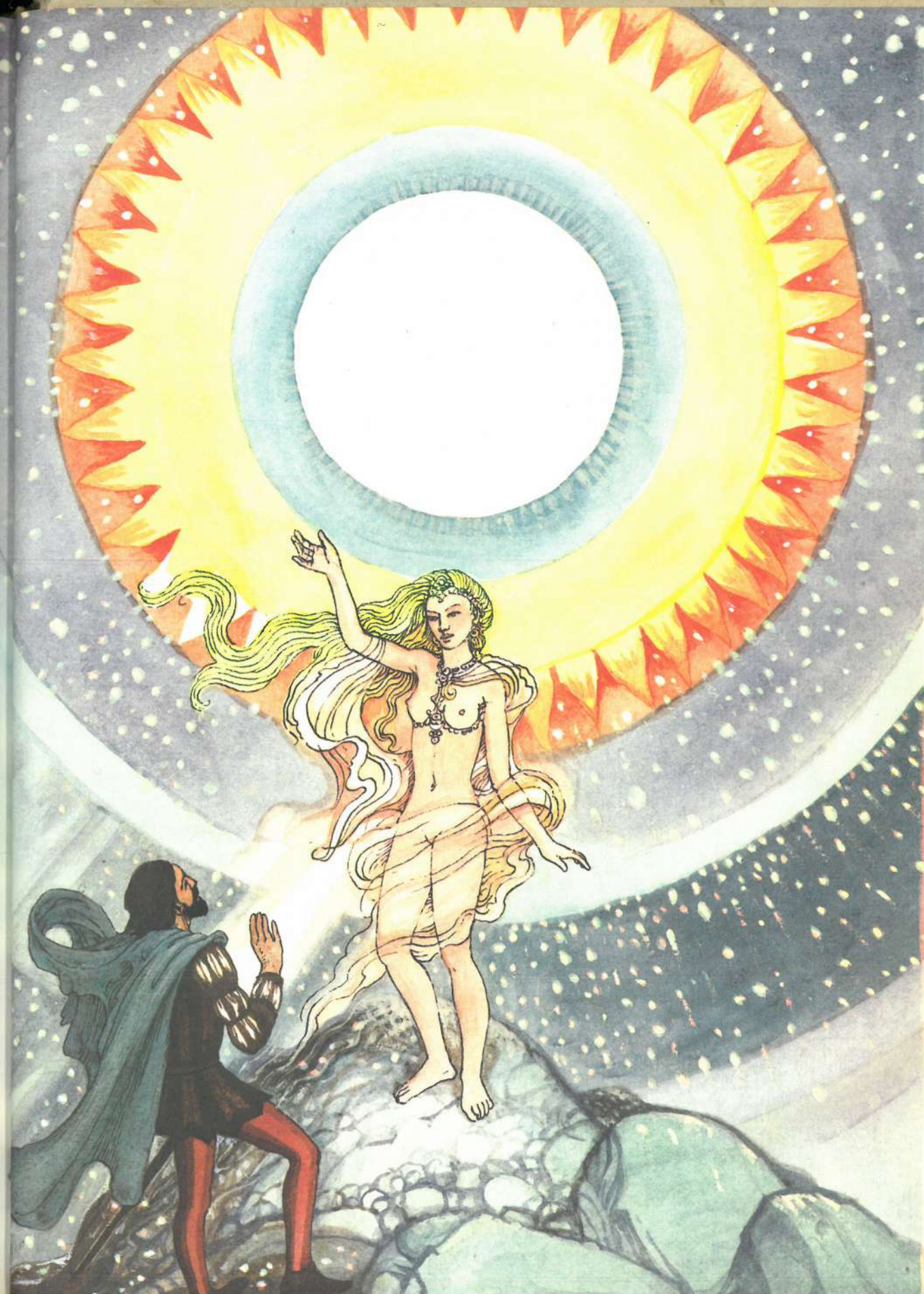
– Deu-te Deus o supremo privilégio de ver o que a ciência humana jamais viu. Segue-me, com os teus companheiros, por este monte frondoso.

Dito isto, guiou-os por um caminho áspero e selvagem.

Não andam muito que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que presume
A vista que divino chão pisava.
Aqui um globo vem no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Com a sua superfície, claramente.

Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a divina verga
Compôs, e um centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca se ergue ou se abaixa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem; e em toda a parte
Começa e acaba, enfim, por divina arte;

Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual, enfim, o Arquétipo que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a Deusa: – O transunto, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.

Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assim foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

E Tétis descreve a Vasco da Gama e aos companheiros todo o universo ali representado. No centro, imóvel, está a Terra, com os restantes três elementos: a Água, o Fogo, o Ar. Concêntricos a ela, vêem-se onze esferas: a dos sete planetas, o firmamento, o cristalino, o primeiro móbile e o empíreo, onde as almas puras gozam a bem-aventurança.

– Na Terra – diz a deusa – olhai a Europa cristã, mais civilizada e forte do que as outras partes do Mundo. Olhai a África inculta e bruta, povoada de gente sem religião, e escondendo no solo riquezas fabulosas. Olhai o imenso império do Benomotapa, onde o jesuíta missionário Gonçalo da Silveira sofrerá uma morte horrível por amor de Cristo. Nessa região reluz o oiro que os homens tanto adoram.

Olhai as casas dos negros, sem portas, pois os seus habitantes confiam na honestidade dos vizinhos. Olhai a escura multidão espessa e selvagem atacando a fortaleza de Sofala, defendida pelo heroísmo de Pêro da Naia. Olhai o lago onde nasce o Nilo, esse rio coalhado de crocodilos e que banha os povos abexins, devotos servidores da fé cristã. Olhai como eles se protegem dos inimigos, vivendo em acampamentos e não atrás de muralhas.

Nesta terra remota, o teu filho D. Cristóvão da Gama vencerá por duas vezes os exércitos turcos, mas terá um fim bem triste, pois será preso e degolado!

Olhai Melinde, que vos deu abrigo desejado e feliz! Olhai o mar Vermelho e toda a sua costa: o Suez; o monte Sinai onde está o sepulcro de Santa Catarina; Judá, porto de Meca; a Arábia com os seus cavalos de guerra, ligeiros e ferozes, de nobre raça; Dófar que exporta o cheiroso incenso dos altares; as águas de Ormuz assistindo, revoltas, à vitória de D. Pedro de Castelbranco, contra as galés turcas; a ilha de Barém e as suas pérolas preciosas, da cor da aurora; o nobre império da Pérsia, tão famoso em cavalos e tão rico de cobre, sem o saber fundir para o vigor das armas. Olhai Ormuz, onde dois Capitães lusitanos, D. Pedro de Sousa e D. Filipe de Meneses, provaram a força das suas espadas contra os persas.

Olhai, agora, toda a costa indiana, até Ceilão, onde os futuros Portugueses terão, por muitos séculos, vitórias, terras e cidades. Olhai as províncias entre o Indo e o Ganges, com diferentes nações de várias crenças.

Num desses reinos, Narsinga, guardam-se as relíquias benditas do apóstolo Tomé, que pôs a mão na chaga de Jesus.

Dele, vou-vos contar a história santa:

Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica;
Os ídolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica.
Longe do mar naquele tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se publica,
Tomé vinha pregando, e já passara
Províncias mil do mundo, que ensinara.

Chegado aqui, pregando e junto dando
A doentes saúde, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar, vagando,
Um lenho de grandeza desmedida.
Deseja o rei, que andava edificando,
Fazer dele madeira; e não duvida
Poder tirá-lo a terra, com possantes
Forças de homens, de engenhos, de alifantes.

Era tão grande o peso do madeiro
Que, só para abalar-se, nada abasta;
Mas o núncio de Cristo verdadeiro
Menos trabalho em tal negócio gasta.
Ata o cordão que traz, por derradeiro,
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Para onde faça um sumptuoso templo
Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com fé formada
Mandar a um monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada,
Que assim lho ensinou Cristo, e ele o prova.
A gente ficou disto alvoroçada;
Os brâmenes o têm por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.

São estes sacerdotes dos Gentios
Em quem mais penetrado tinha inveja:
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Um caso horrendo faz, que o mundo veja
Que inimiga não há, tão dura e fera,
Como a virtude falsa, da sincera.

Um filho próprio mata, e logo acusa
De homicídio Tomé, que era inocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa:
Condenaram-no à morte brevemente.
O Santo, que não vê melhor escusa
Que apelar para o Padre omnipotente,
Quer, diante do rei e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.

O corpo morto manda ser trazido,
Que ressuscite e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho, o seu, mais aprovado.
Viram todos o moço vivo, erguido,
Em nome de Jesus crucificado:
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida,
E descobre seu pai ser homicida.

Este milagre fez tamanho espanto
Que o rei se banha logo na água santa,
E muitos após ele; um beija o manto,
Outro louvor do Deus de Tomé canta.
Os brâmenes se encheram de ódio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo, em fim de tudo.

Um dia que pregando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruído.
Já Cristo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao Céu subido.
A multidão das pedras que voava
No Santo dá, já a tudo oferecido;
Um dos maus, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se iam da santa Fé que lhe ensinaste.
Mas os Anjos do Céu, cantando e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peças
Com que os teus Lusitanos favoreças.

E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como Tomé,
Dizei: se sois mandados, como estais
Sem irdes a pregar a santa Fé?
Olhai que, se sois sal e vos danais
Na pátria, onde profeta ninguém é,
Com que se salgarão, em nossos dias,
(Infiéis deixo) tantas heresias?

Mas voltemos ao reino de Narsinga, na enseada do Ganges, o rio considerado santo pelos naturais que nele desejam ser sepultos, por julgarem as suas águas purificadoras de todos os pecados. Olhai Chatigão, a principal cidade de Bengala. Daqui, a costa dirige-se para o sul, onde estão os reinos de Arrecão, de Pegu e do Sião, com a cidade de Quedá, rica em pimenta e, mais adiante, a península de Malaca, separada da ilha de Samatra por qualquer cataclismo, constituindo o antigo Quersoneso, que alguns supõem ser a misteriosa Ofir, cujas minas enchiam de oiro o rei Salomão.

Olhai o estreito de Singapura e mil nações dificilmente conhecidas. Olhai, naqueles montes, gente estranha que come carne humana e traz os corpos tatuados. Olhai o rio Mecom, no reino do Camboja, onde um poeta português, Luís de Camões, mais afamado que feliz, padece um horrendo naufrágio, conseguindo salvar a nado o manuscrito dos versos de *Os Lusíadas*. Olhai a Cochinchina, com as suas matas de aloés olorosos, o golfo de Tonquim, e o grande império chinês, com a sua soberba muralha separando-o da Mongólia, certíssimo sinal do seu poderio. Mas ainda muita terra aqui se esconde, até que venha o tempo de ser conhecida. Olhai, agora, as ilhas do Japão, onde nasce a prata fina, e que a lei de Cristo há-de iluminar. Olhai as ilhas Molucas com o seu vulcão e as suas árvores de cravo picante. Olhai as ilhas de Banda, com a sua noz-moscada e a beleza e colorido das suas aves. Olhai a ilha de Bornéu, com as suas árvores de cânfora. E, também, a ilha de Timor, com o seu sândalo saudável e aromático. Olhai a ilha de Sunda, onde, segundo os seus habitantes, corre um rio miraculoso que transforma em madeira a pedra que nele cair. Ali se cria o benjoim, a branda seda e o oiro reluzente. Olhai, em Ceilão, o alto monte que as nuvens encobrem e onde está a pegada humana que dizem ser de Adão quando ascendeu aos Céus. Olhai as ilhas Maldivas com os seus cocos aquáticos, tidos como um antídoto excelente contra qualquer veneno. Diante do estreito de Babelmândebe, olhai Sorocotá, com os seus amargos aloés. E olhai, olhai, outras, muitas ilhas semeadas pelas costas africanas, onde se encontra o delicado âmbar. Entre elas, Madagáscar, a famosa, chamada outrora S. Lourenço.

Vistes, pois, as vastas e novas partes do Oriente que vós, agora, dais ao Mundo, abrindo-lhe as portas do mar. É, porém, forçoso que vejais as partes do Ocidente onde Fernão de Magalhães, Português no valor, mas não na lealdade ao seu rei, se cobrirá de glória, navegando por caminhos jamais tentados. Olhai a imensa região que se estende de pólo a pólo, obediente a Castela, vossa amiga. Mas, onde o continente mais se alarga, é terra vossa, descoberta pelas frotas lusitanas: chama-se Santa Cruz ou Brasil, derivado do nome da madeira, cor de brasa, que lá se encontra em abundância. Ao longo deste litoral seguirá Magalhães, vendo, no extremo sul, a Patagónia com os seus gigantescos habitantes, e atravessando, depois, o estreito que recebeu o seu nome e liga o oceano Atlântico ao Pacífico.

E Tétis concluiu, diante da espantosa máquina do mundo, assim desvendada aos navegantes:

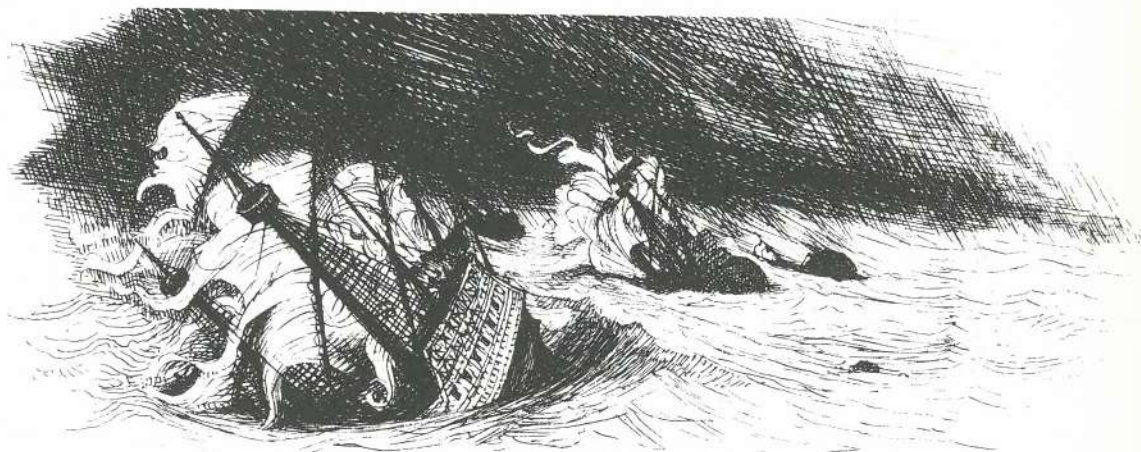
– É este o futuro que vos é dado conhecer, das valorosas empresas do povo português. Agora é tempo de regressardes à Pátria amada. Tendes o vento favorável e o mar tranquilo.

Então, Vasco da Gama ordena o embarque e todos abandonam, saudosos, a ilha alegre e namorada, onde os corações lhes pulsaram de intenso amor e onde a visão de um Portugal grande e glorioso lhes deslumbrou o espírito para sempre.

Assim foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E à sua Pátria e rei temido e amado
O prémio e glória dão por que mandou,
E com títulos novos se ilustrou.

Não mais, Musa, não mais, que a lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a Pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza.

E não sei por que influxo de destino
Não tem um ledo orgulho e geral gosto,
Que os ânimos levanta de contino
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no régio sólio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassalos excelentes.

Olhai que ledos vão, por várias vias,
Quais rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de idolatras e de Mouros,
A perigos incógnitos do mundo,
A naufrágios, a peixes, ao Profundo.

Estes são os vossos vassalos, sempre dispostos a servir-vos em tudo; sempre obedientes, mesmo quando longe de vós; sempre prontos a aceitar, sem protesto e com satisfação, as vossas ordens, por mais duras; sempre ao vosso lado nos combates até contra o próprio demónio, e bem capazes de o levar, a ele, de vencida!

Favorecei-os e alegrai-os com a vossa bondade e presença, aliviando-os das leis rigorosas, pois assim alcançareis a santidade. Elevai a condição dos mais experientes, pedindo-lhes conselho, pois eles sabem o como, o quando e o onde, certos, exactos, de cada coisa.

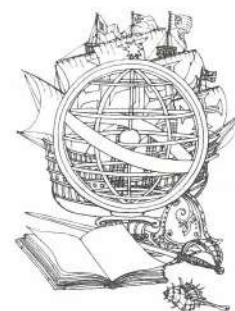
Beneficiai a todos nas suas profissões, segundo a aptidão de cada um. Fazei que os religiosos se obriguem a rezar pela felicidade do vosso reinado, com jejuns e disciplinas, sem sombra de vício ou ambição, pois o bom e verdadeiro religioso não pretende dinheiro nem glórias vãs.

Estimai os cavaleiros, pois, com o seu sangue intrépido e ardente, dilatam não só a fé cristã mas também o vosso império. Fazei, Senhor, que os povos alemães, franceses, ingleses e italianos, tão admirados no mundo, nunca possam dizer que o Português nasceu para ser mandado e não para mandar.

E não esqueçais que a disciplina militar não se aprende nos livros, sonhando e imaginando, mas sim na prática, vendo, contactando e combatendo.

Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

Para servir-vos, braço às armas feito,
Para cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada,
Como a pressaga mente vaticina
Olhando a vossa inclinação divina,

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,
A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem à dita de Aquiles ter inveja.

GLOSSÁRIO

Ampelusa – Cabo de Espartel, entre Tânger e Ceuta.

Artabro – Um cabo da Galiza.

Atlante, neto de – Mercúrio, deus do comércio e da eloquência, que era também o mensageiro dos deuses.

Cesárea – Relativa aos imperadores da Alemanha.

Ciclopes – Gigantes com um só olho no meio da testa que, nas forjas de Vulcano, fabricavam os raios para Júpiter.

Clóris – Flora, deusa da Primavera.

Cristianíssima – Referente aos reis de França.

Febo – Deus do Sol e da Poesia.

Fúlvia – Mulher de Marco António, que a deixou por **Glafira.**

Hipocrene – Fonte do cavalo. Segundo a fábula, o cavalo Pégaso feriu um rochedo com uma patada e fez brotar uma fonte. Quem bebesse da sua água ficava poeta.

Jápeto, filho de – Prometeu. Tendo roubado o fogo sagrado, Júpiter ordenou a Mercúrio que o amarrasse no monte Cáucaso, onde uma águia lhe vinha devorar o fígado.

Latona, filho de – Apolo, deus das Artes, que habitava com as nove musas o monte Parnaso.

Massília – Região da Numídia. Significa aqui todo o Norte de África.

Mavorte – Forma poética de Marte.

Medusa – Uma das três Górgonas, monstros que tinham o terrível poder de transformar em pedras quem para eles olhava.

Mesa de Tiestes – Atreu, para se vingar de seu irmão Tiestes, que o traíra, convidou-o para um banquete em que lhe deu a comer o próprio filho. O Sol, horrorizado, escondeu-se para não iluminar tamanha monstruosidade.

Próteo – O mesmo que Proteu, filho de Neptuno. Estava-lhe confiada a guarda dos peixes.

Tágides – Ninfas, filhas do rio Tejo.

Taprobana – A ilha de Ceilão.

Tarteso – Rio Guadalquivir, um dos maiores da Espanha.

Tebanos, os dois – Hércules e Baco. O primeiro é geralmente representado na figura de um homem vigoroso, coberto com uma pele de leão e armado de uma pesada maça. O segundo representa-se com um copo numa das mãos e um tirso – espécie de bastão – na outra, com o qual fazia brotar fontes de vinho.

Tonante – Epíteto dado a Júpiter, por ser o deus das Trovoadas.

Trudante – Capital de uma província marroquina.

ÍNDICE DAS ESTÂNCIAS TRANSCRITAS

ÍNDICE

Esta adaptação de *Os Lusíadas* conserva na íntegra as estâncias de leitura obrigatória, conforme os programas em vigor para o ensino secundário.

CLÁSSICOS JUVENIS
VERBO